



Rodrigo Christofolletti

CARICATURAS
INTEGRALISTAS NA
GUERRA FRIA
(1946-1961)



Rodrigo Christofolletti

CARICATURAS INTEGRALISTAS NA GUERRA FRIA (1946-1961)

1ª edição
Juiz de Fora/MG
2023



©Editora UFJF, 2023

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora.

O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es) são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es)



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE JUIZ DE FORA



Diretor da Editora UFJF
Ricardo Bezerra Cavalcante

Reitor
Marcus Vinicius David

Vice-Reitoria
Girleene Alves da Silva

Conselho Editorial
Prof. Dr. Martinho Alves da Costa Junior – PPG/His –
UFJF (Diretor)

Prof. Dr. Norval Baitello Junior – COS/PUC-SP
Profa. Dra. Maraliz de Castro Vieira Christo – PPG/His
– UFJF

Prof. Dr. Kleber Amancio – CECULT/UFRB
Profa. Dra. Claudia Viscardi – PPG/His – UFJF

Projeto Gráfico, Editoração e Capa
Paolo Malorgio Studio

Christofoletti, Rodrigo
Caricaturas integralistas na guerra fria (1946-1961) / Christofoletti, Rodrigo. – Juiz de Fora, MG: Editora UFJF/ClioEdel, 2023.
Dados eletrônicos (1 arquivo: 2mb)

ISBN: 978-85-93128-57-8

1. Integralismo. 2. Anticomunismo. 3. Guerra Fria. 4. Caricatura. 5. Integralismo – Jornais. I. Christofoletti, Rodrigo. II. Título.

CDU: 321.64(81)

Editora UFJF
Campus Universitário, Rua José Lourenço Kelmer, s/n
São Pedro, Juiz de Fora - MG, CEP: 36036-900
Telefone (32) 2102-3586
editora@ufjf.edu.br / distribuicao.editora@ufjf.edu.br
www.ufjf.br/editora

Filiada à ABEU



Conselho Editorial
Selo Clidel

Prof. Dr. Martinho Alves da Costa Junior
PPG/His – UFJF (Diretor)

Prof. Dr. Norval Baitello Junior
COS/PUC-SP

Profa. Dra. Maraliz de Castro Vieira Christo
PPG/His – UFJF

Prof. Dr. Kleber Amancio
CECULT/UFRB

Profa. Dra. Claudia Viscardi
PPG/His – UFJF

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial do Selo Clidel, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Agradecimentos

Devo gratidão a muitos colegas e instituições pela publicação deste livro. Agradeço ao Arquivo Público Municipal de Rio Claro, guardião do Fundo Plínio Salgado, pela gentileza em disponibilizar parte do material analisado neste livro. Todas as capas do jornal *Idade Nova* e *A Marcha*, bem como as ilustrações, caricaturas, charges, desenhos humorísticos presentes nesses jornais tornaram-se acessíveis graças à disponibilidade dos funcionários deste valoroso arquivo. Agradeço também aos colegas que estudam os movimentos políticos de direita, dos quais o integralismo se destaca. Agradecimento especial ao GEINT (Grupo de Estudos sobre o Integralismo), ao GT História das Direitas, à rede de investigação Direitas, História e Memória e ao Observatório da Extrema Direita, por tudo o que produziu nas últimas duas décadas. É na interlocução com vocês, colegas, que pontos nebulosos dessa trajetória se tornam mais bem compreendidos. Nesse sentido, aos que me precederam, aos meus contemporâneos e aos que me sucederão, meus sinceros agradecimentos. Agradeço de forma especial ao Programa de Pós-graduação em História da UFJF, ao selo editorial Clio Edel e à Editora de UFJF pela oportunidade da publicação.

Sumário

Prefácio	7
Introdução	10
PARTE 1	
Se o burlesco é risível, o grotesco também é	14
Caricaturas como propaganda política: entre o ataque e a auto-homenagem	21
Imagens que valem mais que palavras?	21
PARTE 2	
Idade Nova – o velho jeito de combater o comunismo	29
O homem de ferro e seu bigode de aço – Stalin em vários nanquins	44
A desesperança do Cavaleiro da Esperança	54
Dutra em três atos	61
Sucessão presidencial – Parte 1 Vargas, Dutra, Vargas	63
Idade Nova em 30 capas	69
PARTE 3	
A Marcha – redobrando a aposta do anticomunismo	100
Como se lê a imagem que fala por si?	104
Plínio Salgado: o protagonista discreto	114
Nazismo: tema sensível ou abordagem anacrônica?	120
Guerra Fria em banho Maria... subindo a temperatura conforme as conveniências	123
Kruschev e Castro: reflexos da mesma imagem?	130
Fidel, o fiel	137
Sucessão presidencial – Parte 2. De Vargas a Quadros: um clichê supervalorizado	141
O Corvo ou a besta?	148
Jânio Quadros e a ridicularização do bufão histriônico	156
A Marcha em 30 capas	165
Considerações Finais	195
Referências	201

Prefácio

O RISO AUTORITÁRIO

Começo esse prefácio com uma provocação em forma de oxímoro, eivada de senso comum: “os fascistas riem?” A resposta vem rápida, e até impaciente, certamente por demais óbvia: “mas claro que sim! São humanos” (não são?)¹. E o ser humano é um animal político, completaria Aristóteles. Como todos sabem, o riso também é uma arma política, e das mais eficazes. Com os integralistas brasileiros não foi diferente.

Temos em mãos uma preciosa e inédita coletânea de ilustrações, organizada e comentada por um pesquisador cuidadoso e que sabe bem aonde está mexendo. Rodrigo Christofoletti, amigo de longa data, parceiro criador do GEINT (Grupo de Estudos sobre o Integralismo, o qual já deixou marcas na historiografia sobre a extrema direita brasileira), passou mais de uma década estudando e publicando sobre um tema no qual ele é, salvo engano exclusivamente meu, praticamente um pioneiro: a imprensa do Partido de Representação Popular (PRP), que foi a agremiação política que Plínio Salgado e seus seguidores criaram depois do fracasso da experiência da Ação Integralista Brasileira (AIB), em sua tentativa de reinserção na política após a queda do Estado Novo. Rodrigo já tinha analisado, no seu mestrado, a memória integralista e sobre o integralismo no pós-Segunda Guerra, nos jornais do PRP, além das páginas da grande mídia corporativa. Em seu doutorado, discorreu sobre a Enciclopédia do Integralismo, empreendimento editorial que procurava fazer uma ponte da geração da AIB e a do PRP dos anos 1950 e 60. De resto, também o editor da Enciclopédia e do jornal *A Marcha*, Gumercindo Rocha Dorea, recentemente falecido, e cuja atuação não se limitou apenas aos produtos integralistas (foi criador das Edições GRD, que lançou Rubem Fonseca, Nélida Piñón e toda uma geração de autores de ficção científica) também foi contemplado na pena de Christofoletti, em artigos que merecem nossa atenção.

Apesar de já haver vários trabalhos sobre o PRP (a não ser confundido com o Partido Republicano Paulista, da República Velha, mais conhecido), o partido segue sendo um quase desconhecido para os que lidam com a história recente do país (como os jornalistas, mas não só), inclusive na historiografia contemporânea. O que

1 Hannah Arendt, por exemplo, nos lembra da humanidade de Eichmann em seu pior sentido: o dirigente da “Solução Final do Problema Judeu”, no Holocausto, não era um monstro, um demônio ou uma criatura de outro planeta: em todas as suas fraquezas e crueldades, ele era um ser humano.

é problemático, pois a evolução recente do autoritarismo brasileiro permanece com lacunas cognitivas que pareceriam, incorretamente, inexplicáveis.

O livro permite enxergar a política brasileira do período 1945-1964, bem como a primeira metade da Guerra Fria de forma única: através de um ponto de vista integralista. Integralismo, aliás, já diferenciada do vigente no Entre-Guerras, mais familiar para nós. A partir de 1945, os antigos camisas-verdes se despiam de suas indumentárias que denunciavam a explicitude do seu caráter fascista- de resto abertamente amaldiçoado na política pós-Auschwitz- e abraçavam tinturas mais condizentes com a democracia liberal, assumindo uma posição claramente pró-Washington, em eventos como a Guerra da Coreia, o Bloqueio de Berlim ou a Revolução Cubana (esta última, aliás, dialoga diretamente com a política brasileira nas próprias charges).

Contribuição inegável do trabalho é o resgate dessas ilustrações de volta à luz do dia. Elas têm embutidas em si uma visão de mundo que, queiramos ou não, estava presente muito além das hostes integralistas. E uma visão que, inclusive, pode nos ajudar muito a entender a realidade contemporânea.

O que mais salta aos olhos na coleção de caricaturas integralistas é o anticomunismo malicioso, corrosivo, demonizante... de resto talvez não muito diferente de outros exemplares de caricaturas anticomunistas da época. Stalin, Kruschew, Prestes e Fidel Castro aparecem quase invariavelmente como figuras animais, monstruosas, e não apenas ridículas, como é o comum das charges. Mas as farpas não são direcionadas apenas aos líderes comunistas: Getúlio, o velho desafeto, lembrado sempre aqui como “O Ditador”; Carlos Lacerda, cuja “metralhadora giratória” verbal nunca poupou Plínio e os seus seguidores; e Jânio Quadros, mostrado como alucinado e próximo a Fidel, estão entre as figuras mais visadas pelos caricaturistas “verdes”.

Infelizmente para nós, aliás, nosso autor não consegue nos entregar maiores informações sobre os artistas do traço para além de seus nomes, como ele mesmo tem a grandeza de admitir. Contudo, ainda assim, essa coletânea deve ser vista como a oportunidade – de outra forma não contemplada- para que futuros pesquisadores encontrem fontes atualmente desconhecidas, mas que preencherão lacunas dessa já importante contribuição para a história da caricatura em nosso país.

Para mim, particularmente, o livro me chama a atenção a uma peculiaridade. Por muito tempo, estudei a AIB e sua imprensa. Não pude deixar de notar que, apesar de toda sua importância, as charges eram pouco comuns na imprensa integralista dos anos 1930, bem diferente do que ocorreu nos anos 40-60, apesar de a mídia do PRP ter estado longe do alcance da de seu congênere anterior. A AIB, a outrora orgulhosa dona da rede jornalística “Sigma Jornais Reunidos”,² não conseguiu criar e manter cartunistas que ajudassem na divulgação de seu credo político. Intento que, conforme a presente obra nos mostra, logra apenas no cenário pós-guerra.

2 Sobre isso, veja-se, por exemplo, a indispensável obra de Rosa Cavallari.

Um auxílio para o leitor, mas também um bônus, são as coleções de capas de *Idade Nova* e *A Marcha*. Elas permitem uma imersão ainda maior naquele contexto político, além de nos levar ao conhecimento de particularidades inusitadas do pensamento integralista/perrepista flagradas nas manchetes e textos laterais das primeiras páginas, como a dúvida da existência do satélite Sputnik. Negação da realidade por cegueira ideológica em estado bruto (algo, aliás, infelizmente muito atual).

Em *Caricaturas integralistas na Guerra Fria (1946-1961)*, Rodrigo Christofolletti nos convida, pois, a perscrutar o humor integralista, e como ele interagiu com sua época. Trata-se uma contribuição fundamental para a histórica política e para a história da imprensa brasileiras. Os fascistas e autoritários riem, com certeza. O problema maior, porém, é quando eles impedem o riso dos outros.

Renato Alencar Dotta

Coordenador nacional do GT História das Direitas – ANPUH Brasil

Introdução

POR QUE CARREGAR O TRAÇO DOS COSTUMES?

Dizem que eu sou um debochado,
mas só porque aumento o que os olhos crus não veem.
(Marcel Marceu, 2007).

Pouco antes de sua morte, aos 84 anos, em setembro de 2007, o mais conhecido mímico do mundo, o francês, Marcel Mangel, conhecido pelo pseudônimo de Marcel Marceu, proferiu novamente uma de suas frases prediletas: “Dizem que eu sou um debochado, mas só porque aumento o que os olhos crus não veem”. Com a cara limpa, sem a tradicional maquiagem de *clown*, que caracterizava seu personagem mais reconhecido, Bip, Marceau nos serve de inspiração para buscarmos compreender como o acento nos costumes pode explicar muito sobre quem somos. Mas, o que a mímica tem a ver com a caricatura ou o desenho humorístico? Poderia questionar um leitor distraído. Tudo, pois ambos propiciam ao expectador a possibilidade de enxergar coisas que os “olhos crus” não veem. Por este motivo, o deboche de Marceau, assim como o burlesco e, muitas vezes, o grotesco acentuado pelas penas dos desenhistas integralistas analisados neste livro, nos servirão de guias neste terreno pantanoso da compreensão política por meio da arte do traço carregado.

Do ponto de vista organizacional há três coisas que precisam ser explicadas. A primeira: este livro ficou engavetado por quase duas décadas. Nesse período muita tinta correu no papel. Então, motivado pela obriedade da reclusão causada pela pandemia, resolvi trazê-lo à público, como forma de finalizar um ciclo a muito inacabado. Após ter publicado, em 2021 um livro sobre a *Enciclopédia do Integralismo*, partes de minha pesquisa iconográfica sobre o movimento integralista (nos estudos do mestrado e doutorado) merecia ganhar notoriedade. Por este motivo, lançar este livro no momento em que nosso país vive a maior crise institucional da democracia recente, me parece uma centelha do meu papel nessa luta contra o obscurantismo e um rechaço ao negacionismo bolsonarista que se instaurou em nosso país. A segunda: sou hoje um leitor diletante do período analisado e não mais um especialista (como me considerava a cerca de dez ou vinte anos atrás), de forma que pleiteio certa indulgência para com as análises apresentadas, que a alguns olhos mais críticos possam parecer pouco aprofundadas. A ideia é exatamente esta, colocar as impressões sobre os desenhos destacados sem a pretensão de outorgar um peso definitivo na forma como se leu as imagens, os contextos e as vivências aqui exibidos. Em terceiro lugar, mas de forma

não menos importante, gostaria de genericamente comentar algumas palavras sobre como esse livro foi concebido.

Após uma breve apresentação sobre as premissas básicas da publicação, o livro se divide em três partes congruentes. Na primeira, intitulada: *“Se o burlesco é risível, o grotesco também é”* busca-se teorizar sobre o universo das caricaturas como ferramenta de compreensão política, discutindo os desenhos integralistas como propaganda- entre o ataque e a auto-homenagem. Tomando o mote popular de que, muitas vezes, as imagens que valem mais que palavras, esta primeira parte focaliza e amplia as percepções sobre o que é, como se usa e como se lê as informações imagéticas no diapasão do caricatural, do superlativo, da hipérbole. A segunda e a terceira partes do livro se dedicam a esmiuçar a seleção realizada entre as quase duas centenas de caricaturas e desenhos humorísticos publicados ao longo de duas décadas pelos dois mais representativos jornais do integralismo no pós-guerra.

O cenário é a Guerra Fria e a escalada do anticomunismo. Os personagens são os líderes mundiais, os próprios integralistas, as situações inusitadas e os fatos históricos que possibilitarão ao integralismo registrar a sua visão de mundo. Por isso, na segunda parte, intitulada: *“Idade Nova – o velho jeito de combater o comunismo”*, apresenta-se o olhar integralista sob as primeiras décadas da Guerra Fria e como suas caricaturas ajudaram suas fileiras e simpatizantes a forjarem as lentes do anticomunismo. Personagens relevantes do mundo político serão apresentados, segundo o traço dos caricaturistas integralistas. Nesse sentido, Stalin, Prestes, Vargas, Dutra, Ademar de Barros dentre outros serão analisados mediante a pincelada de vários nanquins. Finaliza o livro, o aprofundamento conquistado pelos desenhistas integralistas, na compreensão sobre as variadas e sofisticadas formas de ação política, caracterizadas na periodicidade do jornal A Marcha, que dobra a aposta do anticomunismo oficializando a visão integralista. Nesta última parte, intitulada: *“A Marcha: redobrando a aposta do anticomunismo”* discute-se como ler a imagem que fala por si? Outros pontos discutidos são os tons e sobretons das conveniências da Guerra Fria, em relação direta com a sucessão presidencial, a ridicularização de alguns personagens específicos, como Jânio Quadros, Carlos Lacerda e os representantes mais midiáticos do comunismo: Nikita Krushev e Fidel Castro, todos cognominados “bufões histriônicos”.

Merece registro a maneira pedagógica como as capas desses jornais foram trabalhadas neste livro. Foram selecionadas trinta capas do jornal Idade Nova e trinta de A Marcha, perfazendo um total de quinze anos. Este exercício serviu para explicitar exemplos de como a imprensa integralista do período estudado noticiava suas manchetes de capa. Possibilitou também apresentar um panorama das predileções nas manchetes e notícias veiculadas em ambos jornais. O leitor mais atento perceberá que nessas capas está impresso como marca d’água, o timbre do Arquivo Público Municipal de Rio Claro, arquivo que gentilmente cedeu o material para este livro.

Por outro lado, a cor sépia dos desenhos de Idade Nova acompanha a coloração das páginas do próprio jornal, oxidadas pelo tempo, de maneira que não houve nenhum tratamento de cores nos recortes. Já em alguns desenhos publicados em *A Marcha*, foram retirados em alguns exemplares os sombreamentos carregados que inviabilizavam a compreensão do desenho. De qualquer forma, foram poucos os que sofreram algum tipo de tratamento na imagem. As pátinas estão ali, como vernizes do tempo nas caricaturas de mais de setenta anos.

Por fim, após rápida incursão sobre temas esporadicamente apresentados nos desenhos selecionados, temas como o legado do nazismo, a guerra espacial, a nova fronteira enfrentada na criação da nova capital federal, conclui-se a análise das mais de uma centena de caricaturas apresentadas neste livro. *O riso de quem ri por último*, encerra a empreitada buscando compreender o fato do por que em pleno 2023 ainda lembramos desses episódios. Iniciemos com um apelo: prestemos atenção nos traços deixados pelos desenhos humorísticos e caricaturas integralistas, pois o burlesco e o grotesco costumam ser tão palatáveis quanto perigosos. Que esses quinze anos de caricaturas (1946-1961) compreendendo mais de uma centena apresentada neste livro sejam um lembrete vivo do que o traço carregado pode fazer.

PARTE 1
SE O BURLESCO É RISÍVEL,
O GROTESCO TAMBÉM É

“Le integralisme: voilà l’ennemi
ou synonyme de pleurer de rire?”

(Paris Match – Out. 1957).

A chacota e o cômico são irmãos siameses, quando chamados, ambos se apresentam. O mesmo traço que serviu para ridicularizar os antagonistas do integralismo, trabalhou para evidenciar que o burlesco e o grotesco foram abundantes nos desenhos de autovalorização integralista. Apresentaremos nesse livro as premissas teóricas e epistemológicas que fazem da imagem, em geral, e da caricatura, em específico, objetos riquíssimos para análise historiográfica. Busca-se mostrar os caminhos percorridos em dois dos mais representativos jornais integralistas do período pós-guerra. Faz sentido, portanto, afirmar que os registros de imagens, sobretudo a caricatura³, vem se constituindo em um relevante campo para o historiador. Estudiosos têm se valido desse material como meio de investigação resgatando o *modus vivendi* de uma sociedade, de um personagem, mesmo que os apresentando com tintas e contornos carregados. Aliás, é deste “carregar” dos traços e temas que se plasma o conceito fundamental deste livro. Do universo da imagética, a caricatura é o *jovem arbusto do jardim das delícias* (KOSSOY, 1989). Esta definição nos é bastante cara uma vez que explicita a quão esclarecedora é sua compressão.

Três vocábulos de origem italiana nos servem de ponte para o que se espera apresentar neste livro. O substantivo masculino *burlesco* possui definição ampla nos dicionários da língua portuguesa: cômico; que causa riso ou zombaria por ser muito ridículo; caricato ou que se assemelha a uma caricatura; forma de representação que busca satirizar pessoas ou ações humanas; trocista; que gosta de provocar riso por meio da zombaria; característica do que é ridículo e causa risos. Podemos, portanto, substituir o burlesco por outros sinônimos: caricato, grotesco, cômico, trocista. Já o vocábulo *grotesco*, traduz a ideia daquilo que causa riso ou aversão por ser ridículo, inverídico, esquisito ou por representar uma situação bizarra, caricata. Advém dos ornamentos descobertos nas ruínas de Roma, representando seres fantásticos, animais e indivíduos entrelaçados com elementos extravagantes, ridículos ou disformes. No mesmo sentido, a palavra *caricatura* oriunda do verbo italiano *caricare*, ganhou ao longo do tempo o significado de sobrecarregar, carregar exageradamente os traços de algo ou alguém, acentuando características que acentuam detalhes ridículos.

Em livro sobre a caricatura no período do governo João Goulart, *Jango e Golpe militar de 1964 na caricatura*, Rodrigo Patto Sá Motta analisa as expressões *caricatura*

3 O vocábulo (do italiano *caricatura*, de *caricare*, "carregar", "acentuar") foi utilizado pela primeira vez em 1646, para designar uma série de desenhos satíricos de Agostino Carracci que focalizava tipos populares de Bolonha. A caricatura transcende o domínio do puramente visual.

e *charge* de maneira bastante apropriada para o propósito deste livro. Tais expressões são, de acordo com Motta, “utilizadas frequentemente de maneira indistinta, e nesta área não há definições canônicas. De acordo com uma das mais acatadas propostas de definição, a primeira retrata figuras humanas conhecidas, enquanto a especialidade da *charge* (carregar, em francês) seria abordar de maneira carregada fatos e acontecimentos específicos. Há quem divirja dessa classificação, entendendo que o termo caricatura pode apenas ser usado para designar retrato pessoal, enquanto *charge* seria um comentário crítico a essas e situações.” (MOTTA, 2006, p. 4). Tal como no livro de Motta, neste também adotaremos, na maioria das vezes, a expressão caricatura, embora as vezes os desenhos utilizados também possam ser compreendidos como *charges*.

A caricatura é, assim, a reprodução gráfica de uma pessoa, animal ou coisa, de uma cena ou episódio, exagerando-se certos aspectos com intenção satírica, burlesca ou crítica. Presente em várias publicações de cunho político-popular, a caricatura transita em ordem diferente da do texto escrito. Para Ana Maria Mauad (1996), a caricatura é “um texto icônico que antes de depender de um código é algo que institui o próprio código”, capaz de incorporar funções sógnicas que expressam visões do real. Emula uma ferramenta mordaz e sarcástica que adquire importância devido ao seu potencial de expressão quando provoca discussões sobre situações vividas pela sociedade, sobre política e a relação do povo com seus governantes bem como sobre a atuação e posicionamento dos políticos. Mauad corrobora o que afirma Tomé Saliba (2002, p. 22) para quem as representações humorísticas, nas suas inúmeras formas e procedimentos, forjam-se nos fluxos e refluxos da vida, nos tecidos sociais e históricos, de forma que essas atitudes humorísticas são vistas como partes indistintas dos processos cognitivos, pois partilham como o jogo, a arte e o inconsciente, o espaço do indizível, do não-dito e até, do impensado. De forma que podemos entendê-las como um esforço de desmascarar o real, captar o indizível.

Na medida em que a base do caricaturista é a vida cotidiana, o tempo presente, e não outro compõe a imagem a fim de completá-la. É uma ode ao *chronos imageticus*, uma vez que como em uma crônica literária preocupa-se com os instantâneos do presente. No espaço delimitado pelas imagens, nota-se que a caricatura é a que traduz o objeto representado de forma singular. A união da palavra com a imagem ajuda a compreender o conteúdo da mensagem e facilita o processo de transmissão da informação. Na trilogia constituída pelo texto impresso, imagem e legenda destacamos o pensamento de Moles: “A legenda comenta a imagem que, sozinha, não é totalmente entendida. A imagem ou figura comenta o texto e, em alguns casos, a imagem até comenta sua própria legenda” (MOLES apud SANTAELLA, 2001, p. 55). No entanto, se a caricatura é deveras utilizada como escárnio, como crítica formal, também, em alguns casos isolados, pode ser empregada com a intenção de supervalorizar, superdimensionar algum fato ou alguém.

Acredita-se que foi este o objetivo levado a cabo pelos caricaturistas vinculados aos jornais *Idade Nova* e *A Marcha*, hebdomadários oficiais do integralismo vinculado ao Partido de Representação Popular- PRP, que de 1946 a 1961 publicaram dezenas de caricaturas de integralistas em campanha, e de seus detratores, bem como de sua visão de um mundo mergulhado na bipolarização política da Guerra Fria (sobretudo, em sua fase inicial), mostrando de maneira livre os *tons-sobretons* de muitos integrantes do movimento, seus antagonistas e a relação nutrida pelos mesmos, sempre os apresentando como personagens inseridos em cenas cotidianas de discussões políticas que, invariavelmente eram vencidas pelos integralistas, fosse pelo exacerbado anticomunismo, a dúbia relação com o cristianismo ou mesmo a pendular aproximação com personagens políticos antagonistas. A publicação dessa série de caricaturas elaboradas por um grupo de artistas vinculados aos dois mais representativos jornais proselitistas do movimento, institui de maneira indelével alguns dos marcos reguladores deste novo (?) *ethos* integralista. Tal conjunto de valores será aqui retratado como ponto fundamental para se entender sua atuação no período pós 1946.

Marcos Silva tem uma frase perspicaz para se referir a esse *ethos*, esse lugar de fala do chamado humor visual. Para Silva: “(...) o que se observa crescentemente é que temas de particular interesse para a pesquisa histórica podem ser descobertos por meio de personagens, acontecimentos, referências a situações difusas, sentimentos, mas facilmente, tal apresentação se transforma particular e facilmente em uma enxurrada de “fatos”, configurando uma das vias mais palpáveis para o trabalho do historiador. (...) Mas, um desenho de humor que apresenta um determinado personagem da política no corpo de uma ave de mau agouro, com espertos olhos e risos, desfila toda uma linha editorial sobre aquela pessoa e o conjunto de atores políticos do momento em que ela foi reiteradamente evocada pela lente do riso. Não se trata de reforçar a descabida oposição entre realidade e ficção, propõe-se mobilizar a tenção de um público dando-lhe prazer artístico e participando de suas atuações políticas como formadoras de opinião pública” (SILVA, 1999, p. 15).

A despeito do arrefecimento da postura radical integralista e do fortalecimento da sigla por meio das propagandas de seu jubileu de prata, (elementos que encontraram nas caricaturas dos jornais integralistas grande apelo) o retorno do integralismo às manchetes dos jornais causou desconforto à opinião pública, que não acreditava que tivesse ocorrido uma real transformação. Basta lembrarmos que desde 1945, a relação entre o integralismo e os jornais da imprensa brasileira foi marcada por atritos. Longe de se manter indiferente, tal relação primava, de um lado, pela hostil e virulenta manifestação antiintegralista e de outro, pela pequena, mas não menos contundente autoafirmação integralista. Se a imprensa se posicionou contrariamente ao reaparecimento da mística e simbologia integralistas, a mídia impressa integralista,

por sua vez, destinou um significativo espaço para a propaganda de sua doutrinação e vendagem de seus produtos.

Redefinindo pontos de choque com a postura dos anos 1930, os integralistas *perrepistas* do pós-guerra buscaram na sua estruturação elementos que reafirmassem seu aparato ritualístico e mítico e mantiveram uma oposição ao comunismo cada vez mais acentuada supervalorizando seus adereços, ritos e símbolos, como força motriz para sua caminhada política. Por outro lado, a atmosfera de redemocratização na qual o país vivia projetou atores que passaram a afirmar cada vez mais que o integralismo representava o mal essencial. Os liberais, a imprensa de circulação nacional e, em diversos momentos, outra face direitista, representada pela UDN (sobretudo, Carlos Lacerda) lançaram a metáfora de que o “novo” integralismo seria um vírus que não poderia mais ser hospedado no corpo da sociedade. Nessa disputa, com o intuito de promover atividades que ensejassem a partilha de sua cultura política, calcada em sua rede de sociabilidade, o partido avançou nas suas investidas, projetando estratégias e eventos que viabilizassem uma reviravolta na sua atuação político-partidária.

O fato destes desenhos caricaturais serem, via de regra, apresentados diferenciando os integralistas dos demais personagens contidos na cena seja pelo tamanho, pelo traço ou a forma (este é apenas um dos exemplos de diferenciação) atesta a formal preocupação de incutir uma mensagem clara de distinção entre os personagens integralistas e seus opositores. Nesse sentido, os próceres integralistas sempre eram enquadrados como personagens que diante das situações apontadas, saíam-se sempre vitoriosos, engrandecidos e fortalecidos. Enfrentar o universo integralista, cheio de contradições e pluralismos de interpretação não é uma tarefa fácil. Para tanto, buscou-se: a) identificar quem são os personagens caricaturados e com que frequência estes aparecem nos textos editados nesses jornais integralistas do pós-guerra; b) sinalizar os eixos temáticos que mais se destacaram nas caricaturas, enfatizando os mais representativos do ponto de vista do cotidiano político do período pós guerra, em especial, os vinculados aos finais dos anos 1940, 1950 e 1960 no Brasil e exterior; c) destacar os atos e falas e o léxico emitidos pelos diálogos presentes nas caricaturas; e) descrever o contexto de onde se produz a interação comunicativa destas peças. Assim, ao optarmos pela utilização desse material visual temos a obrigação de relevar o alerta de Boris Kossoy sobre o uso da iconografia em estudos históricos. “Este material iconográfico precisa ser manipulado com critérios, extraíndo desta o seu potencial informativo, caso contrário ela apenas se consolida como mero apetrecho ilustrativo de uma obra” (KOSSOY, 1989, p. 91). Sem dúvidas o desafio do historiador que se defronta com este tipo de fonte/narrativa imagética é tão grande quanto é sua vontade de vasculhar, escarafunchar, descobrir ligações que lhe sejam oportunas.

Período das grandes conflagrações internacionais, das convulsões sociais, das ideologias totalitárias, o século 20 se transformou em um manancial ilimitado à

exploração da caricatura. No Brasil não foi diferente⁴. Sobretudo, no período estudado, finais dos anos 1940 em diante a caricatura encontrou na imprensa escrita *lócus* de atuação privilegiado. Cabe assim ressaltar o papel da imprensa quando se pretende relacionar o uso da caricatura como registro de uma determinada época. A imprensa lança a centelha da dúvida, suas páginas a corroboram e suas imagens, iconográficas ou caricaturais espelham esta busca com intensidade e furor. Por isso podemos definir que as caricaturas são um elemento importante da cultura e da indústria cultural, mobilizando uma linguagem artística de ampla repercussão pública.

As características do contexto histórico em foco (finais dos anos 1940 aos meados dos 1960) geraram um momento especial para a produção caricatural, diferenciado de outros tempos. Motta analisa o período pré-golpe de 1964 como sendo “um momento único no que tange às produções caricaturais” (MOTA, 2006, p. 10) Acreditamos que diversos momentos foram relevantes, como o período mencionado pelo autor, tempos profícuos na temática e indelevelmente marcados pela utilização da caricatura como instrumento de crítica social e, sobretudo, política, mas os anos 1950 também serão paradigmáticos, sobretudo sua segunda metade. Este livro analisa caricaturas de personagens políticos que no período mencionado produziram uma autoimagem que objetivava edulcorar suas façanhas e trajetórias. O controvertido grupo de integralistas que se auto identificava como “o grupo do eterno retorno”, buscou em quase sua totalidade transmitir uma visão positiva de Plínio Salgado e dos integralistas, fustigando figuras ideológica e partidariamente dissidentes.

Embora a arte da caricatura favoreça a crítica, não a exaltação, as caricaturas selecionadas pendulam entre um campo e outro: ora como detratoras dos inimigos dos integralistas ora como modelos de autopropaganda de suas atividades públicas. Nesse sentido a caricatura destaca a idiossincrasia de uma imagem cara ao movimento integralista: ao colocar o chefe integralista impassível na “tribuna dos representantes

4 Em 1963, após vinte anos de pesquisas, o escritor Herman Lima lança um trabalho enciclopédico que se materializou em uma série de quatro volumes publicada pela prestigiosa editora José Olympio, intitulada História da caricatura no Brasil. No volume introdutório afirma que “(...) não é necessário, por evidente, encarecer a importância da caricatura, como divulgadora dos acontecimentos contemporâneos, a tal ponto que a História tanta vez se verá forçada a recorrer a uma expressão do grotesco intencional duma charge do passado, para a exata compreensão dos homens e das coisas do seu tempo, dando-se-lhe, assim, o mesmo aprêço que a um palimpsesto ou a um códice (...)” (LIMA, 1963, p. 6). Ao folhearmos os quatro livros que compõe a enciclopédica pesquisa, podemos acompanhar a evolução do traço no desenvolvimento do gênero, a sofisticação e importância do aspecto crítico dos autores, a estética das composições, a profusão de artistas dedicados à modalidade, mas, sobretudo, percebemos, pela extensão do trabalho, o tempo que o pesquisador teve que dispender para cumprir a tarefa sozinho. Mesmo que o resultado não seja hoje uma unanimidade, não podemos deixar de pensar sobre o interesse, a dedicação e as circunstâncias vivenciadas pelo autor até a conclusão da pesquisa. Informações sistematizadas sobre esta série podem ser encontradas na dissertação de mestrado de Renata Sousa Queiroz, intitulada: História da Caricatura no Brasil: um fardo nobre, cheio de memória e pertencimento, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

do povo” os caricaturistas trabalham situações tensas e dramáticas, no caso, universais, em termos de luta pelo poder político, e ao mesmo tempo, cômicas porque as remete ao *modus politicus* integralistas, visto por muitos como anacrônico.

A visibilidade deste quadro e toda uma gama de situações políticas que sugere seu conjunto, nos leva a perceber que se trata antes de um tipo específico de humorismo, classificado por Umberto Eco como “metasemiótico e metatextual”.⁵ (ECO, 1994, p. 245). Neste caso, reitera-se a já sinalizada tese de Ana Maria Mauad, entendendo a caricatura como um texto icônico que antes de depender de um código é algo que institui um código. No contexto da mensagem cômica ou irônica, a caricatura/imagem, “ao assumir o lugar de um objeto, de um acontecimento ou ainda de um sentimento incorpora funções sógnicas” (MAUAD, 1996, p. 96).

O cômico e o deboche são por definição pontes possíveis para se acessar a mente humana, pois a matéria cômica presta-se a uma dupla interpretação e, por essa razão, produz no espírito humano uma dupla impressão: de lógica e, simultaneamente, de absurdo. O riso é o resultado da nossa aceitação de duas ideias ou situações aparentemente irreconciliáveis. O cômico visa normalmente a solução de uma tensão por meio do riso. Por outro lado, não tem apenas um caráter lúdico associado ao prazer, pois aparece muito frequentemente no texto literário e ou imagético associado a uma função didática, cumprindo a célebre máxima latina: “*Ridendo castigat mores*” (É com o riso que se corrigem os costumes). Trata-se da convicção de que as expressões visuais (no caso, a caricatura) possuem notável poder de comunicação, alcançando efeito superior ao do discurso verbal. Daí o aforismo *uma imagem vale mais que mil palavras*. Nesse sentido, também é verdadeira a ideia de que o surgimento do desenho de humor permitiu maior aproximação das classes subalternas em relação à política, tornando os assuntos políticos mais próximos do universo da compreensão do povo.

O fundamento do elemento cômico e da crítica política satírica reside na relação hiperbólica de características efetivamente presentes nas personagens retratadas. Há as distorções do real para hiper valorizar ou hiper enfatizar algo, ou partes de um discurso. O mesmo se dá em relação às cargas de natureza política. As caricaturas fizeram parte do debate político e ajudaram a disseminar imagens correntes sobre os temas em disputa, notadamente representações dedicadas aos atores políticos principais (SILVA, 1990, p. 78), como foi o caso de Plínio Salgado nos jornais integralistas.

Motta atesta ainda que utilizar caricaturas como fonte implica um duplo desafio para o pesquisador: interpretar as imagens sem cair no óbvio e referir-se a peças de humor sem tirar-lhes o efeito cômico, ou seja, nada mais sem graça que explicar uma piada “(...) por isso, o mais importante com relação ao discurso caricatural é que este reside

5 Neste processo autoral, o caricaturista atua inicialmente como meta-autor, concebendo e escrevendo o metatexto em sua forma definitiva. Posteriormente, como artista procedimental, o mesmo autor ou os coautores produzem o trabalho, isto é, escrevem o texto, segundo o projeto metatextual, ou metasemiótico.

no fato de este tipo de iconografia mobilizar o humor como estratégia de comunicação e crítica política (...) assim a caricatura, diz, na essência, o mesmo que o discurso verbal. Mas o faz de outra maneira” (MOTTA, 2006c, p. 27) O historiador corrobora a afirmativa de Umberto Eco, que por meio de um de seus personagens do romance *O nome da rosa*, assevera: “o riso é o incentivo à dúvida”.⁶ (ECO, 1989, p. 140). Dúvida sobre alguém, sobre algo ou sobre um tema, fazendo-se assim necessário perceber um intruso, antes oculto, no terreno do cômico: o trágico. Toda forma de comicidade abriga um ingrediente trágico. Longe de pensar no trágico e toda problemática que o cerca, este estudo percebe-o no âmbito da comicidade e do risível. As caricaturas de integralistas de meados dos anos 1940 e mesmo dos finais dos anos 1950 e 1960, sobre os integralistas deslocados em um mundo democrático e sua visão de mundo imersos na Guerra Fria seriam recebidas pelo contingente militante como uma forma “abrandada de atenuar suas qualidades”.⁷ Já seus opositores, parafraseando a famosa máxima de Marx assumiam que em todos os casos os integralistas apareciam nas caricaturas, ora como *farsa* deles próprios, ora como uma *tragédia* de representação política.⁸ Entre o acolhimento de alguns personagens e a rejeição de outras o humor colocando personagens políticos em situações críticas apresenta a realização de desejos sociais que abrem importantes espaços para a reflexão de uma historicidade (SILVA, 1999b, p. 15). Esses são apenas alguns apontamentos que fizeram das caricaturas integralistas do período pós-guerra e primeiro quartel da Guerra Fria um manancial extraordinário para a compreensão política. Os retratos caricaturais, as alegorias e as flâmulas do humor político, da crítica ácida e do burlesco encontraram eco nos traços dos desenhistas dos jornais integralistas. Uma história que pode ser contada de diversas formas: esta é uma delas.

6 Trata-se de Jorge de Burgos, Monge místico e cego, guardião da biblioteca da abadia, onde se desenrola a trama. É descrito como “a própria memória da biblioteca”. Foi inspirado no escritor argentino Jorge Luis Borges, cego na velhice, e autor de diversas histórias ambientadas em bibliotecas.

7 A Marcha, O traço de Almir. 6/12/1958.

8 Última Hora, Tribuna da Imprensa, Folha da Manhã e da Tarde, O Estado de S. Paulo e Correio Paulistano, bem como na maioria dos periódicos dos Diários Associados no período estudado.

Caricaturas como propaganda política: entre o ataque e a auto- homenagem

Imagens que valem mais que palavras?

Palavras e imagem são como cadeira e mesa:
se você quiser sentar à mesa, precisa de ambas.
(Jean Luc Godard)

A caricatura proporciona uma infinidade de olhares e entre tantas formas de vê-la, uma é atentar para seu conteúdo informativo/publicista e perceber as informações que lhe são singulares. Embora haja a tendência de olhar para a caricatura como um desenho engraçado, em que a imagem, quase sempre humana, é deturpada para provocar o riso e esta visão não esteja tão distante das marcas da caricatura, pensamos que seu alcance seja bem maior. A caricatura é mais que uma imagem cômica. É um documento não textual, como uma imagem documento, portanto, plena de informações. Mais que isto, a caricatura se encarrega de ressaltar algum gesto, de notar algum traço de fisionomia e unir todos os aspectos inéditos e inesperados da figura humana, como forma de juntar o lado físico ao lado moral, singularizando o ente desenhado.

Na medida em que o exagero dos traços do desenho ressalta o ente desenhado, tais informações trazem à baila o que há de mais recôndito e individual do ser ou da coisa representada. Além disso, a imagem apresenta uma informação que não é denotativa, ao contrário, está impregnada de uma outra que lhe tangencia, que lhe toca pelo lado sensível, fruto que é da expressão artística e que entendemos, conforme Cordeiro como informação estética. As múltiplas possibilidades de visualizar a imagem nos permitem observar um duplo olhar, ou melhor, da diferenciação do 'ver' e do 'ver como' (CORDEIRO, 2006, p. 2).

Reiteramos que uma das principais características da caricatura consiste no fato de que esta imagem está ligada ao tempo. Na medida em que a base do caricaturista é a vida cotidiana, o tempo presente, e não outro compõe a imagem de forma a completá-la. Ao registrar um acontecimento diário a caricatura passa uma informação de maneira imediata, no tempo e no espaço situacional. Como expressão artística, forma e conteúdo da caricatura estão intrinsecamente unidos. O artista da caricatura é aquele que vive o momento a ser reproduzido; a vida cotidiana é sua fonte de inspiração. A sátira social é o produto de seu trabalho e está baseada em fatos concretos, em acontecimentos sociais reais. Nos estudos de análise das imagens da caricatura percebemos que o conjunto da imagem, do texto, tempo, espaço, contexto histórico e social são fundamentais para compor um quadro analítico satisfatório, ao mesmo tempo em que dê conta de recuperar as informações de História e de Memória registradas neste tipo de expressão plástica. Nesse sentido, a análise das caricaturas mostra que sua leitura requer um duplo movimento, envolvendo a percepção concomitante de duas máscaras, a da seriedade/autoridade e a da ridicularização. Os seus efeitos de sentido são ocasionados pela simultaneidade dos movimentos opostos, mas justapostos, que possibilitam um riso de zombaria sobre nossa atualidade sócio-político-econômica. Nesse sentido, a caricatura provoca, declaradamente deformações e distorções do real, que muitas vezes podem exagerar a ponto de atingir as raízes do grotesco.

Além disso, pode funcionar simultaneamente como crônica e interpretação, pois não é fácil separar o ato de informar e a ação de interpretar os eventos políticos. Assim, torna-se um instrumento político, um meio de intervenção do autor/caricaturista na arena pública e uma expressão de suas ideias, muitas vezes até partidárias. Pois, assim como adverte Roland Barthes: “(...) a verbalização da mensagem visual manifesta processos de escolhas na sua interpretação. Essa passagem do *percebido* ao *nomeado*, essa transposição da fronteira que separa o visual do verbal é determinada nos dois sentidos” (BARTHES, 1964, 89). Se a imagem é eivada de humor a passagem torna-se ainda mais direta, pois o humor é um relevante meio de observar a realidade. Não tem a precisão e o detalhamento de um texto jornalístico, e muito menos dos ensaios das ciências sociais ou história, mas atinge o leitor com rapidez e agudeza. Se o artista/caricaturista é arguto, a caricatura pode ter um impacto comparável a um aprofundado texto crítico.

Rodrigo Patto Sá Motta, atenta para o fato de que “frequentemente as caricaturas podem expressar mais do que a opinião do autor, o ponto de vista do jornal ou periódico em que são publicadas. Para além do fato obvio de que o desenhista tem motivos para estar afinado com os valores defendidos pelo jornal que trabalha, muitas caricaturas acabaram se destacando por terem sido alvo de debates na redação, gerando ideias que acabaram corporificadas nos desenhos” (MOTTA, 2006c, p. 24) Exemplos disso podem ser desatacados do conjunto de caricaturas selecionadas nos jornais oficiais

do movimento integralista à paisana, entre os anos 1940 e 1960. Neles, por diversas vezes, as ideias e discursos produzidos tiveram o papel didático do ato proselitista, incentivando o leitor a crer, veementemente, no que via, na mensagem direta ou sub-reptícia contida no desenho. Tratava-se claramente de uma propaganda de suas visões de mundo.

Nesse sentido, cabem nesta narrativa algumas palavras sobre este que foi certamente um dos fenômenos dominantes da segunda metade do século 20: a propaganda política. Desde que existem competições políticas, a propaganda existe e desempenha seu papel. Nenhum governante, ou pretenso governante da recente história política brasileira escapou da mira dos caricaturistas de imprensa. Sem ela, provavelmente, grandes acontecimentos de nossa época, como a revolução comunista, o advento dos fascismos e a escalada da Guerra Fria para citar apenas três exemplos, não seriam concebíveis. Alfred Sauvy, no livro *Le Pouvoir et l'Opinion*, (SAUVY, 1948, p. 181) assinala com justeza que em nenhum Estado moderno o regime fascista caiu sem intervenção externa, o que, na sua opinião, constitui prova da força da propaganda política. Dir-se-á tratar-se, sobretudo de um efeito do controle policial.

Nova técnica, que usa meios subministrados pela ciência, a fim de convencer e dirigir as massas constituídas no mesmo momento, a propaganda política aparece no cenário apologético como uma técnica de conjunto, coerente e que pode ser, até certo ponto, sistematizada visando o triunfo das causas advogadas pelos políticos, comumente ligada à eloquência. Assim, o escopo do propagandista é o de influir na atitude das massas no tocante a pontos submetidos ao impacto da propaganda, tornando-os objetos da opinião pública. Por isso, o conceito de propaganda confunde-se com o de publicidade, visto que procura criar, transformar certas opiniões, empregando, em parte, meios que lhe pede emprestados. Embora se distinga dela, contudo, por não visar objetos comerciais e, sim, políticos, a publicidade suscita necessidades ou preferências visando a determinado produto particular, enquanto a propaganda sugere ou impõe crenças e reflexos que, amiúde, modificam o comportamento, o psiquismo e mesmo as convicções religiosas ou filosóficas.

Por conseguinte, a propaganda influencia a atitude fundamental do ser humano. Entretanto, a propaganda política não é uma ciência condensável em fórmulas, embora muitos propagandistas (leia-se políticos, partidos políticos, ideologias e agora publicitários/marqueteiros) lancem mão deste artifício. O foco em um inimigo único, é um bom exemplo de foco na propaganda política e esta, sem restrições, ajuda a solidificar a imagem de que há contrapesos na disputa. Por outro lado, o levar o público leitor ao riso, fomentando o inimigo único, pode ter efeitos positivos para quem discursa. Foi assim quando o integralismo elegeu o comunismo como seu foco de agressão preferencial.

Em todos os domínios, a propaganda logo se empenha na busca da simplificação. Trata-se de dividir a doutrina e a argumentação em alguns pontos, definindo-os o mais claramente possível. O propagandista tem à disposição uma escala inteira de fórmulas: manifestos, profissões de fé, programas, declarações, catecismos, os quais, em geral sob forma afirmativa, enunciam certo número de proposições em texto conciso e claro. Tal texto se consubstancia numa verdadeira *contrapropaganda*, isto é, a propaganda de combate às teses do adversário. De acordo com (SHATFORD, 1986, p. 47) uma imagem, assim como uma propaganda, é simultaneamente genérica e específica e este fato deixa em aberto, para o historiador da imagem, o modo como este formulará sua busca. Em função disto elaborou um esquema próprio de análise de onde se destacam 4 questões: (quem), (o que), (onde) e (quando). Tais premissas definem a inteligibilidade de uma imagem/propaganda.

Em decorrência disso Domenach (2002, p. 56) afirma que a imagem de contrapropaganda pode ser caracterizada por algumas regras secundárias que lhe são inerentes:

1- Assinalar os temas do adversário- A propaganda adversa é “desmontada” nos seus elementos constitutivos. Isolados, classificados em ordem de importância, os temas do adversário podem ser mais facilmente combatidos.

2- Atacar os pontos fracos. Encontrar o ponto fraco do adversário e explorá-lo é a regra fundamental de toda contrapropaganda.

3- Jamais atacar frontalmente a propaganda adversária quando for poderosa.

4- Atacar e desconsiderar o adversário.

5- Colocar a propaganda do adversário em contradição com os fatos.- Não existe réplica mais desconcertante que a suscitada pelos fatos.

6- Ridicularizar o adversário quer ao imitar seu estilo e sua argumentação, quer atribuindo-lhe zombarias pequenas histórias cômicas.

7- Fazer predominar seu «clima de força”

Os elementos de contrapropaganda assinalados acima servirão de mote para uma análise mais acurada das dezenas de caricaturas selecionadas na confecção deste livro. Portanto, pretendemos ler a caricatura como um signo desta contrapropaganda integralista diante de seus mais diversos antagonistas, verificando como o pano de fundo da Guerra Fria influenciou nas escolhas e narrativas dos integralistas. Podemos, para este fim, conjecturar que, do ponto de vista da apresentação dessas caricaturas alguns elementos indicam que: a) Os personagens que tem maior frequência e participação nessas caricaturas integralistas são, via de regra, apresentados em traços mais marcantes e tamanhos maiores; b) Os eixos temáticos mais destacados do discurso são recorrentemente político-partidário-ideológicos; c) Os atos e falas que prevalecem nos diálogos são sempre de exaltação do integralismo e minimização ou ridicularização de seus antagonistas político-ideológicos, sobretudo o comunismo; d)

Os diálogos desses atores sociais caricaturados utilizam-se de maneira exagerada e de léxicos negativos com o propósito de deslegitimar, desqualificar as ações de seus antagonistas e supervalorizar as sua trajetória.

Os jornais *Idade Nova* e *A Marcha* acompanharam praticamente toda a trajetória do Partido de Representação Popular – PRP, antiga Ação Integralista Brasileira (AIB). Quando da fundação do primeiro, o partido ainda iniciava sua estruturação nacional e lutava para se consolidar. O encerramento das atividades do segundo, por sua vez, acompanhou a extinção do próprio PRP, já no contexto ditatorial. Ambos foram eficientes e privilegiados instrumentos de difusão doutrinária e de propagação política. A utilização do ferramentário caricatural foi um dos grandes exemplos de estratégias empregadas pelo movimento para externar sua percepção da política vigente. Talvez o mais relevante, uma vez que doutrinava e se comunicava com seu público sem a necessidade da cognição intelectualizada que os textos doutrinários exigiam. Por isso, tornou-se a mais eficaz tática de cooptação militante, nestas quase três décadas de produção, difusão e execução política. Neste sentido, esses integralistas foram apenas um dos grupos que atuaram em prol da manutenção de valores que acreditavam fundamentais para seu projeto de poder e nação. Por isso, a tradução desses atores e episódios políticos em traços marcadamente acentuados (*caricaturare*) ajuda a percebermos que a esfera de atuação política não era somente a manifestação da palavra escrita. Os conservadorismos e reacionarismos se acentuam ainda mais nos traços debochados da detratção de antagonistas e na delirante acentuação dos supostos predicados do chefe integralista e de sua visão de mundo, o que teria potencializado uma espécie de “miopia falastrona” por parte dos desenhistas vinculados aos jornais do movimento.

A ideia de que a caricatura política conseguia preservar a sua eficácia corrosiva, a sua carga de ironia violenta, por meio de uma linguagem vulgar e de uma imagética satírica encontraram nas caricaturas dos jornais integralistas do período pós-guerra vasto campo de análises. Nos estertores deste período (finais de 1950 e princípios de 1960) em que tal linguagem se expandiu severamente, graças às variedades da comunicação visual e da utilização sem censura das mesmas, uma premissa não resistiu: a partir da metade da década de 1960, as liberdades do traço e da palavra mudariam de tom, forma e perspectiva. E o integralismo das caricaturas, caricaturando sua própria manifestação terminou por engrossar a fila dos pequenos e médios escalões de um governo nada caricatural. Os desdobramentos desse ato subsequente ainda estão por ser analisados. Mas, este é o corolário nada risível de outra história.

CARICATURAS SOB LENTES DE AUMENTO

Selecionar é, antes, descartar. Das quase duzentas caricaturas publicadas nos jornais integralistas do período pós-guerra cerca de uma centena foi selecionada neste

livro. A obra, portanto, reflete a característica do acervo acessado, razão pela qual o leitor encontrará maior quantidade de caricaturas e ilustrações de um período específico (as primeiras duas décadas da Guerra Fria). Também é relevante destacar que a maioria das ilustrações foram mantidas no seu tamanho original, sempre acompanhadas de legendas explicativas sobre o desenho aludido. Esse conjunto pretende dar conta de um *parti pris*: mostrar os personagens mais recorrentes e as situações mais retratadas ao longo dessas quase três décadas de caricaturas e desenhos humorísticos nos jornais integralistas. Nelas, a dinâmica costurada, ora para detratar o antagonista, ora para se auto exaltar esboçou a maioria das narrativas apresentadas.

O integralismo aparece como movimento de vanguarda, ao mesmo tempo em que traz Plínio Salgado como messias. Não raro, o mostra como a única alternativa viável diante de tantos exemplos de políticos reputados como mal sucedidos. Este foi um dos sobretons mais recorrentes das caricaturas publicadas e selecionadas nessa amostragem. Na década de 1940, o jornal *Idade Nova* tornou-se porta voz de um anticomunismo característico e implantou uma linha editorial que acompanhou a escalda da Guerra Fria, o que significava traduzir o antagonismo ao universo soviético em terras brasileiras. Em comparação ao que era noticiado pelo primeiro jornal oficial do PRP, em finais da década de 1950, período paradigmático para o integralismo do pós-guerra, os jornais ligados ao movimento reproduziram o que o jornal oficial, *A Marcha* publicava. Havia ainda nos anos cinquenta uma rede de reprodução dos jornais integralistas cuja capilaridade fazia lembrar o emaranhado dos anos 1930. O que se publicava nas capitais, se publicava no interior. É verdade que em números absolutos, os desenhos humorísticos e ou caricaturas sobre o próprio movimento integralista não atingiram um montante volumoso, sobretudo se comparado a outros personagens políticos da época. No entanto, a visão de mundo integralista, anticomunista e antiliberal esteve presente na totalidade dos desenhos selecionados. Isso significa que nesses desenhos se conhece o integralismo não pela sua própria autoimagem, mas pelas lentes de como enxergavam o mundo. Quando Pedro fala de Paulo, sabe mais de Pedro do que de Paulo. Esse é o mote do discurso que se depreende dessa centena de desenhos.

O conjunto de caricaturas que perfazem esses quase três décadas de ação política do integralismo no período pós-guerra elencaram uma série bastante heterogênea de temas, dentre os quais se destacam: a proeminência de temas relativos à disputa hegemônica entre as duas superpotências do pós guerra; a conjuntura política nacional, nos âmbitos cultural, social e político; os diversos personagens vinculados ao cenário político pós-guerra; as variantes da Guerra Fria e os desdobramentos da política bipartite; o mosaico da formação partidária; a atuação do PRP; sua coligações e contendadas; a eterna comparação entre a AIB e PRP (sempre no diapasão da contrariedade e do afastamento); as contradições internas do integralismo; a corrupção; os detratores

de Plínio Salgado; os aderentes e os refratários; as eleições partidárias; a religiosidade integralista; os políticos profissionais; a política pela ótica dos integralistas; as rixas partidárias, as ações dos membros mais proeminentes, a relação do Brasil com as matrizes fascistas estrangeiras; o liberalismo; o nacionalismo; as lutas no campo ideológico, a organicidade do discurso integralista; e mais especificamente: a invasão da Baía dos Porcos; Cuba; URSS; guerra armamentista; celebrações e retorno do integralismo simbólico; artistas e políticos integralistas; os chamados “novos Brasis”; e, claro: uma ênfase peremptória sobre o binômio: comunismo/anticomunismo que ditará (com episódios e personagens) todos os demais temários apresentados ao longo de quase duas décadas de imprensa integralista sob a égide do PRP. Esses temas conferiram a essas caricaturas um *pluriverso* interessantíssimo de análise. Por meio de situações dessa natureza o humor visual revelou sua face de poder diante de outros poderes, participando do processo de disseminação das vozes possíveis numa sociedade com grande capacidade de mobilizar aliados em suas tramas e traumas. Passaremos adiante a analisar como essas caricaturas dialogavam com uma presença marcante, mas coadjuvante do integralismo no campo político, expressando narrativas que falavam consigo mesmo.

PARTE 2
IDADE NOVA – O VELHO
JEITO DE COMBATER O
COMUNISMO

O OLHAR INTEGRALISTA SOB A GUERRA FRIA: LENTES FORJADAS NO ANTICOMUNISMO

Enquanto não for possível a publicação de um diário, será a Idade Nova o portador do pensamento populista em marcha e futuramente, mesmo quando estiver circulando o diário, este jornal terá um papel relevante, continuando como órgão de doutrinação e crítica”.

(Idade Nova, 27/05/1948, p. 1).

Constituindo-se no principal periódico do Partido de Representação Popular- PRP entre 1946 e 1951, a Idade Nova difundiu, entre os militantes, narrativas representativas dos ex- camisas verdes “o que corroborou os elos entre os integralistas/perrepistas e seu passado, permitindo a atualização das lealdades internas do grupo” (VICTOR apud GONÇALVES & SIMÕES, 2012, p. 343). Embora este não fosse propriamente um jornal oficial do PRP, ao menos Plínio Salgado nunca o assumiu como tal (provável refração à situação de risco jurídico que os integralistas viviam no período imediatamente após a segunda guerra), seu discurso formal sinalizava ser este um porta voz senão oficial, oficioso do integralismo.

O combustível de maior octanagem ao longo da história do jornalismo integralista foi sem dúvida o anticomunismo. No período pós-guerra não foi diferente e se exacerbou com o desenrolar da Guerra Fria. Seja parafraseando situações históricas ou emulando acontecimentos cotidianos, as primeiras caricaturas publicadas no jornal Idade Nova representam uma historicidade marcadamente vinculada ao imaginário de demonização do comunismo. Em diversas oportunidades, eventos cotidianos foram aproveitados para dar vazão àquilo que os jornais integralistas chamariam de “*modus operandi* sorrateiro do comunismo” ao redor do planeta. Seja caracterizando-os como “terroristas mascarados”, “aproveitadores de pessoas humildes”, “enganadores contumazes”, “pacificadores de fachada”, “volúveis dissimulados” ou, como diversas vezes foram retratados: “lobos em pele de carneiros”.

PARTE 2
IDADE NOVA – O VELHO JEITO DE COMBATER O COMUNISMO

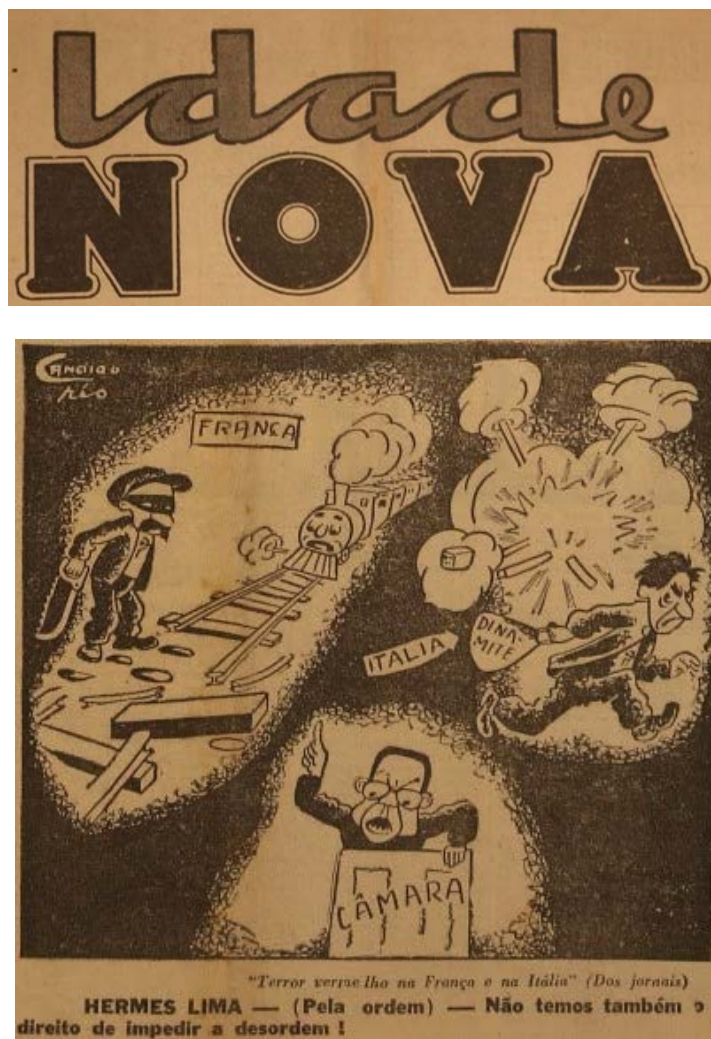


Figura 1- Idade Nova. 20 de novembro de 1947. Comunismo na França e na Itália



Figura 2- Idade Nova. 28 de outubro de 1948. Comunistas: ninguém quer nada com meus slogans



Figura 3- Idade Nova. 7 de abril de 1949. Comunistas pintando o muro com metralhadoras

Entre os finais da década de 1940 e princípios da década de 1950 uma batalha significativa de pensamentos dicotômicos projetou o quadro internacional que viria a redefinir o século. Em setembro de 1949 a União Soviética testou sua primeira bomba atômica, pondo fim ao monopólio norteamericano. Um mês depois, na Praça da Paz Celestial, em Pequim, Mao-Tsé-Tung fundava a República Popular da China. Do lado ocidental, a cruzada anticomunista começava a produzir trágico efeito colateral na política estadunidense. Em fevereiro de 1950, um obscuro senador, conhecido pelo apelido de Joe McCarthy, pronunciou na sede das mulheres republicanas da cidadezinha de Wheeling, Virgínia do Oeste, um discurso, sem qualquer prova, no qual acusava o Departamento de Estado de abrigar duas centenas de membros do partido comunista. Começava aí uma seara que culminaria na acusação de militares americanos, de contra espionagem e agentes duplos, todos tidos como comunistas. A caça às bruxas aos comunistas chegou em todas as instâncias do governo e até mesmo à indústria multimilionária do cinema. As sementes do extremismo e da intolerância encontraram terreno fértil num mundo em que, como diria o sociólogo Raymond Aron: a guerra era improvável e a paz impossível. Então, o equilíbrio do terror atômico impedia o conflito direito das duas superpotências. Em 1952, os Estados Unidos varrem do globo uma ilha em seu teste “bem sucedido” da bomba de hidrogênio. Um ano depois foi a vez soviética. A octanagem dessa combustão e a concentração da força e da energia represadas no confronto das duas super potencias “acabou por alimentar um redemoinho que varreu o mundo naquelas épocas, parando aqui e ali, nas sucessivas crises mundiais”(MARTINS FILHO apud ARQUIVO EM IMAGENS, 1989, p. 24).

A Guerra Fria passou a ser retratada em preto e branco nos nanquins dos desenhistas integralistas do pós guerra, sempre reproduzindo clichês que ganharam os jornais de todo o mundo. Os jornais integralistas muitas vezes os criavam, mas na maior das vezes, os reproduziam. Entre os retratos, os zoons, e os recortes selecionados, lugares, personagens e ideologias funcionaram como ponta de lança de um discurso cada vez mais azeitado: o anticomunismo é antes de tudo, um discurso azeitado. Azeitado contra os países da cortina de ferro, azeitado contra líderes mundiais de gramaturas diversas, azeitado a favor de suas preferências ideológicas. A Guerra Fria em preto e branco retratou seu degadé, por meio dos personagens e países protagonistas do tabuleiro político mundial, ao longo de quase três décadas⁹. Assim, Argélia, Iugoslávia, Coreia do Norte, China, União Soviética, Cuba, Indochina, Albânia, Tchecoslováquia, Romênia, Irã, Síria, Líbano, Hungria, Alemanha Oriental, Congo e franjas africanas, Vietnã (no primeiro quartel da década de 1960) e até mesmo, América Latina foram motes de uma quantidade considerável de desenhos provocativos e caricaturas afrontosas, detratoras de um discurso que o integralismo reputava como abominável, alguns dos quais destacamos neste livro.

Se é verdade a máxima que no jornalismo prefere-se os rostos aos fatos, aqui, transitaremos por ambas as estradas. Retrataremos os rostos bem como alguns dos fatos que colocaram o olhar anticomunista dos integralistas do pós guerra como pontas de lança de uma narrativa sem muita reflexão. O que se percebeu ao analisar parte desse conjunto de desenhos foi exatamente a ideia de que a imagem deveria falar mais que as palavras. Mas, ainda assim, após analisar uma centena de ilustrações, o que se percebe é que, em diversas ocasiões, a imagem vinha precedida ou sucedida de um arrazoado que buscava dar conta da ambiência, como se não depositassem apenas na imagem a compreensão da mensagem.

9 Embora convencionalmente a Guerra Fria tenha se estendido do período imediatamente pós-guerra até principais da década de 1990, o foco desse livro retrata as intervenções dos desenhos de humor publicados nas três primeiras décadas da Guerra Fria.



Figura 4- Idade Nova. 13 de maio de 1948. O abraço de urso em Truman

Após o final da Segunda Guerra Mundial, um dos primeiros componentes da nova atitude dos EUA em relação à União Soviética foi, em 1947, a aprovação do Plano Marshall. Em tese, o plano consistia na ajuda econômica dos EUA aos países europeus em crise após a guerra. Mas havia alguns objetivos por trás desse plano. Um deles era que, ao conceder empréstimos e investimentos a esses países, os EUA tornavam seus governos dependentes das suas próprias orientações políticas, ampliando sua influência na região. Com isso blindaria a possível ampliação dos movimentos sociais, o que impediria as condições para o avanço das ideias socialistas na Europa Ocidental. O abraço superlativo do urso soviético no então presidente estadunidense Harry S. Truman foi visto como uma ação de trapaça. É sabida a experiência de que o urso possui a força de seis homens. Com este clichê os integralistas aludem que o próprio Marshall, olhando de fora, se pergunta até quando seu plano de reconstrução da Europa daria certo, mediante as investidas soviéticas. Após a criação do plano Comecon (Conselho para a assistência econômica mútua), que pode ser considerado uma resposta soviética ao Plano Marshall americano, afinal durante a Guerra Fria os dois blocos mantiveram-se sempre em equilíbrio, os abraços de urso se tornaram cada vez menos frequentes.

Ao mesmo tempo que retratavam os soviéticos como ursos sorrateiros, os integralistas também vendiam em seus desenhos a imagem de líderes mundiais carregadas com seu matiz anticomunista. O exemplo a seguir sinaliza claramente o quanto a cruzada por criar uma linha de amortecimento anticomunista na América Latina, encontrou no pós-guerra palco e estímulo.

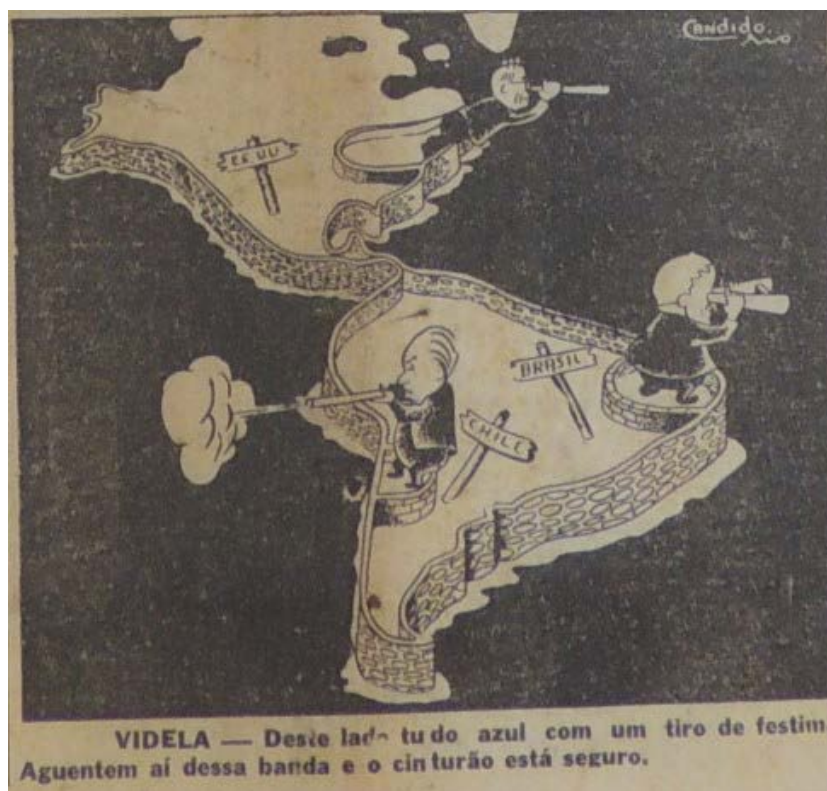


Figura 5- Idade Nova. 16 de outubro de 1947. Videla, Dutra e Eisenhower de sentinela

“Videla: Desse lado, tudo azul com um tiro de festim. Aguentem aí dessa banda e o cinturão está seguro”, alude o clichê do desenho acima. A experiência diplomática de Gabriel González Videla, ao longo de dois anos enquanto servia no Brasil e a reformulação de seu pensamento político e seu comportamento anticomunista durante os primeiros anos como Presidente da República do Chile (1946/1948-1952), fez aflorar ainda mais sua radicalidade, não apenas nos discursos das bases de seu partido, o partido radical (PR) cuja doutrina caracterizou-se pela aderência aos princípios racionalistas do liberalismo extremo, mas também por sua arraigada caracterização anticomunista em nome de uma suposta defesa do regime democrático no começo da Guerra Fria. Menos de um ano após tomar posse como presidente do Chile, em 3 de setembro de 1948, a relação entre o Governo de Gabriel González Videla e o Partido Comunista do Chile (PCCh) chegou ao seu fim. Após a publicação da Lei de Defesa Permanente da Democracia (LDPD), o Diario Oficial da República, “*prohibía la existencia del PCCh y todo tipo de organización que tuviera como fin la implantación de un régimen opuesto a la democracia o que atentara contra la soberanía nacional*”. O vínculo político estabelecido por González Videla e os comunistas durante as décadas de 1930-40 na Frente Popular chilena (1936-1941), deixaria definitivamente de existir.

De acordo com a dissertação de mestrado de Claudio Andrés Pino Astudillo, *O pensamento político de Gabriel González Videla e sua experiência brasileira: os anos de reformulação e praxis política— (1942-1948)*, Videla teve dois momentos diversos.

Um de proximidade com o comunismo e o seu oposto. Em abril de 1949 num discurso proferido na inauguração da XIV Exposição Regional de Peñuelas, o serenense falou sobre os últimos fatos que se tinham produzido na política chilena. O mandatário manifestou nessa ocasião que seu governo estava disposto aplicar implacavelmente as disposições legais, para todo aquele que no nome de qualquer “nacionalismo totalitário” pretendesse atentar contra a vida democrática do Chile. “*Ni totalitarismos rojos, ni pardos, ni amarillos*”, dizia o Chefe do Estado num discurso sobre os perigos que a democracia enfrentava. Essa convicção sobre a defesa da democracia liberal, supunha resguardar ao regime democrático chileno de um perigo iminente que estava no seio da institucionalidade do Estado e além de suas fronteiras. “Para Gabriel o maior perigo era o comunismo e esse foi o pensamento que imperou durante seu governo e até o final de seus dias, mas qual foi a trajetória sócio-política de González Videla que o transformou num “defensor da democracia” e num acérrimo anticomunista?” pergunta, (ASTUDILLO, 2019, p. 13). Nesse desenho aparece um Videla eivado de propósitos de coalização, aderente a uma política de boa vizinhança e subserviência aos desígnios estadunidenses (leia-se: adesão anticomunista) que aproximava a maioria dos países da América Latina, em finais da década de 1940. Os desenhos de Idade Nova não encontravam fronteiras. Retratava-se os vizinhos de porta, os latino-americanos, mas também, e de maneira bastante atenta, todo o movimento internacional que moldava as relações naqueles princípios da Guerra Fria. Exemplo significativo e que se fez de maneira recorrente era a apresentação de líderes políticos que ainda nutriam significativa importância nas decisões geopolíticas do período.



Figura 6- Idade Nova. 2 de outubro de 1947. De Gaulle para Churchill sobre a questão da Argélia

PARTE 2

IDADE NOVA – O VELHO JEITO DE COMBATER O COMUNISMO

Entre Charles De Gaulle, que buscava se fixar-se como chefe símbolo de uma França ávida por um espaço entre as duas superpotências e Churchill, símbolo de uma outra época, o clichê do desenho é peremptório: o nexo entre a democracia e o fascismo é o pescoço, alude o desenho que retrata a situação anômala que a guerra da Argélia trouxe à imagem da França. De bastião da liberdade, fraternidade e igualdade à imagem devastadora do colonizador, os desenhos buscavam mostrar olhares pouco condescendentes com alguns personagens. Mostrar o socialismo e comunismo como figuras secundárias no tabuleiro político sempre foi o *modus operandi* dos clichês publicados nos jornais integralistas. O mesmo Churchill diria em discurso proferido na bancada da Câmara dos Lordes: “O Socialismo é uma ideologia política moribunda e seus partidários ingleses precisam beijar as mãos do Capitalismo americano para viver”.



Figura 7- Idade Nova. 2 de fevereiro de 1950. O discurso de Churchill



Figura 8- Idade Nova. 2 de março de 1950.

Os comunistas não conseguem cadeiras no parlamento britânico. Já na URSS...

Se, por um lado, a octanagem que queimava o combustível do motor dos jornais integralistas sempre foi a detração dos líderes políticos considerados antagônicos, por outro, esse motor por vezes arrefecia, abrandando sua costumeira e belicosa verve. Caso significativo, e que poderia ser comparado apenas à cobertura dada ao líder integralista, Plínio Salgado foi a coleção de caricaturas publicadas sobre a saga de Mahatma Gandhi, na Índia em processo de libertação do jugo britânico. Entre agosto de 1947 e princípios de 1948 o mundo assistiu a dois eventos essenciais: a independência da Índia e a saga de Gandhi pela não-violência. A estratégia de Gandhi para liderar a libertação de seu país deu certo graças à persistência e à alma do hinduísmo. Gandhi, embora nunca tenha reivindicado a autoria da estratégia da não-violência, foi o primeiro a aplicar o princípio numa revolução política. Ou seja, os dois segmentos básicos de sua ideologia foram a não-cooperação e a desobediência civil com greves, atos públicos e marchas de repúdio à lei do colonizador. Esse processo acabou culminando em 15 de agosto de 1947, quando a Inglaterra foi vencida por um exército jamais registrado antes: o exército da persistência, paciência e não-violência, liderado não por um marechal, mas, como era noticiado à época: por um “apóstolo visionário” (O GLOBO, 16/08/1947).

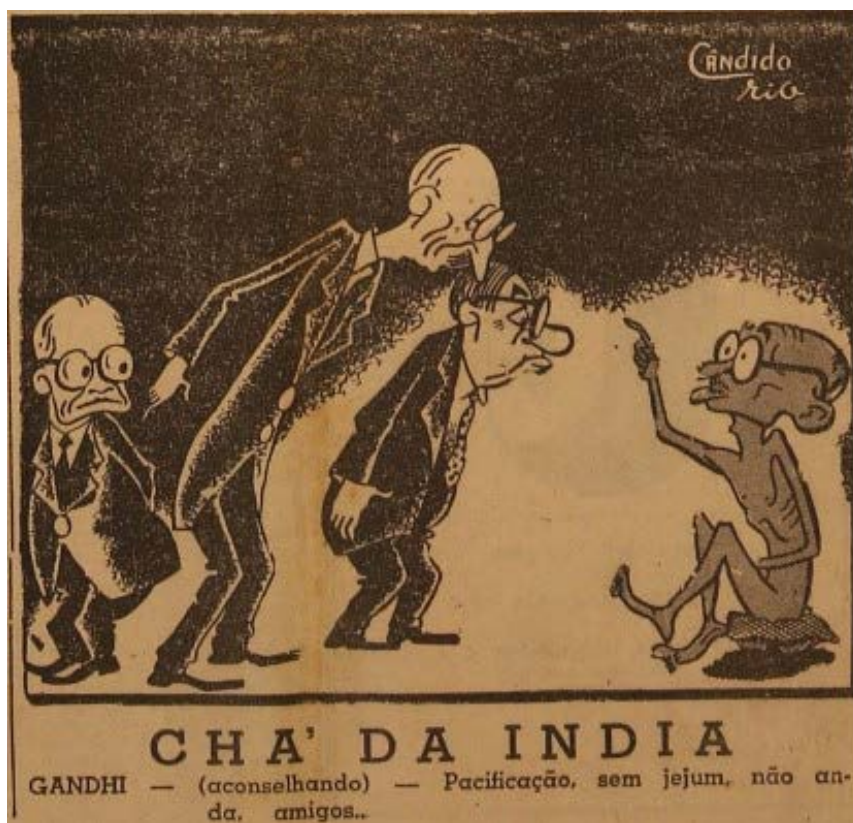


Figura 9- Idade Nova. 28 de janeiro de 1948. Chá da Índia

Uma reportagem do jornal indiano, Hindustan Times, de 15 de agosto de 1949, registra que, após a saída dos britânicos, porém, o antigo território do Império das Índias foi abalado por sérios conflitos religiosos entre hinduístas, muçulmanos, siques e outros segmentos. A solução encontrada para pôr fim a essa disputa foi a divisão em duas repúblicas: a da Índia, com 78% do antigo território e 328 milhões de habitantes, em sua maioria adeptos do hinduísmo; e a do Paquistão, com 82 milhões de habitantes, situado a noroeste. Os ingleses, que haviam chegado à região no limiar do século 15, dominaram a região até pelo menos 1773, quando pela primeira vez assinam um acordo que determina sua saída, entrega o país a seu povo. Cento e setenta e quatro anos depois, a independência da Índia foi uma vitória de Mohandas Karamchand Gandhi, chamado “Mahatma” (“Grande Alma”, em sânscrito) e do Partido do Congresso. Durante trinta anos Gandhi liderou o movimento de não violência, pregando a desobediência às leis inglesas e o boicote aos produtos britânicos. Liderou greves de fome para que hinduístas e muçulmanos deixassem de lado as divergências religiosas e se unissem em favor da independência indiana e do fim da colonização imposta pelo Império Britânico (HINDUSTAN TIMES, 15/09/1947). Entre agosto de 1947 e fevereiro de 1948, *Idade Nova* publicou uma série de desenhos aludindo à saga de Gandhi, um dos únicos personagens não ridicularizados pelo jornal, nas quase duas décadas de circulação.

Se a figura do Mahatma foi poupada a dos comunistas sempre foi hiperbolizada, mas no sentido negativo. Os poucos intervalos registrados na linguagem bélica do jornal eram rapidamente superados pelo expediente mais utilizado pela Idade Nova: um avivamento do anticomunismo. No desenho que se segue vemos o quanto os estereótipos eram levados ao extremo por parte da interpretação de mundo integralista. Não era preciso pincenês nem lentes fundo de garrafa agarradas em armações de baquelite pretas, típicas dos finais dos anos 1950, para perceber a clara alusão à violência, que segundo os integralistas era a tônica de seus antagonistas socialistas e comunistas.



Figura 10- Idade Nova. 7 de agosto de 1948. O congresso dos comunistas

Da atuação da União Nacional dos Estudantes, a UNE, tradicionalmente, desde os anos 1940, reconhecida como “antro de comunistas”, aos clichês que superlativavam os intestinos das operações de espionagem no ocidente, sobretudo na capital financeira norte americana, Nova Iorque, os desenhos e caricaturas destacados abaixo possuem um elemento em comum: todos são apresentados como grupos que seguem cegamente as ordens de um “líder maquiavélico”. Estudantes depravados e fantoches de fácil manipulação, agentes duplos, cientistas disfarçados, espiões que plantam provas, assassinam a sangue frio e sem deixar suspeitas, subvertem a ordem natural das coisas, escondem bombas e decodificam informações, são os personagens que fazem parte do mote de dezenas de caricaturas entre 1947 e 1950, das quais destacam-se as quatro a seguir:

PARTE 2
IDADE NOVA – O VELHO JEITO DE COMBATER O COMUNISMO



Figura 11- Idade Nova. 7 de agosto de 1948. Onda de espionagem na embaixada russa em NY

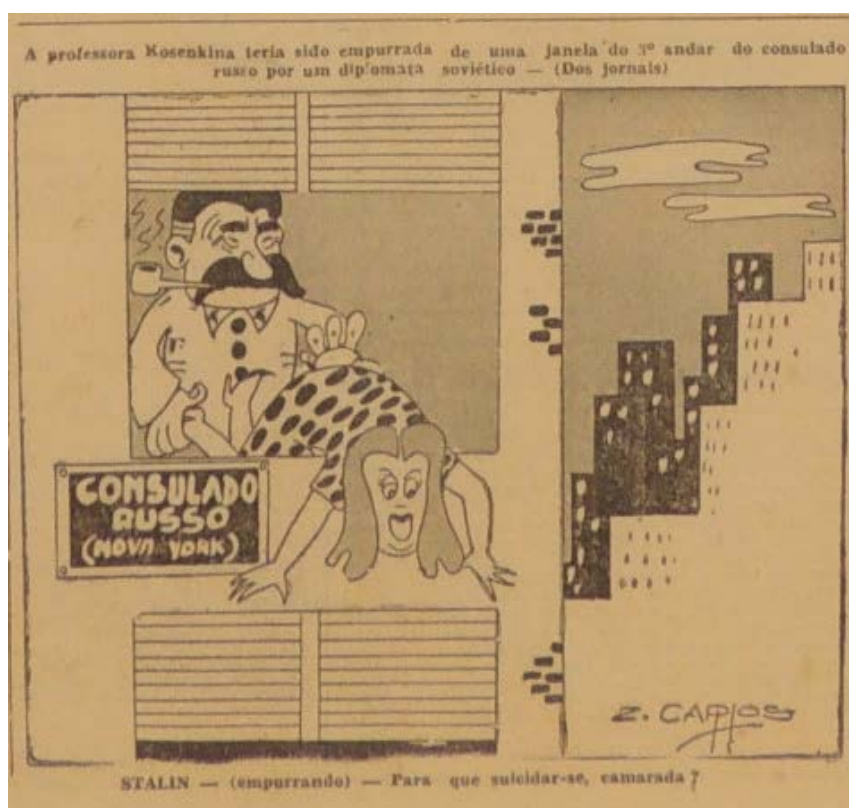


Figura 12- Mulher é jogada da janela da embaixada russa. Idade Nova, 19 de agosto de 1948, p. 4

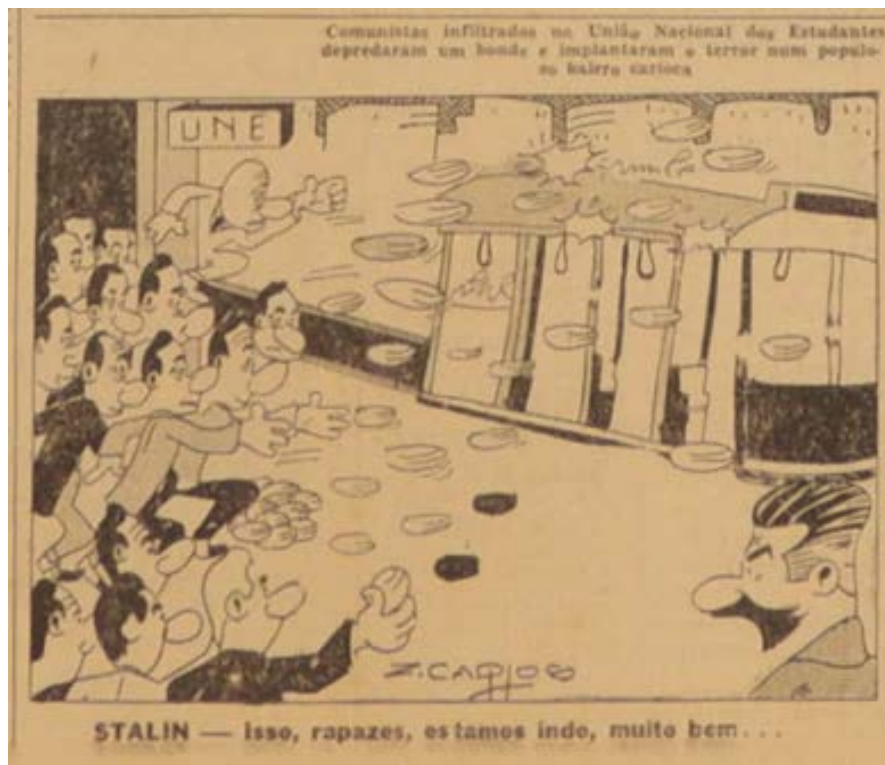


Figura 13- Idade Nova. 13 de janeiro de 1949. Stalin incita a UNE



Figura 14- Idade Nova. 20 de janeiro de 1949. Jantar na UNE. Cardápio comunista

PARTE 2

IDADE NOVA – O VELHO JEITO DE COMBATER O COMUNISMO

“Comunistas infiltrados na UNE depredam bonde e instauram terror em bairro populoso carioca!”. “Almondegas atômicas e pães de Molotov, bombas no cardápio do restaurante da UNE”. As legendas completam a narrativa, mas seriam dispensáveis, dada a reincidência com que esses assuntos foram tratados pelo jornal no período entre 1948 e 1950. Para além do antagonismo enraizado pelo comunismo propriamente dito, merece destaque, por fim, a verve jocosa com que eram tratados os socialistas. Historicamente, os integralistas não faziam distinção entre os socialistas e os comunistas. Para os militantes do integralismo, tratava-se de “farinhas do mesmo saco”. No caso do clichê selecionado abaixo, chama a atenção o fato do desenhista, Carlos Buritti, da Idade Nova buscar a ridicularização do oponente, a partir do estado deplorável que julgavam estar a sede do Partido Socialista Brasileiro, visando com isso impor sua narrativa. Perdidos entre as teias de aranha de um imóvel abandonado, cuja presença dos ratos, moscas e baratas indicavam os únicos habitantes do espaço, a troça vem acompanhada de uma pergunta demolidora: “Porque o partido estás sempre às moscas? A resposta do interlocutor é ainda mais definidora: “Porque aqui Só- se – alista!”



Figura 15- Idade Nova. 24 de agosto de 1950. O partido que Só- se- alista!

No entanto, para além dos motes de costumes, o que realmente fazia a cabeça dos desenhistas da Idade Nova era a caracterização dos líderes políticos mundiais. Joseph Stalin será nesse período, o mais retratado, o mais detratado e o que mais vezes recebeu menções não lisonjeiras por parte dos clichês integralistas.



Figura 16- Idade Nova, 25 de agosto de 1949. O elixir rejuvenescedor

O homem de ferro e seu bigode de aço – Stalin em vários nanquins

Outra caracterização bastante aproveitada nos clichês publicados ao longo da década de 1940/1950 foi de modo recorrente a ridicularização e criminalização com que personagens políticos como Josef Stalin e Luís Carlos Prestes foram retratados. Sempre acompanhados de legendas nada lisonjeiras, os desenhos que tinham como protagonistas o governante soviético e o líder comunista brasileiro pendularam entre uma acentuada crítica política e o escárnio que potencializava o cotidiano dos chamados “ditadorezinhos vermelhos”. Em muitas caricaturas, Stalin é retratado como um personagem maquiavélico, cujas ações são sempre orquestradas visando subterfúgios sorrateiros, atos burlescos e ações fortuitas. Retratam o líder soviético como um astuto ladino que pela influência da coerção e não da atração sustenta seus tentáculos por metade do mundo, seja anexando territórios, ameaçando o mundo com suas potentes bombas atômicas, ou, simplesmente, discursando para fanáticos hipnotizados. A recorrência nesta temática é notável e busca retratar Stalin como um político alucinado que a qualquer momento estaria disposto a apertar o “botão vermelho da discórdia”.



Figura 17- Idade Nova. 10 de novembro de 1949. Stalin e o moStito

Enquanto parte da população russa ainda vê o mito Josef Stalin com um misto de desprezo e admiração, historiadores encontram cada vez mais provas das atrocidades

perpetradas pelo homem de ferro soviético. De acordo com uma notícia veiculada no diário alemão *Süddeutsche Zeitung*, no ano de celebrações dos 50 anos da morte de Stalin, uma pesquisa de opinião com 1200 russos revelou que cinquenta anos após sua morte (1879—1953), a sociedade russa se mostra tão dividida como nunca em relação a um dos personagens políticos mais controvertidos do século 20. De acordo com a pesquisa, 36% dos russos acreditam que Stalin praticou um maior número de atos positivos do que negativos para o país; 29% condenam o ditador e 34% mantiveram-se indecisos frente à questão. Também em algumas das exposições organizadas na Rússia em lembrança aos 50 anos da morte de Stalin, não são poucas aquelas que trataram de passar uma borracha nas barbaridades praticadas pelo “homem de ferro”. Terror, repressão e violência, não mais que de repente, parecem ter sido apagados da memória coletiva. “O stalinismo vive. Mesmo 50 anos depois da morte do ditador soviético e pouco mais de uma década após a derrocada da por ele criada União Soviética”, observa o historiador alemão Stefan Creuzberger. É como diria muitos dos seus admiradores: *Vivendo pela mãe Rússia, matando pelo coletivo*. Detalhes sobre a biografia de Josif Visarionovich Zugasvili, o nome real do geórgio criador do império soviético, têm vindo à tona desde então, principalmente através da abertura gradual do Arquivo Stalin ao público. Para Creuzberger, “sabe-se agora, em função do acesso ao material de arquivo, que tais posições não são nem de longe aceitáveis. Pensar um Stalin suave é como fechar os olhos para o passado” (CREUZBERGER, 2009, p. 89).

No entanto, as lentes de aumento das ilustrações anticomunistas veiculadas nos jornais integralistas do período da Guerra Fria supervalorizam os dotes da virilidade stalinista, sempre o retratando como um “astuto animalesco” seja agindo em prol da visão soviética, apertando o famigerado botão da discórdia nuclear, ou mesmo detratado como assassino de mulheres, esmagador de rebeliões, protetor da adoentada saúde soviética, ou ainda manipulador de eleições e corruptor dos nacionalismos. Os clichês são os mais versáteis possíveis, mas uma prática sempre foi recorrente: a criminalização do comunismo como a prática mais abjeta da história.

PARTE 2
O HOMEM DE FERRO E SEU BIGODE DE AÇO



Figura 18- Stalin e as nações satélites. Idade Nova, 13 de outubro de 1949, p. 4



Figura 19- Idade Nova. 18 de maio de 1948. O saco de utilidades de Stalin



Figura 20- Idade Nova. 11 de dezembro de 1947. O comunismo doente



Figura 21- Idade Nova. 8 de julho de 1948. Stalin doutrinando os países da cortina de ferro

PARTE 2

O HOMEM DE FERRO E SEU BIGODE DE AÇO

O contorno dado ao retrato de Stalin, sobretudo pela pena do desenhista Carlos Buritti, buscava acentuar os traços físicos do líder soviético, ora denotando sua ação atuante frente às agruras do regime soviético, como aponta o desenho acima, ora como o gigante prestes a esmagar a mosca iugoslava, que na caricatura representa o então, general Joseph Tito, ou dando um “passa moleque” e um puxão de orelhas desmoralizador no general iugoslavo a quem a imprensa integralista cognominava de “marechalzinho malcriado”; ora alimentando o comunismo doente, tal como nas propagandas de biotônicos e fortificantes, típicos dos anos 1950. O fato é que a caracterização austera dos líderes balcânicos foi a marca que identificou a figura de Stalin e serviu de mote para várias críticas alimentadas pelos jornais integralistas dos anos 1940 e 1950.



Figura 22- Idade Nova. 23 de junho de 1949. Stalin se anima com a destruição de igrejas



Figura 23- Idade Nova. 16 de março de 1950. Stalin reeleito sob voto de cabresto



Figura 24- Idade Nova. 9 de outubro de 1947. Para cada doença o remédio do comunismo

PARTE 2 O HOMEM DE FERRO E SEU BIGODE DE AÇO



Figura 25- Idade Nova. 03 de fevereiro de 1949. Stalin liga para Truman

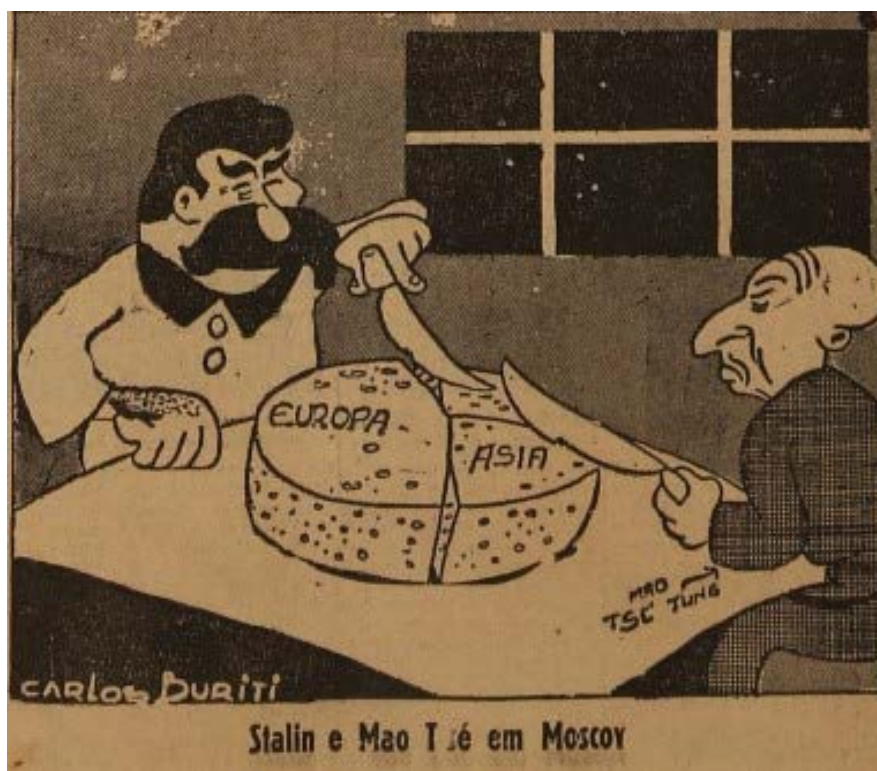


Figura 26- Idade Nova. 29 de dezembro de 1949. Stalin e Mao-Tsé Tung dividem o bolo do mundo



Figura 27- Idade Nova. 2 de setembro de 1948. Jorge Amado entrega o Brasil à Stalin

Nesta última figura destacada acima, o mapa do Brasil com uma fissura ao meio completa o mote da charge anticomunista. É flagrante como as caricaturas e charges patrocinadas pelos integralistas do princípio dos anos 1940 buscaram estigmatizar os comunistas brasileiros, como Luis Carlos Prestes e o escritor baiano, Jorge Amado, aqui retratado como um traidor da pátria, após sua participação em um congresso comunista na Polônia. As diversas vezes em que algum personagem proeminente ligado ao comunismo era retratado, via de regra ou era apresentado como um traidor, um louco ou com características aboalhadas e até mesmo animais, mote perfeito para a análise de quem mescla literatura, história e leitura imagética.

Em *Literatura e Sociedade*, o crítico literário, Antônio Candido, explica que o texto literário ao ser utilizado como parte do estudo da história, dá-se em averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma, e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce, pois “[...] a literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade possuidora de historicidade é como fonte documental para a produção do conhecimento histórico.” (BORGES, 2010, p. 94).

Salienta-se que a Literatura é sempre um registro privilegiado de seu tempo e o uso que a História faz da Literatura como fonte, há que considerar que o texto literário, tal como a pintura, por exemplo, fala das verdades do simbólico, ou seja, da realidade

do imaginário de um determinado tempo, deste real construído pela percepção dos homens, e que toma o lugar do real concreto. “Neste mundo verdadeiro das coisas de mentira, a literatura diz muito mais do que outra marca ou registro do passado. Ela fala do invisível, do imperceptível, do apenas entrevisto na realidade da vida, ela é capaz de ir além dos dados da realidade sensível, enunciando conceitos e valores” (BURKE, 1992, p. 98). Peter Burke assevera ainda que: “a escrita da história também tem sido empobrecida pelo abandono da narrativa, estando em andamento uma busca de novas formas de narrativa que serão adequadas às novas histórias, que os historiadores gostariam de contar. Estas novas formas incluem a micronarrativa, e as histórias que se movimentam para frente e para trás, entre os mundos público e privado, ou apresentam os mesmos acontecimentos a partir de pontos de vista múltiplos” (BURKE, 1992, p. 347), portanto, a escrita literária pode ajudar os historiadores na tarefa de revelar os acontecimentos entre as estruturas e apresentar pontos de vista diversos.

A partir dessas pequenas digressões esta caricatura de Jorge Amado potencializa o olhar do historiador preocupado com as narrativas sub-reptícias que muitas vezes uma imagem carrega. Este desenho, eivado de significados introjeta uma série de preconceitos que os anticomunistas carregaram ao longo desse período, situações muitas vezes tratadas pelo próprio Amado, como um mosaico biográfico. O romance tripartite *Os Subterrâneos da Liberdade* (uma das obras primas do escritor baiano) foi analisado no trabalho de Sean Matheus de Araújo: *Literatura de Jorge Amado na Era Vargas* (ARAÚJO, 2021). Neste estudo, a trilogia de escritos de Amado no período Vargas é analisada tendo por base a crítica que os desafetos de Amado impingiam ao romancista. Os títulos dos três livros são bastante sugestivos: *Ásperos Tempos*, *Agonia da Noite* e *A Luz no Túnel*, retratam a luta do povo brasileiro pela liberdade durante os tempos do Governo Vargas, de maneira biográfica.

Enquanto o primeiro volume apresenta as agruras dos comunistas na égide estadonovista, o segundo volume apresenta os desdobramentos das greves no porto de Santos, onde os estivadores se recusavam a fazer o transporte de café para Espanha de Franco, com isso sofrendo duras admoestações por parte do governo de Getúlio, tendo como personagens importantes nessa trama o negro Doroteu e o Gonçalves, um trabalhador do cais e o outro um velho comunista em fuga polícia política do Estado Novo. A trilogia se encerra, apontando para o público os obstáculos enfrentados pelos militantes do partido comunista, já que muitos foram presos e torturados, e mesmo assim não denunciavam seus companheiros, fato que chamava a atenção dos policiais, que ao executar as piores torturas físicas e psicológicas viam os presos se manterem firmes diante do propósito da sua “causa”. Em entrevista concedida a Alice Raillard, Jorge Amado declara que o livro *Subterrâneos da Liberdade* é importante, em primeiro lugar, pelos fatos sobre os quais o romance se funda, a luta do Estado Novo contra o

povo brasileiro e dos comunistas contra o Estado Novo, tudo aquilo que aconteceu e são fatos históricos.” Foram aumentados, é verdade, principalmente no que se refere à luta popular; talvez ela não tivesse tido esta mesma dimensão na realidade. É um romance que eu escrevia do jeito que vinha, sem me preocupar muito com o estilo; o que mais me interessava era o que eu escrevia o conteúdo muito mais do que a forma (RAILLARD, 1992, p. 136).

O clichê sobre a ideia do mapa sendo entregue aos comunistas foi reiteradaemnte apresentado nos jornais integralistas do período pós guerra. Desenhos e caricaturas reproduziram esse mote desde meados da década de 1940, perpassaram a década de 1950 e desaguaram nos princípios dos anos sessenta, e tal como os traços superlativos da ridicularização alheia, as legendas não deixam dúvidas: quanto mais exacerbado, quanto maior a hipérbole, mais reiteradas eram as acusações por parte dos integralistas. Luiz Carlos Prestes, Jorge Amado e até Carlos Lacerda lembrado de suas experiências juvenis, quando ainda fazia parte dos quadros do Partido Comunista foram alguns dos personagens reiteradamente aludidos na troca dos jornais integralistass, dos quais neste momento, a Idade Nova personificava a voz oficial.

A desesperança do Cavaleiro da Esperança

O quartel imediato do pós-guerra, sobretudo os anos de 1946, 1947 e 1948 foram paradigmáticos no quesito ridicularização dos líderes comunistas brasileiros, dos quais se destacam as figuras de Luís Carlos Prestes, João Amazonas e do escritor, Jorge Amado. De acordo com o verbete do Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930, o confronto internacional entre os dois grandes blocos de países surgidos após o fim da Segunda Guerra Mundial, a chamada Guerra Fria, e seus reflexos no Brasil, voltaram a jogar o PCB na ilegalidade. Em maio de 1947, o registro do partido foi cancelado e, em janeiro do ano seguinte, seus parlamentares, entre eles Prestes, foram cassados, voltando, então, a viver na clandestinidade. Nos episódios em que foi retratado pelas caricaturas dos jornais integralistas, Prestes sempre foi mostrado como uma “marionete do governo soviético, um faz tudo obediente e, não raro, sem personalidade própria” (IDADE NOVA, 1947; 1949; 1951). Desafeto de Salgado, supersimensionado na década de 1930, Prestes tornou-se nos anos que se seguiram, uma espécie de desforra integralista. Todo o poder simbólico construído pelo líder comunista foi posto em cheque e desacreditado pelos desenhos, as tramas e narrativas presentes nas notícias desses jornais por mais de duas décadas. O desespero e a desesperança do Cavaleiro da Esperança, apelido de Prestes quando da famosa coluna da década de 1920, passou a ser usado como mote de ridicularização das ações do comunismo no Brasil, acéfala de líderes, uma vez que estes haviam se impregando de bobagismos e cadjuvância extremas. Por este motivo Prestes foi retratado em situações que o colocava nas vias do ridículo, ora guiando um carroça puxada por militantes chineses ou soviéticos, ora aparecendo como um arguto sorrateiro que penetra no território nacional clandestinamente, enquanto porta bombas no bolso pronto para explodir, em clara menção a atos terroristas, ou anda quando ajuda prestimosamente o stalinismo no território brasileiro, servindo de meirinho do líder comunista, como se recebesse o avô com mobilidade reduzida. Todos esses motes, ao invés de colocar Prestes no centro do debate e da ação política o reduzia a uma espécie de escada ou ponte para os assuntos que realmente interesavam ao integralismo: o rechaço, o deboche, a supervalorização das fragilidades e sobretudo, o achincalhamento do comunismo.



Figura 28- Idade Nova. 18 de maio de 1946



Figura 29- Idade Nova. 2 de dezembro de 1946. Prestes voltando clandestino ao Brasil, encabeçando seu barrete frígio (touca de revolucionário)

PARTE 2
A DESEPERANÇA DO CAVALEIRO DA ESPERANÇA

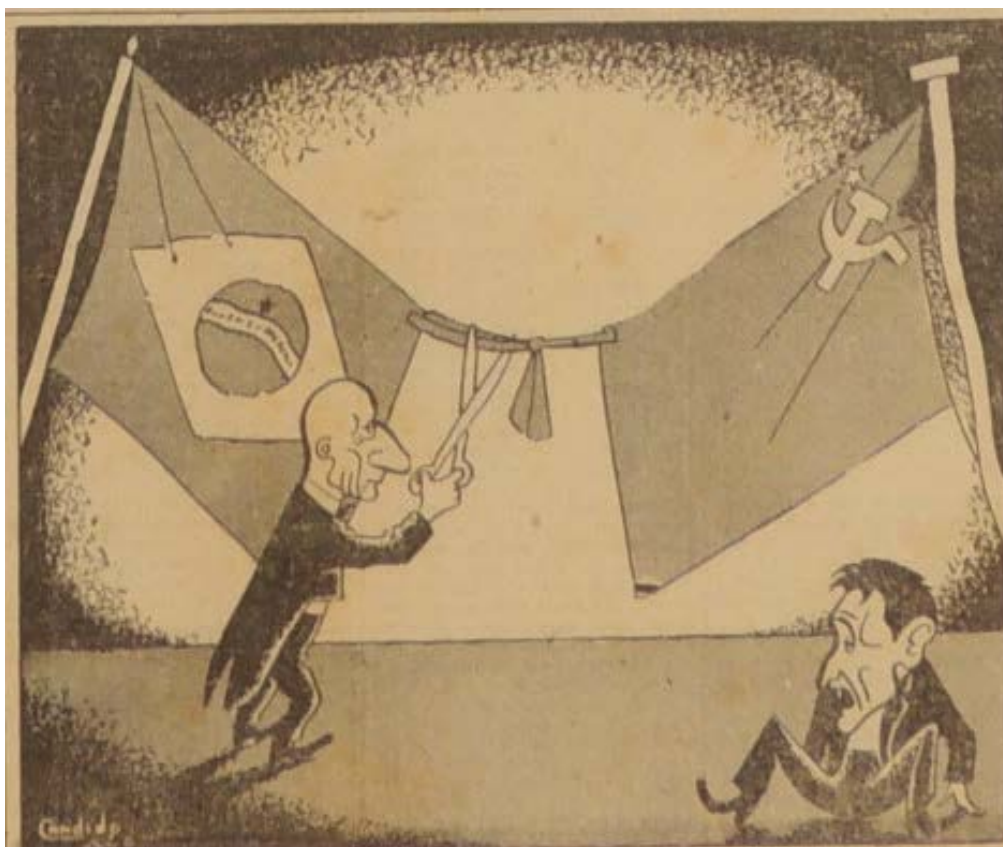


Figura 30- Idade Nova. Figura 20- Idade Nova. 23 de outubro de 1947. A tesoura afiada do capitalismo



Figura 31- Idade Nova. 14 de setembro de 1950. Comunistas, filiem-se ao PRT. Prestes os recebe...



Figura 32- Idade Nova. 13 de novembro de 1947. Agamenon Magalhães e Prestes unindo Dakar

Palavra russa que significa camarada, aliado, amigo, “Tovarich” foi utilizado por diversas ocasiões para designar o líder soviético. No desenho acima, da ponta do estado de Pernambuco, dois políticos de gramaturas distintas dão boas-vindas à presença stalinista. Agamenon Magalhães, então, líder do PSD pernambucano e Luís Carlos Prestes. O interessante nesta caricatura, nem é a presença de Stalin, com seu cachimbo característico, mas a feição de cuidado e solidariedade que projetaram em Luís Carlos Prestes. A trajetória política de Prestes e de outros candidatos eleitos pelo PCB estendeu-se somente até 1948. Como resultado da repressão aos comunistas, uma consequência da aproximação do Brasil com os Estados Unidos no contexto da Guerra Fria, o PCB foi colocado na ilegalidade. Assim, os políticos eleitos pelo partido tiveram seus mandatos cassados. Prestes viveu um período de dez anos de clandestinidade e só pôde retornar à sua vida “normal” quando o pedido de prisão contra ele foi revogado, em 1958.

PARTE 2

A DESEPERANÇA DO CAVALEIRO DA ESPERANÇA



Figura 33- Idade Nova. 30 de outubro de 1947. Paes Leme, Café Filho e Prestes rumo ao mesmo objetivo

Embora a figura emblemática de Luís Carlos Prestes continuasse a representar uma significativa força política, além de uma “pedra” na trajetória plinista, a maioria das charges e caricaturas publicadas no Idade Nova caracteriza Prestes como um personagem na contramão do tempo, mas em dia com suas profundas contradições (políticas e ideológicas) que foram postas em xeque em pelo menos duas oportunidades nos desenhos publicados entre 1948 e 1949. O primeiro deles trouxe a baila a incompreensível (para muitos) posição de Prestes de estar no mesmo palanque com aquele que deportou para a Alemanha nazista sua esposa, Olga Benário. Fascismo e faixismo (ato de se manifestar pelas faixas) tornam sinônimos uma época em que a propaganda política era muito menos profissionalizada. As faixas e cartazes do “queremismo” se espalham pelo país, e os integralistas se questionam: como é possível antagonistas tão declarados estarem juntos no mesmo palanque? Embora em 1950, tenha se negado a apoiar qualquer candidato nas eleições que reconduziram Vargas ao poder, refletindo o momento de isolamento vivido pelo PCB, Prestes fez oposição ao novo governo, até ser surpreendido pelo suicídio de Vargas em agosto, de 1954. No ano seguinte, apoiou a eleição de Juscelino Kubitschek e voltou a apresentar-se publicamente, embora o partido continuasse na ilegalidade. No começo da década de 1960 deu apoio ao governo de João Goulart, a quem pressionava para que acelerasse a realização das chamadas reformas de base propostas pelo próprio presidente. No entanto, a figura que fica dos desenhos aludidos ao líder comunista brasileiro é a do personagem que se apequenou, conforme as contradições de sua persona política foram se apresentando.



Figura 34- Idade Nova. 16 de setembro de 1948. Queremos Getúlio. Ele está de volta!



Figura 35- Idade Nova. 10 de junho de 1949. João Amazonas fala aos comunistas

PARTE 2

A DESEPERANÇA DO CAVALEIRO DA ESPERANÇA

O comunismo possui vários matizes, assim como seus militantes. A legenda do desenho acima explora a dicotomia formada entre dois dos mais relevantes porta-vozes do comunismo no Brasil, à época. A fala de João Amazonas sobre a postura de Prestes é reveladora e superdimensionada no desenho. Aliás, diversos foram os exemplos de frases atribuídas aos comunistas e utilizadas pelos integralistas para tentar superlativar supostas fraquezas e cisões internas do comunismo. Quando se focaliza a ideia de que Prestes fala uma coisa e faz outra, busca-se diminuir a credibilidade do personagem. Nas palavras proferidas por Amazonas (ao menos no clichê do desenho) se houvesse um embate os comunistas estariam juntos para correrem separados. O verbete sobre Amazonas, no Dicionário Histórico Biográfico do CPDOC-FGV, sinaliza que com a redemocratização do país em 1945 e a deposição de Vargas em outubro, João Amazonas elegeu-se deputado pelo Distrito Federal à Assembleia Nacional Constituinte na legenda do PCB. Obtendo a segunda maior votação da bancada comunista carioca no pleito de dezembro de 1945, participou dos trabalhos constituintes desde a instalação da Assembleia, em fevereiro de 1946. Foi um deputado aguerrido e combatente ao longo da próxima década, quando após a crise interna no PCB ter início em outubro de 1956, após a abertura dos debates sobre o relatório apresentado por Nikita Krushev em fevereiro anterior no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), fazendo a denúncia póstuma de seu antecessor Josef Stalin. Enquanto Prestes assumiu a nova orientação do comunismo soviético, Amazonas negou-se a acatá-la, sendo por isso acusado de stalinista pelos jornais do partido, *Voz Operária* e *Imprensa Popular*. Em agosto de 1957, Amazonas seria afastado do posto que ocupava na comissão executiva do partido.

A mensagem foi emitida de maneira clara e inequívoca. A força integralista se avolumava conforme os contornos da aludida fragilidade comunista eram explicitados. Hipérboles e superlativos que fizeram desse embate o alimento das pretensões integralistas. E esse *modus operandi* rompeu a dicotomia direita/esquerda e se espalhou para todos os matizes ideológicos presentes na política nacional do período. As próximas narrativas contam histórias parecidas. O endereço e o destinatário mudam, mas a mensagem permanece a mesma: só o integralismo enxerga os verdadeiros problemas da política nacional. A sucessão presidencial de 1950 foi o terreno ideal para a disseminação dessa propaganda enganosa, vendida pelo jornal integralista como verdade absoluta.

Dutra em três atos



Figura 36- A Marcha, 10 de junho de 1948. A legalização do PCB

Eurico Gaspar Dutra, o 16º presidente da república brasileira foi empossado em janeiro de 1946. Aproximou-se dos setores conservadores, incluindo aqueles representados pela UDN, por meio do chamado Acordo Interpartidário, o que acarretou a marginalização de Vargas e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que acabaram por romper com o presidente. Os comunistas, que haviam obtido resultados eleitorais expressivos nas eleições de 1945 e 1947, foram vítimas de uma ferrenha perseguição por parte do governo, que assim se integrava no contexto internacional da Guerra Fria, e tiveram sua atuação política legal novamente proibida. As principais ações tomadas por Dutra durante o seu governo estavam diretamente relacionadas com o contexto da Guerra Fria. Com a bipolarização do mundo, o governo brasileiro alinhou-se incondicionalmente como aliado dos Estados Unidos e do bloco capitalista. Assim, internamente, iniciou-se uma forte repressão contra organizações políticas e de trabalhadores que se alinhavam com a esquerda e o comunismo. Após a ilegalidade do PCB e a tentativa da reformulação em torno da órbita de outro partido, (Partido Rural Trabalhista), o cerco contra os comunistas ganhou ainda mais impacto. Assim, as ações de Dutra nesse sentido levaram ao rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e União Soviética em 1947. A política de perseguição aos comunistas também foi utilizada pelo governo como justificativa para intervenções nos sindicatos e repressão aos movimentos trabalhistas. Em janeiro de 1951, Dutra transmitiu o cargo a Vargas. Mesmo após sua saída da presidência, manteve grande influência junto à cúpula militar e lideranças civis. Em 1954, deu apoio discreto às articulações para afastar

PARTE 2 DUTRA EM TRÊS ATOS

Vargas da presidência. Nos três atos selecionados Dutra aparece como o personagem conservador que oblitera os antagonismos políticos de seus adversários, assistindo pacientemente sua derrocada. Isso fica claro nos clichês abaixo. Dutra foi coadjuvante na predileção dos desenhistas de *Idade Nova*, papel que os futuros presidentes não teriam visto que mais atuantes, ganhariam o destaque das caricaturas integralistas nas próximas duas décadas. Dutra, visto pela lente integralista será sempre o presidente que assistiu o tempo passar.



Figura 37- Idade Nova. 20 de julho de 1946. O naufrágio do PTB e o timoneiro bufo



Figura 38- Idade Nova. 25 de março de 1949. Dutra e o partido único

Sucessão presidencial – Parte 1 Vargas, Dutra, Vargas

Este quando diz que diz o que não diz, se contradiz,
porque diz o que diz o que não diz, e se o diz,
dezdiz o que diz com o que diz...
(Washington Luiz à Gois Monteiro sobre Vargas –
clichê de Cândido Rio).

Nos desenhos integralistas, a criatividade dos títulos nas ilustrações merece um capítulo à parte. “A quebra do trampolim”; “a porta fechou, mas a janela estava aberta”; “carcereiro em 37 e vítima em 47”; “Gegê de camarote”; “o páreo presidencial”; “io-io na política”; “Catete vazio”; “Gegê: Chiquita Bacana”, “Queremos, queremos... é aumento!”, dentre outros cabeços tornaram a sucessão presidencial um dos temas mais divertidos e atuantes do período. Se, por um lado, Vargas sempre aparece como protagonista nas ilustrações, por outro, e não raro, foi representado como um político com muitos antagonistas. Parafraseando o presidente Washington Luiz, energicamente irritado com a postura de Getúlio, quando de seu retorno ao país: “Este quando diz que diz o que não diz, se contradiz, porque diz o que diz o que não diz, e se o diz, dezdiz o que diz com o que diz...”

Um dos motes recorrentes dos desenhos políticos integralistas foi o da sucessão presidencial. De Dutra à Vargas, os clichês sempre apresentaram as fragilidades dos candidatos, suas idiossincrasias e suscetibilidades de maneira exacerbada, possibilitando que as mensagens de pouca consistência nos discursos e ações desses políticos fossem comunicadas de maneira simples e direta, muitas vezes sem mesmo o acompanhamento de legendas explicativas ou acompanhamentos discursivos, tal como nos mostra as pinceladas do desenhista Cândido Rio. Tal como nas pinceladas de outros dois desenhistas, Carlos Buritti e Z. Carlos, os desenhos apresentavam uma sequência de tons e sobretons, luzes e contraluzes que aumentava a dramaticidade, a comicidade e a percepção geral da mensagem emitida.

PARTE 2
SUCCESSÃO PRESIDENCIAL – PARTE 1. VARGAS, DUTRA, VARGAS



Figura 39- Idade Nova. 27 de novembro de 1947. O io-io do Catete. Ademar ou Getúlio?

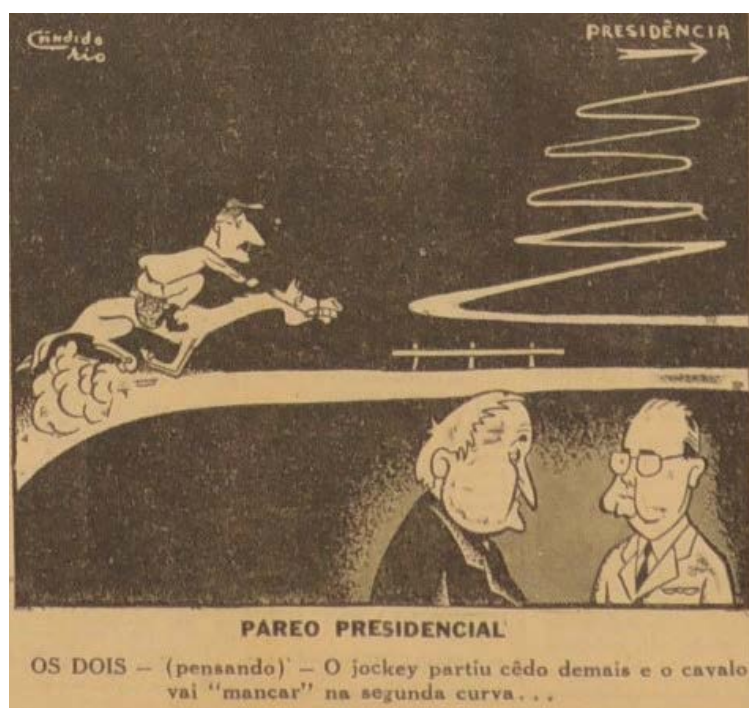


Figura 40- Idade Nova. 26 de fevereiro de 1948. Ademar de Barros a caminho do Catete



Figura 41- Idade Nova. 7 de fevereiro de 1947. Getúlio vendo o PTB se corroer



Figura 42- Idade Nova. 2 de dezembro de 1948. Gegê de olho na briga



Figura 43- Idade Nova. 6 de novembro de 1947. 10 anos de história (Estado Novo)



Figura 44- Idade Nova. 26 de setembro de 1948. Getúlio doma a onda do queremismo



Figura 45- Idade Nova. 25 de maio de 1946. Óleo canforado: o trabalhismo em recuperação. Na ilustração vemos Dutra aguardando na porta enquanto Vargas é socorrido pelos próceres do trabalhismo

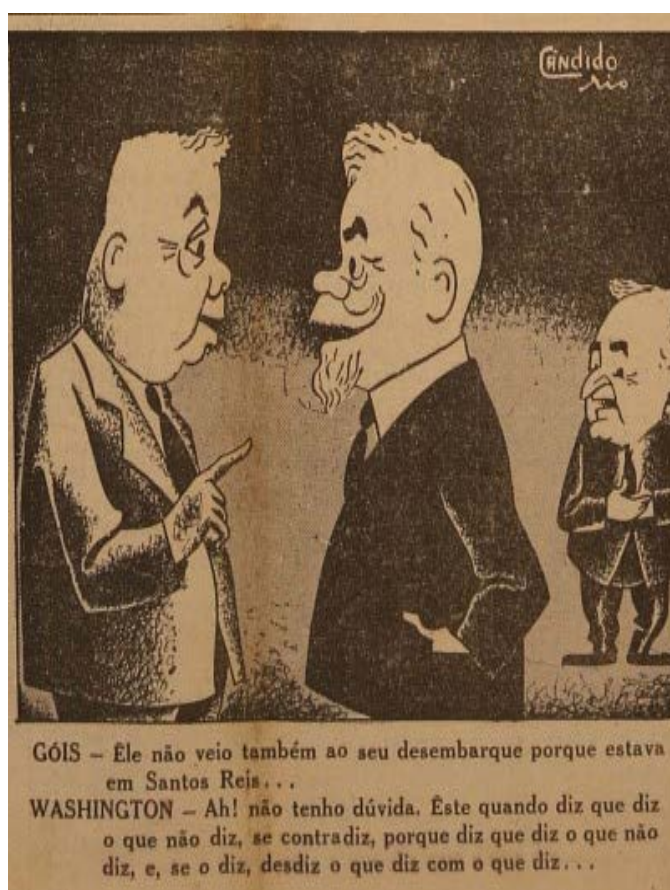


Figura 46- Idade Nova. 25 de setembro de 1947. Góis Monteiro tenta dissuadir Washington Luiz sobre a atitude de Vargas de não ir recebê-lo em seu retorno ao país

Os quase seis anos de veiculação de *Idade Nova* evidenciaram um conjunto de dezenas de caricaturas, charges e desenhos humorísticos que via de regra buscaram enaltecer o integralismo por meio da ação a contrapelo, ou seja, criticando seu maior adversário ideológico, o comunismo. Diversas situações e atores foram contemplados pelas narrativas imagéticas do jornal que possuíam mais que um papel ilustrativo, uma função pedagógica. Eram verdadeiros enredos que costuravam a forma e o conteúdo com que o jornal alimentava sua verve política. Como sinalizado anteriormente, o combustível de maior octanagem ao longo da história do jornalismo integralista foi sem dúvida o anticomunismo. No período da Guerra Fria, a presença das caricaturas dos chefes de estado, das vertentes e partidos políticos representam uma historicidade marcadamente dicotomizada, por um lado, pela necessidade da manutenção do anticomunismo em terras em que o liberalismo grassava, como corolário da bipartição global e, por outro, pela necessidade de apresentar um novo integralismo, talvez, mais adequado ao horizonte democrático que se apresentava. Vargas, Prestes, Dutra, Churchill, De Gaulle, Stalin, dentre outros personagens ora coadjuvantes, ora protagonistas da política foram retratados em profusão. Desse quadro foi possível reter particularidades e generalidades que, ao mesmo tempo, sinalizavam um ponto de vista e rotulavam as preferências e nuances, que apenas a imagem consegue destacar. *Idade Nova*, assim como *A Marcha*, podem e devem ser lidas como uma cartilha desenhada para e pelos integralistas, com uma ambição política: os editores, jornalistas e desenhistas desses jornais nutriam pretensões de serem lidos por aqueles que não professavam a mesma fé. Um desejo que jamais se concretizou.

Idade Nova em 30 capas



Figura 47- Idade Nova. 25 de maio de 1946. Capa. n° 4

**PARTE 2
IDADE NOVA EM 30 CAPAS**

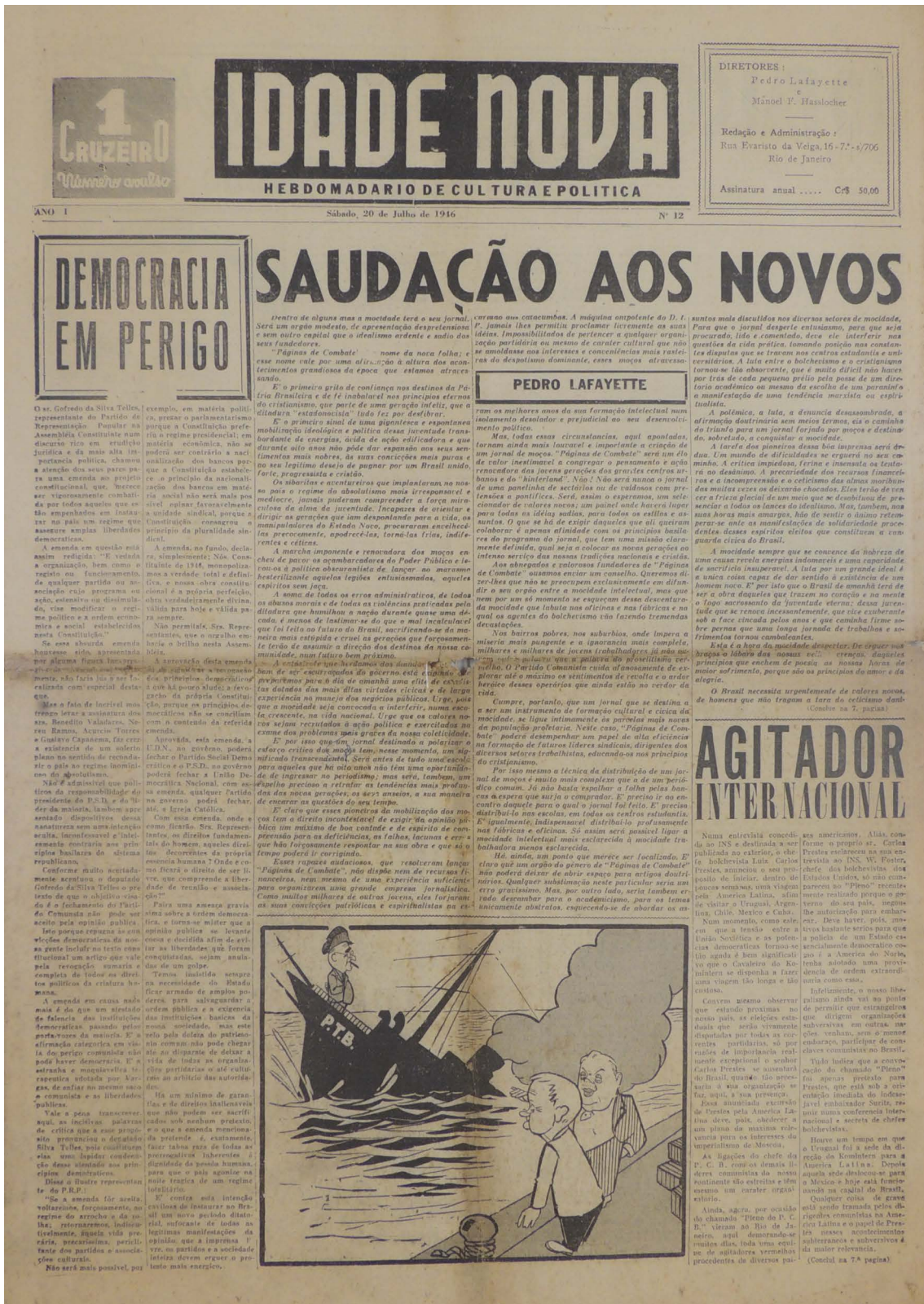


Figura 48- Idade Nova. 20 de julho de 1946. Capa. nº 12

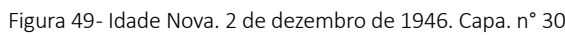




Figura 50- Idade Nova. 28 de agosto de 1947. Capa. nº 52



Figura 51- Idade Nova. 7 de fevereiro de 1947. Capa. nº 36

BASES DO GRANDE CONCURSO "IDADE NOVA" — Na 2.^a página

(Continua na 6.ª página)

75

PARTE 2
IDADE NOVA EM 30 CAPAS



Figura 54- Idade Nova. 9 de outubro de 1947. Capa. nº 58



Figura 56- Idade Nova- 20 de novembro de 1947. Capa. n° 64

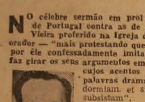
79

BELO HORIZONTE — Na 5.ª página

Director: RAYMUNDO D. PADILHA

da, diante do cargo de secretário-geral, do Transporte de passageiros da Route Federal, o Thurne tornou, assim, presente a situação em todo o mundo, e a situação da Alemanha, tanto aqui como em São Paulo, na Alemanha, e no mundo inteiro. O UNK, no Rio, não precisa, portanto, de uma declaração de guerra.

(Continúa na 6.ª página)



Brasileira remetidas em séries para r

tun de Vello Redonda, e o aumento do preço da carne. Instala-se, no Rio, o primeiro Congresso dos Círculos Operários Cartões, Apresentação credencial ao presidente da República os novos embaixadores da Argentina e da Venezuela. Comunistas tentam provocar agita-

Londres — Dos jornais)
OMBRO, ARMAS!

mandar. Regressam as tropas militares que realizaram uma missão no Vale do Paraíba, incluindo-se João Pessoa e Manoel de Oliveira Lima, fundadores da "Progreção" e os trabalhos continuam na d.ª página)

1. *Journal of the American Medical Association*, 1997; 277: 1039-1043.

100

81



Figura 60- Idade Nova. 25 de dezembro de 1947. Capa. n.º 69



Figura 62- Idade Nova. 5 de fevereiro de 1948. Capa. nº 75



Figura 63- Idade Nova. 11 de março de 1948. Capa. nº 80

Colaboração de:
SÉ DENIZARD,
C. SA BARRETO,
JUGUSTO DUQUE.

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e PUBLICIDADE: R. EVARISTO WEIGER, 16 - S. 706 - DISTRITO FEDERAL - BRASIL

(Dois jornais)



Figura 66- Idade Nova, 6 de maio de 1948. Capa. nº 88

89



Figura 68- Idade Nova. 29 de julho de 1948. Capa. nº 100



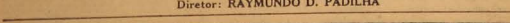
Figura 69- Idade Nova. 16 de setembro de 1948. Capa. nº 107

"Pesam graves responsabilidades sobre os ombros daqueles que influem nos rumos deste país. Uma imprevidência de sua parte, que, em outros momentos, acarretaria males anáveis, hoje, seria capaz de provocar um terrível desastre, que cumpre a todos os patriotas evitar, não só para a manutenção do nosso regime, como também para a conservação de nossa soberania".

(Do Editorial da 3.^a página, nesta edição)

Conville aos populistas
O Presidente do Distrito Estadual do P.R.P., seção do Distrito Federal, convida os populistas para uma reunião em homenagem ao Cel. Paulo Lobes, a se realizar às 15 horas, sábado próximo, na sede central, Av. Almirante Balthazo, nº 90 — andar.





860	60	601
-----	----	-----

O P. R. P. em condições de decidir as eleições

[illegible][illegible]

que esse mesmo utilitário não se dá ao luxo de se preocupar com o equilíbrio, o equilíbrio do ecossistema, o equilíbrio das dependências no mundo. O equilíbrio não pode ser uma preocupação, uma preocupação que não seja a preocupação com o equilíbrio do mundo que o homem quer e que o mundo precisa.

Essa preocupação com o equilíbrio materialístico, herenética da tradição positivista, é o que torna a ciência moderna tão trágica nos seus desdobramentos. Ela não compreende a natureza, ela não compreende as coisas, ela não compreende as pessoas, ela não compreende as relações, ela não compreende as sociedades, ela não compreende o mundo.

Essa preocupação com o equilíbrio materialístico, herenética da tradição positivista, é o que torna a ciência moderna tão trágica nos seus desdobramentos. Ela não compreende a natureza, ela não compreende as coisas, ela não compreende as pessoas, ela não compreende as relações, ela não compreende as sociedades, ela não compreende o mundo.

[illegible]

Em canôas primitivas e na "p
mundo" propagando o populismo

[illegible]

Figura 74- Idade Nova. 1º de junho de 1950. Capa. nº 190

do P. R. P. às

Na sessão solene de encerramento, apresentada por Caramelo, do Partido de Representação Popular.

DOÍNGHO, DIA 7 — Com a sede do PS e a casa de dr. Rangel Coelho, onde pôde estabelecer, com extraordinária segurança, declarou o seu "favorável" voto.


De números de milícia a sessão do dia 7, doíngho, estiveram a cargo do moçoito prof. Teodoro de Andrade e do notável violinista de Jaz de Fora, Otto Meier.

Na sessão solene de encerramento, apresentada e conduzida, Dr. Miguel

CAPITAL
CR\$ 100

DISTRITO FEDERAL-BRASIL

as eleições



regimentam-se os populistas do 2.º distrito de São Gonçalo

COMICIO

A praça fronteira se encontrava colmada de gente. Numa oração, depois de empossado os membros do diretoria, teve in-

A seguir, chegava também aavana de São Gonçalo, chefiada pelo sr. Edmundo Alvim, presente do Directorio Municipal Intelector da 2a. Região Fluminense.

Meina grande entusiasmo em todo o distrito pela causa nacionalista e cristã do populismo.

por estrada do

e Barras, Registro, Jucupiranga, Iguape e princípios municipalistas e levantando legiões

O NOVO GOVERNO DA REPUBLICA

ANO V — Rio de Janeiro — Quinta-feira, 15 de Fevereiro de 1951 — N. 216

A posição do P.R.P. em face da situação política recém-inaugurada

Comunica-nos a direção nacional do PRP:



Diretor: RAYMUNDO PADILHA

Responsabilidade das elites

O REAPARECIMENTO de IDADE NOVA após uma interrupção decorrente de dificuldades de editores e do papel, corresponde a um apelo geral, que de todos os pontos do país tem chegado à direção do nosso semanário e ao gabinete da presidência do P. R. P.

Merece, pois, todos os aplausos o esforço de Raymundo Padilha, que a tantos obcecos se dispôs superar, no firme propósito de, de uma consciência, cetera a publicação normal do órgão populista, mas tudo fazer no sentido de alargar a amplitude da ação irradiadora desse instrumento propagador de idéias e agitador de problemas nacionais.

A trégua, entretanto, de quatro meses, constituiu oportunidade excelente para um estudo mais profundo do momento político-social e da missão de um órgão de imprensa cujo objetivo mais alto é a formação de uma consciência doutrinária e de realidades e necessidades pátrias. De minha parte, ausentando-me durante esse tempo do contacto semanal com os leitores pude entregar-me, de modo tranquilo, à apreciação de quanto ocorreu em nosso país, na hora atual e, mais do que tudo, de quanto observo dentro das fileiras do próprio partido, que cirja.

Verifico, antes de tudo, que se precisa continuar o esforço de doutrinação: sem desânimo, sem cinismo, sem olhar a realidade, festivos ou negativos. Cumprir a missão que nos é imposta por misteriosos impulsos de nosso mundo interior. Transmitem a mensagem que principiou no dia em que, pela primeira vez, nos dirigimos ao povo brasileiro e que só deve repetir a última palavra no último instante da nossa vida.

Insistir, perseverar, repetir mil vezes. Falar aos distantes, aos surdos, como quem fala às pedras. Habitar-se mesmo a discursar aos reclusos silenciosos e impetráveis. Nunca é perdida a voz que clama na sepulcral solidão dos desertos, ou entre os mil gritos de batalha do mar em furia. Sim; é preciso falar.

Todos estão convencidos — homens do governo e homens da oposição, homens políticos e homens não políticos — de que no Brasil faltam, na hora presente, os quadros de estadistas, porém utilizados numa obra de envergadura e de serguintismo das energias nacionais adormecidas. E ninguém mais deve sentir isso do que o próprio Presidente da República, elevado ao poder por um movimento de incontestável confiança das massas populares; pois esse movimento não trouxe, além do sentido das justas aspirações reivindicatórias de operários e camponeses, o conteúdo ideológico ou os lineamentos de estrutura política suficientes para servir de base a claras expressões parlamentares, jornalísticas e administrativas configuradoras de uma nitida política governamental.

O simples fato de não constituir, de si próprios, maioria no Congresso, os partidos vitoriosos no que concerne à Presidência da República, sendo mister ao Governo apelar para os outros partidos, ou para a boa vontade individual de elementos de tais partidos, na obtenção de uma indispensável estabilidade parlamentar, esse simples fato demonstra não termos ainda formado no Brasil nenhuma corrente ponderável de opinião nacional, no que se refere à adoção de princípios políticos fundamentais.

Não somos a menor dívida nos propósitos de bem servir a Nação manifestados pelo atual Presidente da República; mas S. Excia., que foi eleito pelo povo, mais do que pelos partidos, conforme o demonstra a composição do Congresso, terá de suprir a deficiência dos quadros humanos de que dispõe, mediante os indispensáveis expedientes de aliar valores sem distinção de partido.

As suas dificuldades, não as mesmas de D. Pedro II, depois que os partidos, na fase posterior a 1850, perderam o teor ideológico, sob a influência dos fins utilitários, que assimilaram o panorama político dos países europeus na segunda metade do século XIX. O nosso segundo Imperador fez funcionar o sistema vigente, usando dos artifícios a que alude, com tanta argúcia, esse observador sem

acento, alguns cépticos, e deficiências, em que se procurou utilizar homens de bem, então teremos o panorama completo de todas as angústias que devem atormentar o Chefe da Nação que nutre os bons propósitos de bem servir a Pátria.

E' nesta hora que assume proporções enormes a responsabilidade das elites, isto é, daqueles que, possuindo cultura num país de vastas massas incultas e moralidade num meio social decadente, perambulam perante Deus, pela educação de um povo.

Mobilizar as elites da Pátria para um movimento super-político e super-partidário, de formação da consciência nacional, é o dever de todos aqueles que não se querem perder numa oposição infecunda ou num adormecido interesse, gastando os seus dias nesse eterno carregar água em cestos, ou nesse exasperante marchar sobre a areia, que constitui a atividade vulgar dos que vivem a política em nossa terra.

Mas a mobilidade das elites não se faz pelo mesmo processo como se funda uma Academia de Letras ou do Clamores, um Clube Literário ou uma Associação de Técnicos, uma Liga Philantropa ou uma Sociedade de Bibliófilos ou Numismatas, ou Esportistas, isto é, sob a condição de cada qual viver livremente seguro, a sua filosofia, o seu conceito do mundo, sem discussões perturbadoras da paz do grêmio.

Se a finalidade é educar elevando o nível moral da Nacionalidade, essa finalidade subordinada-se inevitavelmente a uma concepção de vida, a uma idéia, a uma filosofia, a uma idéia do Homem e dos seus destinos, a um pensamento claro, inextinguível, irredutível sobre o sentido da cultura que se pretende criar.

O movimento pela cultura não pode ser dispersivo, desconexo; há de ser unificador no seu esforço e harmonioso na sua expressão. E para tal haja unidade e harmonia é mister que haja uma disciplina.

Empregamos essa palavra disciplina como símbolo de lógica. Um povo só se torna grande quando se torna lógico, isto é, quando sabe raciocinar (Cont. na 11.ª pag.)

Na tarde do 31 de janeiro findo, o sr. General Eurico Gaspar Dutra, na forma constitucional, transmitiu a supremacia magistratura da Nação ao Dr. Getúlio Dornelles Vargas, eleito em 3 de outubro do ano passado.

Recebendo o diploma do Tribunal Superior Eleitoral, o novo presidente viu confirmados na prática os propósitos legalistas do novo brasileiro. Portou-se a magistratura em correspondência com o procedimento de realização de um pleito em que não se sentiu, da parte dos governos federal e estaduais, o mínimo indício de facciosismo opressor. E, recebendo o Congresso Nacional o solene compromisso do Presidente e do Vice-Presidente eleitos, diplomados e empossados de bem cumprir a Constituição, é natural que justas esperanças surgissem em nosso país pela certeza de que o novo quinquênio se assinalaria como um período de tão perfeito cumprimento da nossa Magna Carta como foi o quinquênio antecedente.

O momento nacional e internacional exige do patriotismo nome em 3 de outubro contra a candidatura do atual presidente, de uma atitude serena e digna, de expectativa criteriosa de sorte a não criar dificuldades para o próprio Brasil, criando, na quem recebe o governo, o encargo de governar um país em crise moral por todos reconhecida.

O Partido de Representação Popular, em 3 de outubro ao lado da UDN e do PT, sustentou a candidatura do Brigadeiro Edmundo Gomes de Faria, denunciando a atitude oportunista e não se arrepende pois o nome do candidato escolhido sintetiza, toda uma existência dedicada à Pátria e iluminada por atos de heroísmo e de idealismo tão puros que o simples fato de adotá-lo constitui honra para qualquer partido inscrito no amor ao Brasil. Sustentando a candidatura do Brigadeiro, não se manifesta nenhuma vantagem de ordem material, até mesmo suportando a indelicadeza de alguns setores das correntes que também apelavam ao mesmo nome Edmundo Gomes de Faria, o Partido de Representação Popular agiu com a mais extrema fidelidade, preferiu, por vezes, sacrificar seus candidatos ao Congresso Nacional e ao Assembléias Legislativas, do que transigir, negociar, transacionar a composição dos conjuntos eleitorais dos seus envelopes eleito.

Mesmo quando, cedendo às circunstâncias do sistema federativo houve o PRP de adotar como candidatos aos governos dos Estados personalidades estranhas aos outros partidos aliados em torno do Brigadeiro, nunca os nossos correligionários assumiram atitudes ou se excederam por palavras duvidas, que pudessem reduzir em prejuízo do nome que haviam escolhido para a Suprema Magistratura da Nação. Pelo que se pode dizer que as duzentas e sessenta e quatro mil legendas abidas pelo PRP correspondem rigorosamente aos votos conferidos pela nossa assembléia partidária ao Brigadeiro Edmundo Gomes e ao seu companheiro de chapa, Dr. Odilon Braga.

Essa linha de conduta não foi entretanto incompatível com a postura elegante e cavalheiresca do Partido de Representação Popular, quanto aos outros candidatos. Ao Dr. Cristiano Machado, a profunda convicção que proclamou solenemente a candidatura do Brigadeiro senão excessiva homenagem de estorosa palma, quando o sr. Plínio Salgado fez o elogio das virtudes civis do ilustre candidato adversário. Ao Dr. Getúlio Vargas também o PRP teve ocasião de manifestar a sua elevada conduta moral.

De fato, nas vésperas de escolher o seu candidato o PRP foi consultado na pessoa do seu presidente pelo sr. Alencastro Guimarães, desleixado de saber como o PRP considerava a candidatura do Dr. Getúlio Vargas, contra a qual se levantava a preliminar tendente a impedir-lhe o registro no TSE

e ao mesmo tempo, indagando como o PRP apreciava os rumores subterrâneos de possíveis golpes em caso de eleição do candidato do PTB e do PSP. A resposta foi imediata: encaramos a candidatura do Dr. Getúlio Vargas em igualdade de condições com as outras duas e, quanto a golpes possivelmente tentados por parte dos componentes da Constituição vigente, a menos que se deparasse à Nação graves perigos à sua segurança interna e externa, a que não se recia o caso.

Por essas condições de lealdade, de franqueza de sereno equilíbrio e sentimento de justiça que nos batemos pela vitória do Brigadeiro em todo o país e com todo o ardor. Em face de todos esses precedentes, perguntamos: qual a atual posição política do PRP no cenário federal e nos Estados, através dos seus parlamentares no Congresso Nacional e nas Assembléias Legislativas, assim como através da sua imprensa e dos seus diretores nacionais estaduais e municipais? Fácil é responder. Como patriotas como fervorosos batallhões pelo Bem do Brasil, pela sua indignidade nosso parte desejar que o Dr. Getúlio Vargas fizesse um mau governo, ou se fizesse a melhor, da vontade dos brasileiros quando manifestasse propósitos evidentes de bem servir à Nação.

O PRP possui uma doutrina, que se funda na Moral Cristã, no amor à Pátria e na sustentação da integridade da Família e nos direitos e deveres do Homem. E tudo quanto o Presidente Vargas precisa na obtenção das realizações práticas tendentes à segurança interna e externa do Brasil, ao fortalecimento dos grupos naturais do que a Família é o principal, e da manutenção das liberdades e direitos humanos e vigoramento dos correlativos deveres, o Partido de Representação Popular lhe dará, espontaneamente, sem exigir outro pagamento senão o da íntima satisfação da (Continua na 2.ª página)

IDADE NOVA

Comunicamos aos nossos presados leitores, anunciantes e assinantes que a administração e redação de IDADE NOVA acham-se instaladas em nova sede à Avenida Presidente Vargas, 446 — sala 1505, telefone 48-0011.

AOS LEITORES

Temos a satisfação de comunicar aos nossos prezados leitores que a EMPRESA JORNALÍSTICA IDADE NOVA S. A. elevou para Cr\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros) o seu capital social, obtendo com essa medida ampliar suas instalações e aprimorar tecnicamente o jornal que edita.

Concretizando esta medida, já se acha aberta subscricção para venda das respectivas ações em todo o território nacional.

No Distrito Federal, foi designado pela direção da Empresa para proceder à venda das ações a companhia Oryma Pellerrin, que já iniciou o seu trabalho.

Acreditamos que todos os nossos leitores, especialmente para os nossos comenheiros do Partido de Representação Popular, que colaboram com IDADE NOVA, adquirirão cada qual ao menos uma ação da sociedade.

A. G. Soares

Figura 76- Idade Nova. 15 de fevereiro de 1951. Capa. nº 21

PARTE 3
A MARCHA –
REDOBRANDO A APOSTA
DO ANTICOMUNISMO



Se o periódico Idade Nova foi reconhecido como órgão de imprensa oficioso dos primeiros anos do integralismo do pós-guerra, o papel desempenhado pelo jornal *A Marcha* (semanário substituto do diário Idade Nova, jornal oficioso do partido até 1951) foi explicitamente formado para ser o porta voz oficial do movimento e, assim permaneceu até 1965, sob a direção de Plínio Salgado e a redação de Gumerindo R. Dórea. No livro *Guerra Fria e política editorial: a trajetória das Edições GRD e a campanha anticomunista no Brasil (1956-1968)*, Laura de Oliveira analisa como a editora de Gumerindo Rocha Dórea, a fim de difundir o pânico da penetração comunista no Brasil apresentou uma sucessão de histórias distópicas, frutos de uma ficção científica ainda embrionária no país, cujo protagonista era sempre o comunismo ou o medo de sua instalação no país. Revelador da lógica da guerra cultural da Guerra Fria, os episódios narrados nos livros publicados por sua editora, rivalizavam com a nada recatada abnegação militante integralista, que Rocha Dórea jamais escondeu. Como o próprio dizia: ele permanecia integralista até o fim.

Num mundo formado por uma bipartição compulsória, o passadismo do integralismo tentava sobreviver ladeado pelas teorias futuristas que os anos 1950 apresentaram ao mundo. É nesse universo que foi “forjada a identidade de GRD, editor do jornal *A Marcha*, entre 1953 e 1955, diretor da Livraria Clássica Brasileira, entre 1952 e 1953 e, mais uma vez, entre 1957 e 1958. As Edições GRD cujas atividades se iniciaram em 1956” (OLIVEIRA, 2015, p. 13), estendendo-se até a morte do editor em meados de 2021, nasceu no campo das instituições integralistas dedicadas às políticas culturais de afirmação e propagação da doutrina por meio do sentimento de pertencimento. O vínculo de GRD com o integralismo, sua predileção pelos temas religiosos e a escolha da ficção científica como um dos principais produtos da editora levaram alguns historiadores a atribuir o estatuto de anacrônico ao editor. Eu mesmo me referi a Gumerindo como um “futurólogo passadista”, em artigos publicados na década de 2000. *A Marcha*, de certa maneira corroborava a ambiguidade de seu editor chefe, postulando permanência na vida cotidiana de seus consumidores, que ao menos tempo consumiam as dicas de futuro e a nostalgia de um passado que não queria passar.

Com uma circulação nacional, o semanário era mantido com a colaboração dos assinantes e dos pouco mais de 50 anunciantes, dentre os quais se destacavam empresas de projeção internacional, como empresas aéreas, de laticínios, empresas farmacêuticas dentre outras. Entretanto, o maior montante do dinheiro utilizado para

a manutenção dos quadros do jornal, bem como para manutenção do maquinário provinha das assinaturas, que em março de 1958 foram contabilizadas em mais de 25 mil em todo o território nacional.

Como foi mostrado em livro sobre a *Enciclopédia do Integralismo* (CHRISTOFOLETTI, 2021, p. 81) havia no jornal seções diferenciadas para abarcar todas as faixas etárias. Assim, ao mesmo tempo em que havia as seções políticas e econômicas, geralmente voltadas ao público masculino adulto, havia também o suplemento feminino, o caderno adolescente e o infantil. O público d'A Marcha era, principalmente, os correligionários do PRP e simpatizantes do integralismo. Uma vez que o jornal era semanal, a rede de distribuição d'A Marcha abrangia a maioria das grandes cidades do país, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. De acordo com Gumerindo R. Dórea, redator chefe do jornal, até 1959- “mesmo que demorasse para chegar, com alguns dias de atraso, nossos leitores não ficavam sem o jornal... estivesse ele na Bahia, ou no Maranhão, em São Paulo ou no Rio, onde o jornal era pensado, diagramado e prensado” (DÓREA, 19/11/2001).

Diretórios do PRP de todos os estados enviavam mensagens confirmando o recebimento do jornal. Diversos telegramas de diretórios do interior dos estados das regiões norte e nordeste, além da região sul, foram enviados ao Diretório Nacional do PRP e à redação do semanário, o que comprova a amplitude da rede de distribuição d'A Marcha. Tais telegramas eram frequentemente publicados nas páginas do jornal. (Telegramas passivos. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro) De acordo com um anúncio veiculado sistematicamente no hebdomadário: “A *Marcha* é o semanário, entre todos os jornais do país que penetra em mais municípios brasileiros, ou seja, 1850 municípios. A *Marcha* alcança onde o brasileiro está. De cima a baixo do mapa nacional” (A *Marcha*, 26/7/1957, p. 1).

A leitura dos mais de 12 anos de cobertura do jornal A *Marcha* revelou, por um lado, a existência efetiva de grandes dificuldades de financiamento, e em decorrência disto, o esforço na obtenção de recursos por meio de campanhas voltadas à militância integralista. Com uma circulação nacional, o semanário, a partir da segunda metade dos anos 1950 era mantido com a colaboração dos assinantes e dos pouco mais de 60 anunciantes, dentre os quais se destacavam empresas de projeção internacional, como empresas aéreas, de laticínios, empresas farmacêuticas, dentre outras.

Os principais anunciantes de A *Marcha* entre 1953 e 1965 abrangeram diversos setores da economia brasileira. Tanto os anunciantes locais quanto os de projeção nacional e mesmo multinacional tiveram espaço constante nas páginas do jornal A *Marcha*. Setores como o editorial, financeiro/estatal, financeiro/privado, aviação, industrial farmacêutico, industrial alimentício, comércio, imobiliário, setor automotivo, hoteleiro, de construção civil e até mesmo, governamental, como no caso, de diversos anúncios do governo estadual de São Paulo construíram a carteira de anunciantes

do jornal.¹⁰ Entretanto, o maior montante do dinheiro utilizado para a manutenção dos quadros do jornal, bem como para manutenção do maquinário provinha das assinaturas, que em março de 1958 foram contabilizadas em mais de 25 mil em todo o território nacional.

O lançamento do jornal A Marcha, em fevereiro de 1953, é mais um elemento da estratégia integralista dos anos 1950, visando retomar a iniciativa de expandir suas bases e inserir-se no debate político nacional. Desde o fim da circulação do jornal Idade Nova, em abril de 1951, o partido havia ficado desprovido de um jornal de circulação nacional. Já em junho daquele ano estava em andamento o recolhimento de contribuições para o lançamento de um novo jornal integralista (que viria ser A Marcha) o qual se estendeu por todo o ano de 1952. Poucas semanas após seu lançamento, o jornal colocou-se a questão da vinculação partidária: “A *Marcha* não é um jornal partidário no sentido comum da expressão. É um jornal que tem uma linha política definida, assentada na doutrina do cristianismo e do nacionalismo. O que queremos? Formar uma mentalidade cristã, nacionalista; e de lutar pela afirmação cultural do Brasil” (DÓREA, 1953, p. 2).

Uma vez que o jornal era semanal, a rede de distribuição d’A Marcha abrangia a maioria das grandes cidades do país. De acordo com Gumerindo R. Dórea, redator chefe do jornal, até 1959- “mesmo que demorasse para chegar, com alguns dias de atraso, nossos leitores não ficavam sem o jornal... estivesse ele na Bahia, ou no Maranhão, em São Paulo ou no Rio, onde o jornal era pensado, diagramado e prensado” (DÓREA, 2007). Mas, nem só de palavras vivia o jornal. As imagens constituíram parte significativa de uma narrativa bem azeitada que objetivava supervalorizar os feitos integralistas e ridicularizar seus antagonistas. Desta forma, se na Idade Nova (ao longo da década de 1940) o foco foi quase que exclusivamente o anticomunismo, termômetro que media a temperatura dos acontecimentos mundiais (todos imersos no caldo engrossado pela Guerra Fria), o jornal A Marcha terá como combustível um universo mais multifacetado de personagens a serem retratados. A Guerra Fria continuou sendo a órbita que prendia os personagens satélites, numa gravitação atraída pelo desejo de protagonismo e antagonismo, típicos do integralismo. Mas, diferentemente das caricaturas e desenhos publicados na Idade Nova, as penas que criaram os traços

10 Os vinte e cinco anunciantes mais constantes do semanário no período supracitado foram: Livraria Clássica Brasileira, (320 anúncios), Banco do Estado de São Paulo (80 anúncios); Serviço Aéreo Cruzeiro do Sul (46 anúncios), Elixir 914 (30 anúncios pequenos), Pílula do Abade Moss (256 anúncios), Banco Hipotechario Gramacho (46 anúncios), Casa Valentim (84 anúncios), Banco Mauá (129 anúncios), Sorvetes Kibon (247 anúncios) Sabonete Santelmo (45 anúncios) Pan Air do Brasil (54 anúncios), Editora das Américas (38 anúncios), Móveis Drago (30 anúncios), Varig Serviços Aéreos (135 anúncios) Volkswagen do Brasil (70 anúncios), Laboratório Leite de Rosas (68 anúncios), Imobiliária Inhangá (34 anúncios) Mecânica Paulista (45 anúncios) Hotel Suisso (32 anúncios) Casa Marconi (79 anúncios) Casa Buri (34 anúncios) Edições GRD (68 anúncios), Fotografia Arsenal (76 anunciantes), Loyd Brazilian Ship (43 anúncios) e Hotel Pantanal (32 anúncios). Fonte: A Marcha, março de 1953 a outubro de 1965.

publicados n'A Marcha retrataram um “integralismo disruptivo”, que almejava voltar ao centro das atenções.

Como se lê a imagem que fala por si?

“O humor ilude-nos como uma faísca, num canto escuro.
A verve um tanto imoderada, uma corrupção do sentimento que faz galhofa,
um medo de ganhar nome de suspeita virilidade.
Quem não troça é beato ou é eunuco”.
(Bessa Luis, 1954)

As palavras da poetisa portuguesa, Augustina Bessa Luis nos ensinam uma lição: quem não troça é beato ou eunuco. Diria, nem tão beato que não se permita tropeçar no acentuado da palavra, nem tão eunuco, que se perca na impossibilidade da ação, vivendo apenas da palavra. A galhofa é singela e fez a cabeça de muita gente naqueles finais dos anos 1950 e princípios de 1960. E agora? Pergunta o desenhista. A clara dicotomia social que aparta ricos e pobres, paradoxo formador da nação brasileira é expressa de maneira clara no desenho a seguir que alude de maneira telegráfica a mensagem emitida. Curioso é que a telegrafia da mensagem em algumas charges e caricaturas confere a estas, um caráter diretivo e pouco formal. Nelas, não há nada de sub-reptício. Tudo o que se quer dizer está dito! No caso do exemplo a seguir, homens brancos e idosos, representando políticos vestidos de terno, gravata e cartola seguram bolos e doces que são oferecidos a uma pessoa do povo. Este, claramente desconfiado rechaça e replica: “Chega de doce, agora eu quero Salgado!”



Figura 77- A Marcha, 2 de setembro de 1955, p. 7

A mensagem direta usada pela charge ameahava introjetar no leitor dos jornais integralistas a necessidades de perceberem que as narrativas traçadas para angariar votos podiam ser desmascaradas, tivesse o leitor integralista apenas alguns exemplos nos quais tais situações ocorreriam. Talvez, o exemplo mais significativo da tentativa de construção de uma narrativa edulcorada por parte dos desenhistas dos jornais integralistas seja o exemplo a seguir. O cenário: o jubileu de prata integralista. Os protagonistas: o chefe e sua militância, já acostumada a rechaçar os presentes e prendas do baronato eleitoral. A narrativa a ser contada: três décadas de controvertidas ações políticas. Assim se deu com o desenho que destacamos a seguir. Sem parecer construir uma legendagem do óbvio, nos interessa nesses desenhos o diálogo sobre como os integralistas usaram do traço de seus desenhistas, para contar uma narrativa que tivesse sentido para a militância. Essa narrativa objetivava construir uma percepção de realidade que, via de regra, opunha os integralistas às diversas gramaturas políticas existentes à época.



Figura 78- A Marcha, 9 de outubro de 1959, nº 325

Como desdobramento do júbilo pelo aniversário de 25 anos do movimento, inundando as páginas de seus jornais com elementos estéticos e simbólicos, o jornal A Marcha (no período de outubro a dezembro de 1959), publica essa narrativa imagética. Com um enredo que pretende dar conta de vinte e sete anos de ação política (1932/1959), este desenho que toma o espaço de uma página inteira do jornal busca retratar os acontecimentos que os integralistas julgaram mais significativos em sua trajetória. Destacam-se: da esquerda para a direita: o manifesto de 7 de outubro de 1932,

registro de nascimento do integralismo; os desfiles uniformizados que caracterizaram o movimento; a oposição à chamada “intentona comunista” de 1935, retratada neste desenho como fruto de pessoas que atacam seus detratores enquanto este dormem, ou pelas costas, de maneira covarde; os tentáculos sociais do movimento, com seus lactários e hospitais e agremiações esportistas; os afagos de Getúlio Vargas, antes e depois de seu ato discricionário; até chegar no auto exílio de Salgado em Portugal, de onde retornaria pós 1946; a criação do PRP; dos Águias Brancas; do Jornal A Marcha e todo poderio simbólico representado agora pelo sino que badala emoldurado pelo mapa do território nacional. A trajetória ilustrada pelo desenho acentua episódios em que a figura de Salgado é central. Diante da tribuna, anunciando o que para os integralistas teria sido obra do chefe, às vésperas da inauguração da nova capital federal. Toda essa narrativa imagética tendo como centralidade, três referências fundamentais: o manifesto do 7 de outubro de 1932, espécie de certidão de nascimento do integralismo, as bandeiras do integralismo (com seu enorme Sigma ao centro) e a do Brasil, e por fim, a figura quase demiúrgica de Plínio Salgado, ostentando os dizeres: “o mesmo chefe, a mesma luta, a mesma ideia”. Acentua ainda mais a narrativa criada neste desenho o mapa do território nacional no centro do planeta de onde destaca-se o rosto de Salgado. Esta breve descrição do que se vê no desenho ajuda a dimensionar o quanto uma narrativa e suas representações podem ser lidas como uma sucessão sincrônica de diacronias esparsas.



Figura 79- A Marcha, 4 de maio de 1961. Assim estava escrito: as previsões de Salgado

O mesmo se deu com este desenho que explorava a aura de predestinação auto atribuída por Salgado. Tal como demonstrado em alguns volumes da Enciclopédia do Integralismo, Salgado advogava a premissa de que muitos dos feitos realizados por Kubitschek foram na verdade ideias nascidas no seio integralista. De maneira pouco

ortodoxa sugere que o nacional desenvolvimentismo, a automobilização e rodoviarização do país, a criação de Brasília e do estado da Guanabara, a narrativa do Petróleo como sendo o ativo mais importante do futuro, bem como a infraestrutura em plena expansão, foram todos tópicos criados pela mente iluminada do chefe integralista. Como em seu romance *A Voz do Oeste*, publicado em 1934 pela Editora José Olympio, onde conta a história de um país que ainda estava em construção, a predestinação do chamado: “Assim estava escrito!” será por muitas vezes evocado pelas vozes dissonantes do integralismo, que buscam um uníssono, questionado cada vez mais ao longo da década de 1950.

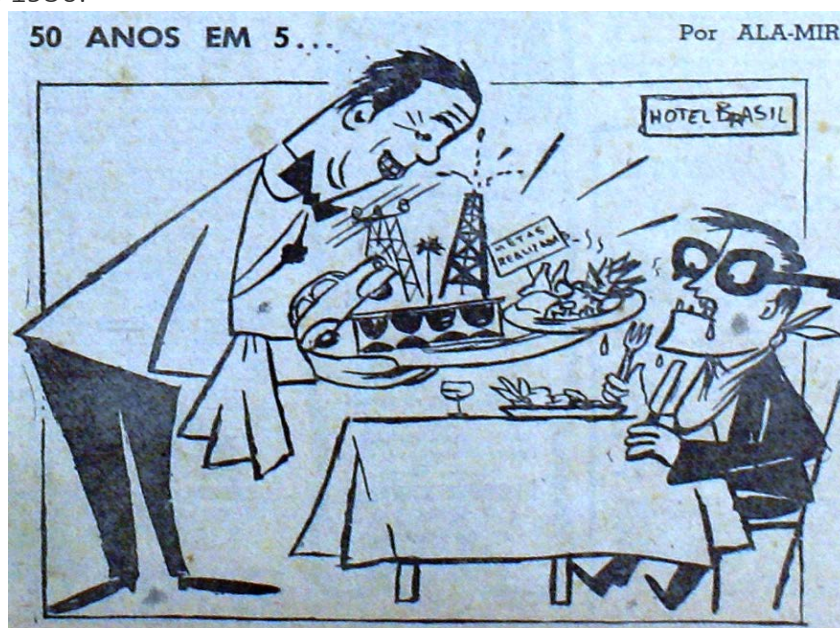


Figura 80- A Marcha, 5 de fevereiro de 1960, nº 340

Dos diversos personagens políticos nacionais retratados pelo traço de Ala-Mir, três tiveram maior destaque: Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e Carlos Lacerda, este último apresentado como detrator *número um* da política do PRP, em finais dos anos 1950. Neste desenho, publicado originalmente em *A Marcha* e reproduzido posteriormente em diversos jornais integralistas no interior do país, a dupla protagonista das maiores críticas do integralismo no pós-guerra, aparecem de maneira a interagirem com uma demanda: ambos são sempre os antagonistas. São retratados dessa maneira, propositalmente. Enquanto o presidente serve o prato principal, salpicando detalhes do Plano de Metas, Lacerda, com rosto e dentes animais, aguarda salivando o banquete do dia. A figura de Kubitschek como um *garçon* é a prova da ridicularização que o integralismo fazia do presidente. No restaurante do Hotel Brasil, onde se servia o prato do dia, o slogan “50 anos em 5”, diversos personagens alimentariam sua contestação e contrariedade políticas tendo como pano de fundo os tumultuados estertores dos anos 1950. A Marcha contabilizando dividendos políticos e falando para

PARTE 3 COMO SE LÊ A IMAGEM QUE FALA POR SI?

seus pares, ampliava a dissonância do discurso de coesão, potencializando críticas que foram se acentuando conforme o fim da década se desenhava.

O retrato construído pelos jornais antagonistas ao integralismo em plena corrida presidencial de 1955, mostrando Plínio Salgado na última colocação é visto pelos jornais integralistas como uma perfídia, uma traição. Sabemos dos desafetos escancarados que Carlos Lacerda nutria por Salgado e este é o fator que deve ser lembrado. Tal como os jornais integralistas retratam Lacerda com feições bestiais, a *Tribuna da Imprensa* ridiculariza o esforço de Salgado, que subindo a ladeira da campanha eleitoral em um asno integralista, demonstra fazer mais força do que parece aguentar. A provocação seria usada como mote para uma série de outras charges que criariam um novo slogan para a campanha de Salgado: o candidato está chegando! Tal como nos anos 1930, quando o integralismo subvertendo as dinâmicas absorveu a simbologia detratante da galinha verde como alegoria de sua ação política, agora lançaria novamente esse expediente, buscando tornar legítimo o achincalhe produzido pela prensa de Lacerda. Os mais de setecentos mil votos não foram suficientes para a execução do plano integralista de chegar ao poder pelo voto popular, mas se não foi suficiente para o sufrágio, foi a vez que o integralismo mais próximo chegou do grande público, alargando suas influências para além do eleitorado teleguiado por Salgado.

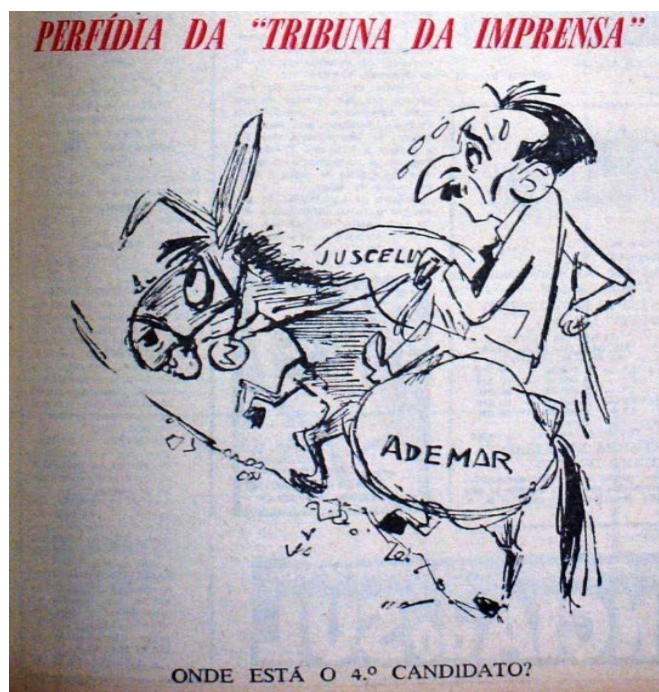


Figura 81- A Marcha, 14 de outubro de 1955

Depois de subir a ladeira, altivez do cume, os integralistas continuaram flertando com uma forma autoritária de poder, até encontrarem guarida uma década depois, nos bancos dos fundos do governo militar, fruto do ato discricionário de um grupo que via nos integralistas uma tropa de confiança. Os partidários do PRP, terminaram

seus dias alistados nas frentes da ARENA alijados de quaisquer poderes, embora recorrentemente bradassem o contrário. Quando o dono da Tribuna da Imprensa foi cassado, juntamente com Jango e JK a perfídia alardeada na charge pareceu quase profética. Nunca mais Lacerda, Goulart ou Kubitschek voltariam ao poder, morrendo os três em curto espaço de tempo entre um e outro, sob suspeitas de terem sido calados. Salgado não viu a morte de seus opositores, dado que faleceu meses antes dos desaparecimentos de seus opositores mais leais. Mesmo assim, a perfídia manteve-se como uma lembrança de dias que não voltariam mais.

Os últimos desenhos selecionados nessa tentativa de compreender os sinais e as mensagens emitidas pelas caricaturas/charges integralistas é a síntese do que o movimento enfrentou na vigência do PRP como partido no curto período democrático (1946-1964), cujas ações eram respondidas na arena e na tribuna das Câmaras legislativas do país. Com a política como motor de sua ação social, o PRP, e seu integralismo à paisana aprenderam que o chão da legislatura é um terreno diferente da rua quando se trata de influenciar e fazer valer suas ideias.



Figura 82- A Marcha, 24 de abril de 1959, nº 301

A cena nos parece contemporânea. A fuzarca representada nesta charge explicita a mensagem passada pelo PRP: a Câmara dos Deputados é uma zona de guerra. Enquanto o deputado Tenório Cavalcante (PSD), municiado de esporas e erguendo a folclórica submetralhadora MP- 40, cognominada Lurdinha, dá uma chave de braço no pescoço de Carlos Lacerda (UDN), representado com dentes animais, um deputado do PCB é enforcado por um descamisado munido de uma machadinha. Um cachorro urina na barra da calça de um parlamentar do PST, enquanto ratos saem das

cestas de lixo e dos sapatos perdidos. A barafunda se completa com penicos e panelas atiradas. Deputados pedem inócuos apartes, enquanto esfaqueamentos acontecem. Dentaduras voam, literalmente. O plenário é um campo de guerra, diante do qual, na tribuna, Salgado fala aos ventos, absolutamente ignorado pelos interesses de cada bancada. Um fotógrafo registra toda a cena que será desenhada nos jornais integralistas. É um testemunho de uma história que será contada pelos jornais integralistas como sendo uma “estreia e tanto” para o veterano parlamentar, Plínio Salgado. Essa cena será vangloriada pelos jornais integralistas como a prova do “compromisso hercúleo” que Salgado teria na Câmara. Essa cena, tão bem caricaturada pelo desenhista do jornal A Marcha, ALA-MIR, inaugura um *modus operandi* que perpassará os anos e 1957 em diante e que fará dos traços carregados do desenhista o novo modelo de comunicação com o contingente militante.



Figura 83- A Marcha, 31 de julho de 1959, nº 315

A retórica da política já é conhecida de todos. Promete-se, mente-se, engana-se, esquece-se. Como em um jogo de cartas, o blefe e o truque são as ferramentas mais utilizadas. Em período de campanha eleitoral, essa é a prática. O integralismo não se furtou de explorar essa característica intrínseca das campanhas político-partidárias. Com a charge: “As cartas na mesa...”, ALA-MIR constrói uma história colocando alguns dos mais proeminentes políticos em finais dos anos 1950, numa espécie de metáfora: a mesa de cartas. Enquanto Tenório Cavalcante chega com sua capa preta, empunhando sua arma de estimação, o governador da Bahia, Juracy Magalhães, com seis cartas nas mãos olha desconfiado para os naipes que possui, enquanto o, então, prefeito de São Paulo, Ademar de Barros, esconde um valete de paus nos pés. Salgado também

possui uma carta escondida no pé esquerdo, mas é representado como o único pronto a vencer o jogo. Com um Às de ouro em riste, que na cartomancia designa equilíbrio (que ironia) é interrompido com a entrada abrupta do deputado carioca.



Figura 84- Maquis. Outubro de 1957

Se por um lado a imprensa integralista carregou nos pincéis com uma variedade de temas e assuntos plurais, usando as charges e caricaturas dos desenhistas integralistas como mobilizadores de suas denúncias, por outro, dezenas de caricaturas anti integralistas foram publicadas em órgãos da imprensa de grande circulação no Brasil no mesmo período. Anedotas e adjetivos de pouca lisonja explicitaram o quanto o integralismo do período pós-guerra motivou seus detratores a criarem na memória da população o estigma de movimento desimportante, enfraquecido, preso ao passado. O integralismo não é mais o mesmo. O integralismo é uma vaca magra. O integralismo o é um fantasma passadista. O integralismo é uma galinha revivida. O integralismo é uma aurora boreal nos trópicos. O integralismo é como boitatá e curupira: só existe na imaginação embora engane muita gente e apenas ande para trás. Todas essas alegorias visavam mostrar o descompasso entre o que o integralismo era e o que almejava ser. Por este motivo, finalizamos a análise dos desenhos selecionados destacando aquele que ilustrou o volume da revista Maquis de outubro de 1957, reproduzido semanas depois nos periódicos integralistas. Com o *slogan* “Tão caro quanto a verdade”, o tabloide Maquis trouxe uma leitura com tom moralista que tanto seduzia os leitores e eleitores de Carlos Lacerda. Dirigido por Amaral Netto vendia, paradoxalmente, um certo clima juscelinista com roupagem lacerdista. Um híbrido de contrastes marcantes. Mas, antes de tudo, como uma das direitas possíveis, o porta voz do udenismo extremado encontrou em meio a artigos às vezes bem- cuidados e em geral cheios de referências

culturalistas, a oposição ferrenha ao desenvolvimento de Juscelino Kubitschek e a figura de Plínio Salgado, visto pela Maquis como um velho fraco em meio a meia dúzia de “fanáticos lunáticos”. Segurando uma galinha, Salgado ergue os braços em saudação característica, sendo levado em uma cadeira de balanço (típica dos anciãos) por simpatizantes com feições abobadas. Com o slogan: “O integralismo está de volta! A volta das galinhas verdes!” tornava risível o retorno do integralismo, a despeito das celebrações de seu jubileu de prata ter sido, tal como mostramos no livro sobre a *Enciclopédia do Integralismo*, um momento de inflexão do movimento em plena Guerra Fria. É a prova do quanto um comportamento jocoso pode ser aproveitado pela cultura política de um movimento em detrimento da memória política de outro.

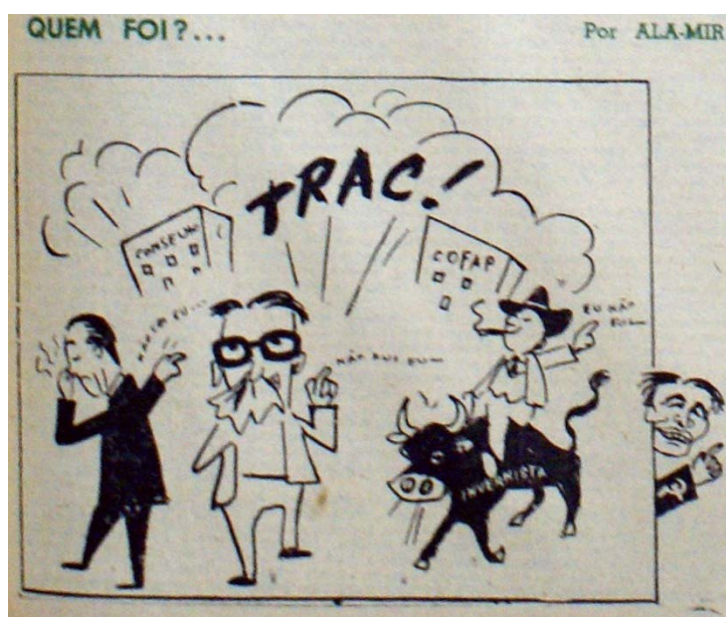


Figura 85- A Marcha, 20 de novembro de 1959, nº 331. Mais uma vez a figura de Luís Carlos Prestes é ridicularizada como na trova da “vaca amarela”. O cheiro ruim da flatulência, claro, teria que ter sido produzida pelo comunismo, que após a escapadela gasosa sai sorrateiramente, por trás da cena

O fim foi melancólico para o integralismo, que riu dos antagonismos da mesma forma como riu com seus traços. Seja nos escritos de uma militância arraigada, nos desenhos *non sense* de artistas ou nos traços carregados de seus caricaturistas a mensagem do integralismo foi bastante clara: independentemente do rótulo de *non grato*, o integralismo construiu uma autoimagem de si mesmo e lutou para mantê-la viva. Do rascunho à arte final o que mudou foram os tons e matizes, pois a identidade integralista saiu dos anos sessenta da mesma forma como entrou, confortável na coadjuvância de um Brasil passadista, feição mais cara à sua amorfa militância.

Embora o PRP tenha vivido uma trajetória mais duradoura que a da AIB, o partido conheceu o caso semelhante. O projeto de governo/poder integralista foi novamente frustrado com golpe de 1964 e o corolário do Ato Institucional n.º 2, que extinguiu os partidos políticos, em 27 de outubro de 1965. Tendo cedido seu apoio aos militares,

após a instalação do bipartidarismo, Plínio Salgado, assim como grande parte dos correligionários do PRP, filiou-se à ARENA (Aliança Renovadora Nacional) (TRINDADE, 1994b, p. 124). Em meados da década de 1970, Plínio Salgado afirmou: Quem disse que não governaríamos? Podemos não ser o centro do poder, mas somos seus mais fortes pilares (SALGADO, 1972, p. 23). Apesar desta afirmação, o Integralismo, ao menos, enquanto discurso filosófico teve uma sobrevida bastante curta após o período de exceção, o que nos impele a questionarmos: em que medida os pilares referidos por Salgado ruíram após o seu falecimento, em 7 de dezembro de 1975?

Plínio Salgado: o protagonista discreto

Se por um lado, Lacerda, depois Quadros serão amplamente caricaturados pelas penas integralistas, como veremos mais adiante, Plínio Salgado, um plágio mal disfarçado de si mesmo, terá um papel de coxia nas tramas contadas e nas caricaturas publicadas em *A Marcha*. Acostumado ao protagonismo e à pregação aos já convertidos, a presença de Salgado nas caricaturas do jornal perrepista será comedida, assim como serão comedidos seus arroubos de megalomania, tão bem explorados pelas caricaturas de jornais antagônicos ao integralismo, em relativa abundância ao longo das décadas de 1940 e 1950. A seguir, veremos como a verve superlativa de Salgado foi substituída por um protagonismo discreto.

O integralismo do período da Guerra Fria vivenciou o aprofundamento do anticomunismo virulento e monocórdico, velho conhecido dos anos 1930. Elegendo o comunismo como adversário quase exclusivo de suas investidas, Plínio Salgado, passa a construir uma imagem de articulador de bastidores, nutrindo assim, presença mais assiada no cenário político nacional, o que redundou em uma posição coadjuvante nas tramas noticiadas pelos jornais de grande circulação nacional, entre finais da década de 1950 e princípios de 1960. No entanto, o enredo criado pelas notícias veiculadas em *A Marcha* apresenta Salgado não como um personagem de pouca expressão política, mas como um “protagonista discreto”. Como nos conta (Gonçalves, 2015, 45), a luta anticomunista embalada pelo contexto mundial transformou Plínio Salgado em uma espécie de “caçador de comunistas”.

Mas, este “protagonista discreto” serviu mais como escada para uma boa piada do que como centro da narrativa, o que se fez expressar por meio de poucas caricaturas publicadas em *A Marcha*. Desde os idos de a Idade Nova, os desenhistas do integralismo não retratavam os políticos integralistas com a mesma profusão e intensidade com que faziam com seus antagonistas. No caso de *A Marcha*, essa discrição era ainda maior.



Figura 86- A Marcha, 20 de fevereiro e 1959, nº 293

Ao longo dos quinze anos analisados, contam-se nos dedos as vezes em que Salgado aparece como protagonista da caricatura publicada. Os exemplos selecionados neste tópico são o fruto de um exercício de diligência que motivou e intrigou a escrita desse livro. Se no princípio das pesquisas partiu-se do pressuposto que as caricaturas funcionariam como uma espécie de auto promoção dos integralistas, pois imaginava-se que eles se auto representariam em profusão, o que se percebeu com o aprofundamento da leitura dos jornais foi que “o outro” sempre foi o foco. Por este motivo, Salgado dialoga com outros protagonistas como quem espera para dar a última palavra e jogar o jogo das conveniências e agruras políticas, cujas regras bem conhecia.



Figura 87- A Marcha, 6 de julho de 1961, nº 406

Alguns exemplos nos servem para darmos a dimensão do quanto as interlocuções de Salgado foram se transformando ao longo das décadas. Em todas as entrevistas, discursos ou pronunciamentos dessa época, Salgado sempre tematizou monocordicamente a mesma verve anticomunista. Seus interlocutores, bem como os alvos de sua linguagem felina mudaram, mas a temática permaneceu. Se nas décadas de 1940 e 1950 seu maior alvo dentro do Brasil era Luis Carlos Prestes, a partir de 1962, seu antigo aliado Leonel Brizola (não caricaturado pelo jornal até 1961) passou a ser taxado como um demagogo comunista, e um intenso discurso foi direcionado contra o governo janguista, que era visto como promotor da presença vermelha no Brasil, inclusive com influência de agentes de Moscou no território nacional. Em 1962, o PRP rompeu relações com o governo João Goulart, que assumiu a Presidência após a renúncia de Jânio Quadros, cuja posse tivera o apoio de Plínio Salgado. Era mais uma etapa da “paranoia” contra o comunismo. De acordo com (GONÇALVES, 2015, p. 52) utilizando um discurso democrático e uma postura mais cautelosa em face da nova ordem mundial, a Guerra Fria, Plínio olhou com desconfiança para as duas potências hegemônicas, a URSS e os EUA, reagindo de forma negativa diante do imperialismo estrangeiro e da dependência econômica, velhos elementos do discurso integralista. Seus mandatos como deputado federal entre 1959 e 1963 e, depois, 1963 a 1967, potencializaram ainda mais sua verve anticomunista que, em plena Guerra Fria, momento de instabilidade política propiciou combustível para seus discursos. As ações, práticas e críticas anti marxistas e anticomunistas tornaram-se para Salgado, um samba de uma nota só, monotemática que acompanhou sua trajetória até o fim da vida, quando as nuances da Guerra Fria começavam a trocar de intensidade: palco que viu emergir novos protagonistas, em uma lenta mas irreversível distensão que culminaria duas décadas depois no ocaso do mundo soviético.

Esta trajetória gabaritou o líder integralista a aparecer dentro de casa como um interlocutor reagente, que apenas retruca às provocações criadas por aqueles que o interpelam. Por este motivo, seja dialogando com políticos da envergadura de Ademar de Barros, progonizando a querela (milhão contra o tostão), seja observando a corrida presidencial conforme a ótica da disputa sideral, seja ainda dançando o frevo das composições políticas, Salgado que foi amplamente caricaturado pelos veículos de grande circulação, já analisado com maestria e profundidade por outros colegas, terá no palco de seu próprio jornal uma discreta presença.

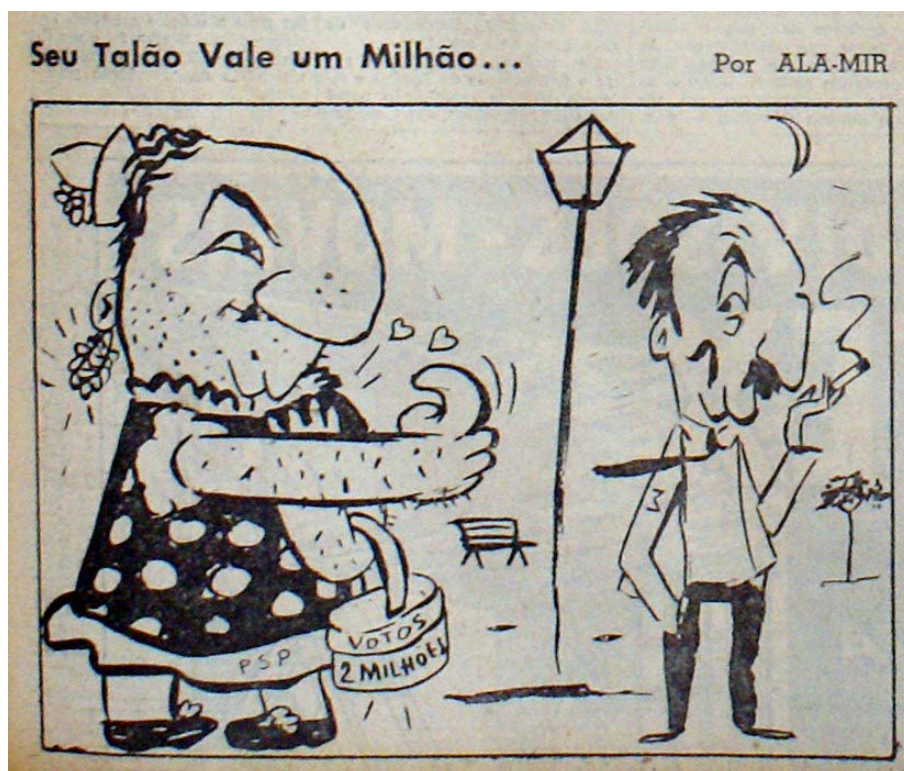


Figura 88- A Marcha, 10 de julho de 1959, nº 312

Em diversos cenários, Salgado aparecia como a iminência parda que tudo observa, situações sobre as quais tem pleno controle da cena, popularizando um ar blasé, próprio das figuras autocentradas. Em muitas dessas situações o mote desenhado era o que vinha fazendo a cabeça de todos em finais da década: a corrida espacial. Discos voadores, marcianos, mundos paralelos, ficção científica misturam-se ao chão de terra batida da política doméstica. O mesmo personagem que duvidaria da existência dos satélites soviéticos e que bradaria aos quatro ventos ter provas científicas de que seriam um blefe, observa de longe o disco voador ademarista. As opções são díspares, mas a ideia era mostrar que o único com os pés no chão, fincados na tradição e não na “ilação do futuro” era Salgado. Jânio, Lott, Ademar representam um futuro desligado da realidade, a conexão que se busca é a do futuro fadado ao insucesso versus a tradição da política experimentada, cujos pés fincados na realidade daria conta de responder às demandas do presente.

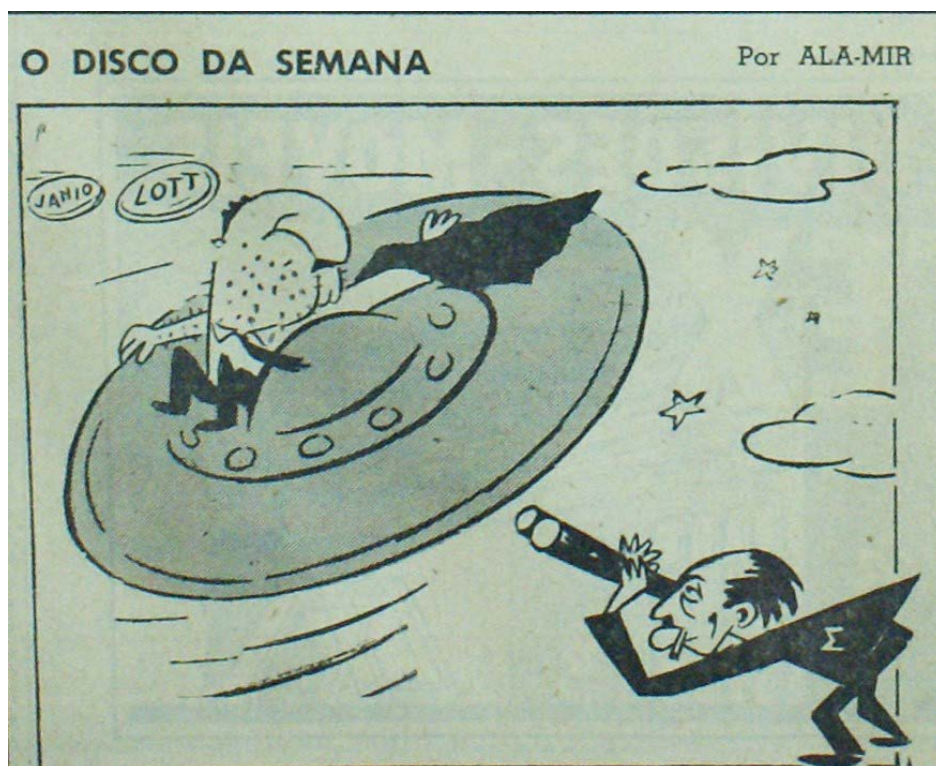


Figura 89- A Macha, 24 de julho de 1959, nº 314

Em um número de setembro de 1959, A Marcha traz o seguinte enunciado: “Há na situação atual: divisão na oposição; frieza na maioria e unidade na terceira força”. De acordo com o jornal, “ao que tudo indica, as marchas e contramarchas da sucessão presidencial, que até o presente momento não permitiram a consolidação de um nome sequer para disputar as eleições de 1960 acabarão obrigando a terceira força que até então vem atuando em função de forças ideológicas, a lançar todo o peso de seu contingente no prato da balança eleitoral. (...) Não havendo ao que parece nenhuma decisão firme em matéria de candidatura até a presente data, e não havendo além disso nenhuma perspectiva de definição de campos, é mais que natural que os chefes políticos que integram a chamada terceira força, com esse andar de caranguejo observado até aqui se tornem o elemento decisivo para qualquer decisão eleitoral”. (A Marcha, 4 de setembro de 1959. Capa)



Figura 90- A Marcha, 4 de setembro de 1959, nº 320

A história mostrou que a vassoura guiada pelo professor paulista venceu a corrida. Seus adversários, assim como seus aliados continuaram as primeiras horas da década de 1960, assistindo aos arroubos do novo presidente. Salgado, que no começo apoia Quadros, vai paulatinamente se tornando uma espécie de porta voz de críticas ácidas, o que faz com que se afastem mês a mês, até o desfecho da renúncia jamais renunciada. Plínio Salgado, assim como os políticos integralistas continuaram a década elegendo novos antagonistas, flertando com poucos e rechaçando seu adversário de estimação. A discrição foi a tônica levada a cabo pelo líder integralista, ao menos nos desenhos, caricaturas e charges de A Marcha, a mesma discrição que o integralismo deu às condutas de aproximação que ao longo da década de 1930 tiveram com o nazifascismo. Essa mesma discrição será quantificada em apenas duas caricaturas cujo mote faria alusão ao nazismo. Porque falar sobre, se é menos trabalhoso esquecer?

Nazismo: tema sensível ou abordagem anacrônica?

Em princípios dos anos 1960, quinze anos após o final da Segunda Guerra Mundial, o tema “nazismo” havia se tornado uma obsessão para muitos. Para muitos judeus, inclusive. As feridas profundas causadas com a mais de seis milhões de mortes sionistas incentivou uma verdadeira caça aos nazistas sobreviventes e fugidos. Como os integralistas insistiram peremptoriamente em se desvincularem das lembranças do nazismo, causa bastante surpresa que em alguns episódios, os mesmos tenham se manifestado por meio de seus desenhos com relação ao legado nazista. Tema sensível e raramente retratado pelos traços dos desenhistas do movimento integralista (tanto no pré quanto no pós-guerra), o antissemitismo foi peça de alguns clichês bancados pelo jornal. Em duas oportunidades o desenhista Ala-Mir suscitou o posicionamento dos integralistas com relação aos episódios corolários ao Holocausto, como o julgamento do Chefe da Seção de Assuntos Judeus no Departamento de Segurança de Hitler, Adolf Eichmann.



Figura 91- A Marcha, 15 de janeiro de 1960, nº 336

Protagonista do segundo maior julgamento de nazistas depois do processo de Nuremberg Eichmann foi retratado como um personagem animalesco que recebe a visita de seu algoz. O desenho é emblemático. A narrativa carregada pela imagem merece atenção, pois é a primeira vez que se vê em um jornal integralista, temas que aludem aos desdobramentos da guerra, com foco na troca de papéis. Como se viesse cobrar a fatura ainda não paga pelo genocida nazista, um judeu ortodoxo bate à porta do ex militar alemão. Em outra oportunidade, faz alusão aproximativa entre o nazismo e o comunismo, como se um se transvestisse de outro. Em ambas imagens o povo judeu é estigmatizado ora como o povo que cobra dívidas pagas com a morte, ora como o

povo que sempre foge. Um comunista disfarçado pinta uma suástica nazista na parede e comando está dado: é o motivo substancial para que o rabino saia sorrateiramente com sua lápide debaixo do braço. A associação é típica dos propósitos integralistas: vincular os extremos, demonizando sua existência. Fascismo brasileiro, quinta-coluna cabocla, radicalismo católico incongruente. Adjetivos não faltam para qualificar o integralismo quando se trata de aproximá-lo aos movimentos fascistas e referenciá-lo como algo originado a partir de uma matriz estrangeira. Não há dúvidas de que o integralismo, sobretudo na sua atuação dos anos 1930 foi um movimento autoritário. O conceito de totalitarismo, quando utilizado, foi tomado pelos integralistas de maneira meramente ilustrativa. Usaram-se figuras de linguagem ou eufemismos para confundir o leitor. O nazismo, bem como o fascismo, foram apresentados segundo seus tons mais carregados: o Nacional Socialismo Alemão, com sua falta de traquejo em diferenciar o indivíduo da pessoa, devido ao seu particularismo, fator inadmissível na concepção integralista; e o Fascismo italiano, com sua plenipotência exagerada, o que sugeriu a ideia de que, de um lado, “o *Führer* não passava de uma sombra caricata dele mesmo” e que de outro, o *Duce*, “era mesmo um ótimo ator, mas cujas atuações estavam prestes a desaparecer atrás do pano da história”, como diria certa vez, o próprio Salgado (A MARCHA, 5/7/1958, p. 6).

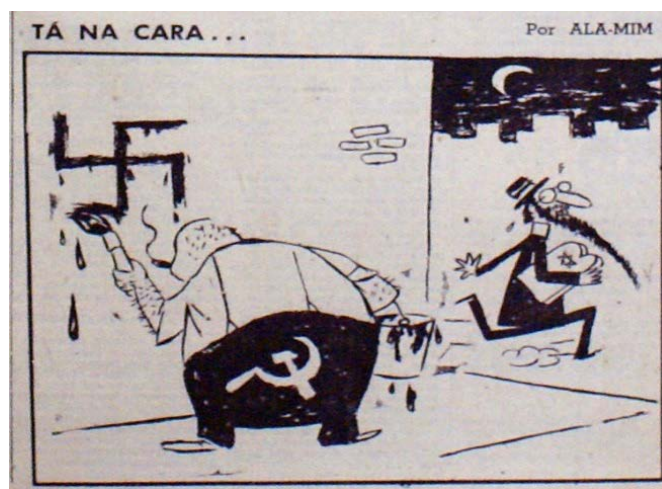


Figura 92- A Marcha. Cobrança a Longo prazo. 20 de abril de 1961, nº 395

Plínio Salgado declarou diversas vezes que o Integralismo não poderia ser confundido com o Fascismo ou Nazismo, pois, em essência: “(...) ambas doutrinas impunham ao homem um sacrifício de alma ao Estado, através da responsabilidade do *führer* ou *duce*. Se o integralismo se difere do fascismo pela ação contrária ao absolutismo do Estado, também se distancia do nazismo, não só pela reivindicação dos direitos essenciais da pessoa, mas principalmente por repelir em consequência o racismo e a decorrente esterilização. A ideia matriz do Nazismo foi a superioridade da raça germânica sobre os outros povos. A ideia do Integralismo é a superioridade da possibilidade de uma Nação Integral (SALGADO, EI, I, 1957, p. 116), a recorrência

com que Salgado enfatizou as diferenças entre os Estados totalitários europeus e o integralismo, descrevendo minuciosamente tais supostas diferenças, contradizia certas colocações do líder integralista.

Nesse sentido, um elemento que chamou a atenção refere-se à admiração que Salgado demonstrou nutrir pelo ditador português, António Salazar, entusiasmo que se acentuaria tempos depois, durante o autoexílio de Salgado em Portugal, e que se perpetuaria até a morte do integralista (SALGADO, Câmara dos Deputados, 6/7/1972). Tornava-se contraditório o integralismo apregoar um afastamento dos regimes totalitários sendo que o próprio Salgado exaltava sua admiração por um ditador totalitário. Em outro trecho, Salgado alimenta ainda mais a incoerência. Nos anos 1940 e 1950, as propostas políticas do integralismo permaneceram à espreita dos acontecimentos. Uma espera que, acreditavam os integralistas, “chegaria ao fim com a necessidade de resolução dos problemas nacionais, pois seriam os únicos a efetivar um novo projeto para a Nação” (IDADE NOVA, 08/12/1947) Os integralistas ainda nutriam vagas esperanças de representarem esta mudança. No entanto, excluindo o período militar, no qual diversos integralistas tomaram participação direta, ensaiando uma tímida tomada de poder, mesmo que de forma coadjuvante, tais oportunidades jamais apareceram realmente.

Por fim, tal como descrito no livro sobre *Enciclopédia do Integralismo* (CHRISTOFOLETTI, 2021, p. 165), de onde retiramos parte desse contexto, contrariando todas as suas declarações anteriores, e a despeito de parecer leviano nas suas afirmações e comprometer com isso não só sua imagem, mas, principalmente, a do movimento integralista, Plínio Salgado afirmou algo que fez enfraquecer a convicção de seus seguidores. Outra vez indagado a respeito das semelhanças dos respectivos regimes, declarou: “(...) não serei leviano em afirmar que preto é branco. Nos anos trinta tínhamos uma satisfação a prestar perante uma Nação inteira, mas o fato é que, embora sejam regimes diferentes, e o são, tanto a Democracia Integral como os regimes ditos totalitários teciam aparências muito aproximadas um com o outro. Estética? Interesses aproximados? Sim. Conduta? Ideologia? Definitivamente não!” (SALGADO, EI, I, 1957, p. 119). A declaração de Salgado, datada originalmente de finais da década de 1940, confirmou que todos os adjetivos atribuídos contra os integralistas tinham certa proximidade com o real. Comprovou-se que o tradicionalismo, autoritarismo e radicalismo integralistas deitavam raízes na aproximação com os regimes em questão. No entanto, tal comprovação não impediu que a problemática permanecesse polêmica no movimento integralista, principalmente porque para muitos simpatizantes tal declaração “não passava de uma interpretação de má fé de seus adversários” (IDADE NOVA, Setembro de 1949). A despeito dos registros históricos, para os integralistas incrédulos, o movimento jamais teceu aproximações ideológicas com os regimes totalitários. A documentação italiana analisada por João Fábio Bertonha atesta o contrário (BERTONHA, 2000, p. 08).

Guerra Fria em banho Maria... subindo a temperatura conforme as conveniências

Entre 1959 e 1961, diversos desenhos ideologizados nos tons e na tez ilustraram os números de A Marcha. Os festejos das bodas de prata integralistas, bem como as respostas às acusações dos grandes jornais, forneceram o tema para uma campanha de valorização do integralismo e seu ferrenho anticomunismo. No entanto, a celebração não se alimentou apenas das questões públicas (os festejos populares), mas também da materialidade expressa na vendagem de sua ideologia. Nesse sentido, foi fundamental o papel desempenhado pelos jornais Idade Nova e A Marcha funcionando ambos como explícita ferramenta do anticomunismo, espelho onde se refletiu as posições integralistas no período da Guerra Fria.

A disputa espacial, a iminência de uma incursão atômica, a crescente crítica à Cuba e à URSS, por parte dos norte-americanos após a frustrada diligência sobre a Baía dos Porcos, o que acabou por causar uma crescente migração cubana para os Estados Unidos depois de 1959, a peleja supervalorizada no placar sideral, dentre outros temas correlatos ao macrocosmo criado logo após o lançamento do satélite soviético, Sputnik, que A Marcha garantiu ser uma propaganda falsa dos soviéticos (1956 e 1957), ganharam de maneira sistemática as páginas do jornal integralista. O cenário provocado pela queda norte americana na Baía dos Porcos serviu de temática subsidiária por meses aos desenhistas integralistas, que se viram repetitivos na temática. Afinal de contas, os norte-americanos desembarcaram na madrugada de 17 de abril de 1961. Na tarde de 19 de abril, já haviam sido derrotados. Os sobreviventes da Brigada 2506 foram libertados após intensas negociações no Natal de 1962, um ano e meio depois. Ainda hoje, Cuba comemora todo dia 19 de abril como uma pequena nação derrotou o exército financiados pelo país mais poderoso do mundo.



Figura 93- A Marcha, 20 de maio de 1960- No mundo da lua



Figura 94- A Marcha, 30 de novembro de 1961. Coexistência pacífica?

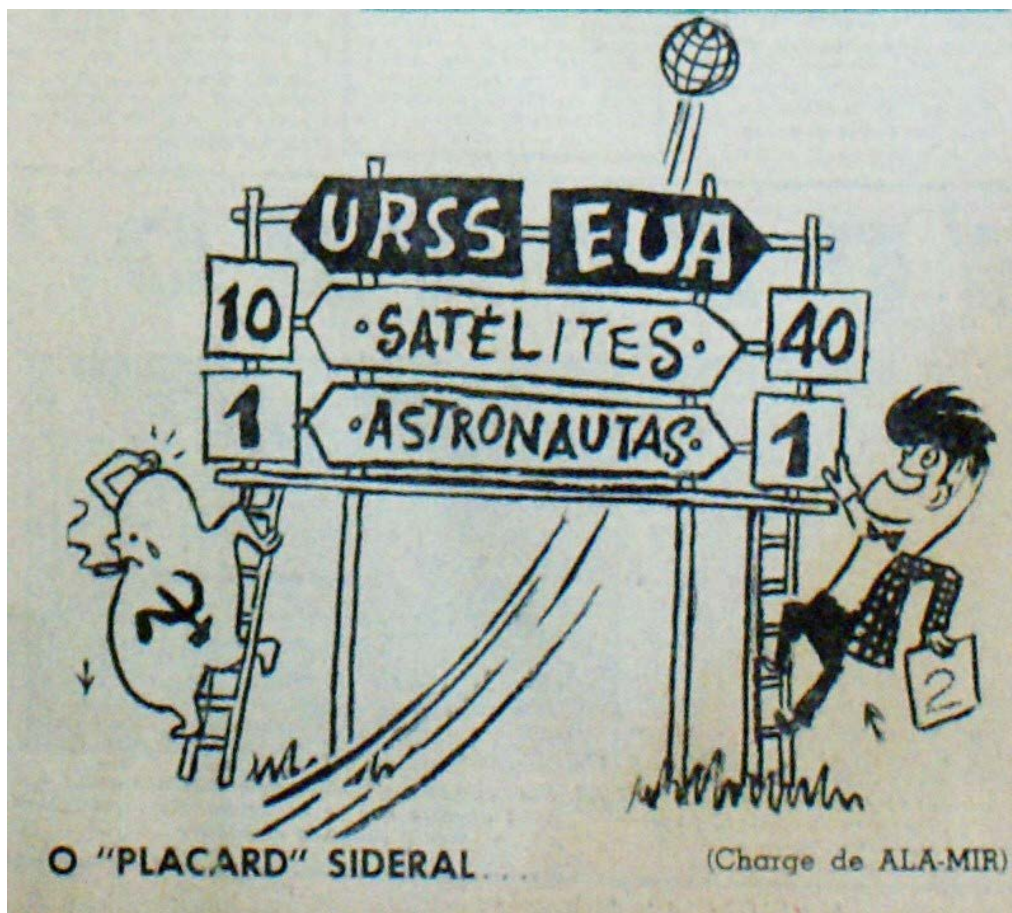


Figura 95- A Marcha, 11 de maio de 1961, nº 398. O placar sideral



Figura 96- A Marcha, 2 de junho de 1961, nº 401. JFK e Krushev e a valsa da morte



Figura 97- A Marcha, 3 de fevereiro de 1961, n° 386

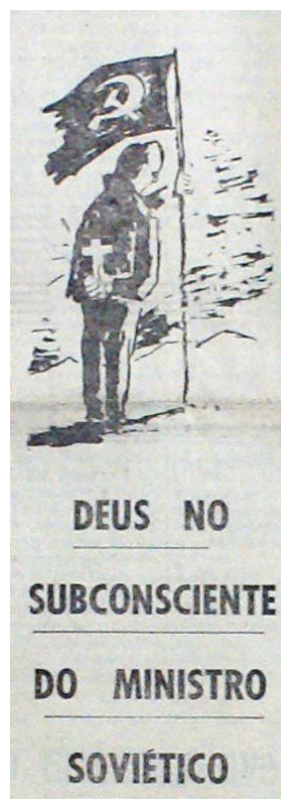


Figura 98- A Marcha, 10 de julho de 1959, nº 312

Na disputa espacial, em que cada episódio era noticiado como se fosse capítulo de uma história de folhetim, a corruptela do dístico latino, “volte de onde veio”, esteve presente em diversos clichês publicados ao longo da década de 1950/1960. “Em Cabo Canaveral, tudo pronto para mandar seis chimpanzés ao espaço. Já se sabe que dois são fêmeas, de onde se conclui que, desenganado na terra, o naturalista Darwin, tentará convencer no céu. Assim é esperado, caso os símios encontrem condições de procriar na Lua”, descreve A Marcha de 3 de fevereiro de 1961. O comentário criacionista deixa claro a desaprovação em relação à compreensão evolucionista e reitera aquilo que ao longo da década de 1930 foi explorado de maneira extenuante pelo integralismo. A reprodução de clichês dessa natureza costurou por anos, o discurso propagado pelo integralismo, de aproximação com a compreensão criacionista, o que acabou por construir uma relação pendular entre o integralismo e a igreja católica ao longo das décadas de 1940 e 1960. Por outro lado, a obsessão por compor o contraditório também fazia parte das estratégias de comunicação integralista. O desenho fala por si, mas busca ludibriar os leitores muitas vezes com sua leitura forçada de um mundo imaginário: O clichê “Deus no subconsciente do ministro soviético” é um exemplo claro do quanto uma mensagem pode ser criada para corroborar uma ideia pré-estabelecida.



Figura 99- A Marcha, 13 de março de 1959, nº 395. Tergiversar: o verbo mais proferido por uma ONU alienada ao conflito. Bolhas de sabão inebriam a visão enquanto a alternância da bomba é disputada entre as superpotências

Por pouco mais de uma década, semanalmente, A Marcha protagonizou a posição de fiel escudeiro de um arraigado anticomunismo. Sua cobertura jornalística, suas matérias, manchetes sensacionalistas, caricaturas, charges e chistes comunicavam e noticiavam ideologia transvestida de notícia, e de gota a gota foi avolumando sua

presença e penetração em círculos cada vez maiores, embora sempre pregando para os já convertidos. O fato de o jornal pregar para os convertidos, e não ter ressonância para fora da bolha integralista não diminui o impacto que o discurso anticomunista teve no período de circulação desse jornal, pois os integralistas do período da Guerra Fria não estavam sozinhos. Com um inimigo comum, os integralistas, mas também muitos liberais estreitaram fileiras nos campos de batalha ideológica de um tempo em que a demarcação das posições no tabuleiro ideológico era bastante definida: ou você era isso, ou era aquilo. Nesse sentido o anticomunismo nas páginas do jornal A Marcha, tal como já fora na época de A Idade Nova funcionou como uma potente máquina de retroalimentação ideológica que, embora muitas vezes tenha trabalhado sob a égide das hipérboles, fez dessa conduta a sua linha editorial, razão pela qual nenhuma caricatura ou desenho aparece de maneira meramente ilustrativa, mas funciona como elemento condensador da cosmogonia, compreensão de passado e projeção de futuro dos integralistas. Foi assim, com os motes vinculados explicitamente com a disputa espacial, militar e ideológica, pano de fundo dos primeiros movimentos da Guerra Fria, e seria assim no âmbito da política doméstica, onde se retratou a política nacional e seus próceres, ora como marionetes, ora como peças de um xadrez, constantemente em xeque. Tal como já retratado em Idade Nova, nos princípios da década de 1940 e 1950, recorte fundamental para se compreender o papel que os integralistas se auto atribuíram nesse cenário será novamente os desenhos relativos à sucessão presidencial de finais dos anos 1950: terreno fértil não apenas para ridicularizar seus antagonistas políticos, mas, sobretudo, para incutir na cabeça de seus militantes a cartilha de valores conservadores tão protegida pelos integralistas.

Kruschev e Castro: reflexos da mesma imagem?



Figura 100- A Marcha, 10 de fevereiro de 1961- Semelhanças no espelho Fidel e Krushev

Nikita Serguêievitch Khrushchov (também grafado Krushev, como nos jornais integralistas) foi um político que liderou a União Soviética durante parte da Guerra Fria como Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética de 1953 a 1964 e como presidente do Conselho de Ministros (ou primeiro-ministro) de 1958 a 1964. Responsável pelo movimento de desestalinização da União Soviética, pelo apoio ao progresso do primeiro programa espacial soviético, e por várias reformas relativamente liberais em áreas de política interna, Krushev também se notabilizou por proferir em fevereiro de 1956, o “Discurso Secreto”, no qual denunciou os expurgos de Stalin e deu início a uma era menos repressiva na União Soviética. Neste período, até em princípios dos anos sessenta será um dos personagens mais caricaturados por A Marcha. Nos desenhos selecionados, NK é retratado nas beiras dos extremismos, ora como um doido animalizado, que corre como um predador atrás de suas presas (no clichê ao lado, Berlim é como um coelho que foge da raposa – mote, aliás, já utilizado à exaustão para retratar Stalin), ora como um descontrolado, que rechaça a possibilidade de diálogo com o resto do mundo, ora ainda como um abobado, palhaço de circo.

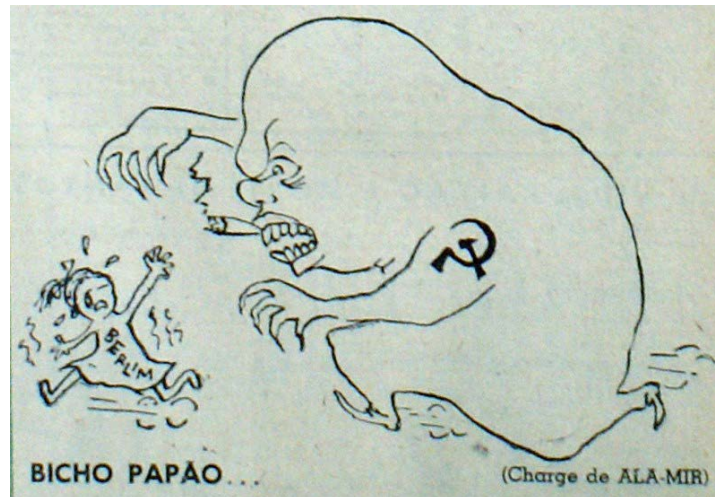


Figura 101- A Marcha, 01 de julho de 1961. Krushev e a crise de Berlim



Figura 102- A Marcha, 16 de março de 1961. Capa. nº 391

O prenúncio da crise ocorrida entre as lideranças soviéticas e o governo alemão, desencadearia o episódio conhecido como Crise de Berlim de 1961, o último principal incidente político-militar europeu da Guerra Fria sobre o status ocupacional da capital alemã, Berlim, e da Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial. A União Soviética provocou a crise com um ultimato exigindo a retirada das forças armadas ocidentais de Berlim Ocidental, acabando com a partição *de facto* da cidade com a construção do Muro de Berlim. É muito significativo que até finais de 1961 (baliza temporal desse livro) não tenhamos registrado nenhum clichê, desenho, caricatura ou charge sobre a construção do muro. Como mote das narrativas contadas por *A Marcha* foram registrados apenas os personagens soviéticos (homens e mulheres) as vezes famosos, as vezes anônimos, num frenesi que arregimentava uma visão de mundo conflitante e contrastante.

PARTE 3
KRUSCHEV E CASTRO: REFLEXOS DA MESMA IMAGEM?

Caracterizado como um bufão sorridente, abobado, vestido como circo de picadeiro, Krushev foi, por vezes, alvo de chacotas que buscavam amainar a figura sisuda e circunspecta do líder comunista. Levando seu cão de estimação para um passeio (Cuba), o desenho do comunista como um palhaço aproveita a trova popular como quem faz eco para uma clara ridicularização. “Cara de palhaço, pinta de palhaço”, alude uma música muito popular à época. Quando o compositor Miltinho, gravou a bossa, *Palhaçada*, em 1961, letra e música foram entoadas para dar vida ao personagem bufo. A letra foi aproveitada como gatilho para uma piada pronta: “*Cara de palhaço; Pinta de palhaço; Roupa de palhaço. Foi esse o meu amargo fim. Cara de gaiato, Pinta de gaiato, Roupa de gaiato. Foi o que eu arranjei pra mim*”.



Figura 103- A Marcha, 16 de novembro de 1961, nº 423. Experiências atômicas no deserto do Saara. Krushev rechaça o diálogo e o protesto do mundo



Figura 104- A Marcha, Mao e Krushev recrutando... 23 de novembro de 1961, nº 424

Protagonista dos ataques de a *Idade Nova*, por quase uma década, Luís Carlos Prestes volta a ser retratado como um garoto obediente que recolhe a mesada do pai, objetivando aquilo que os jornais integralistas chamariam de “promoção de atividades ilícitas”. Os vocábulos sabotagem, roubo e conspiração foram os mais utilizados nas legendas das caricaturas do líder comunista brasileiro, um espelho do que já havia acontecido nos anos 1940. A proximidade de Kruschev e Prestes, nos mesmos moldes da propalada com Castro foi utilizado à esmo, retratando os próceres comunistas em situações do cotidiano as mais comezinhas, vivências um tanto absurdas, em situações que dificilmente teriam vivido no cotidiano de suas vidas.

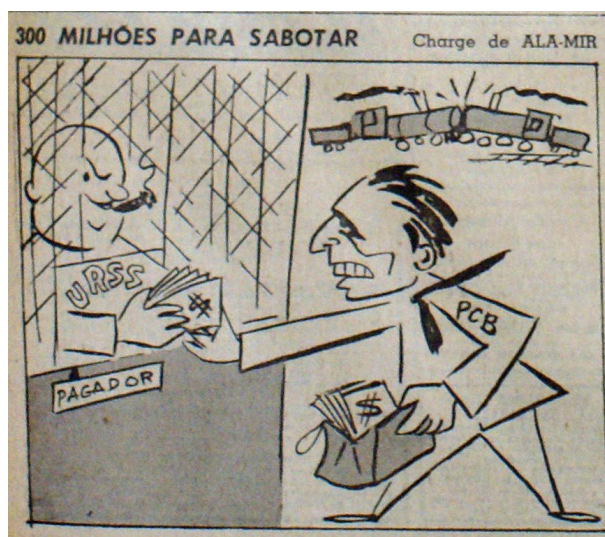


Figura 105- A Marcha, 19 de junho de 1959, nº 309



Figura 106- A Marcha, 30 de janeiro de 1959, nº 290. A ladainha de Kruschev

Simultaneamente à publicação desses motes, A Marcha concentra suas energias na edição de outra série de desenhos que retratavam Nikita Krushev em situações inusitadas. A quase onipresença do líder soviético no jornal só era rivalizada com a existência sistemática das caricaturas de Fidel Castro. Com a proximidade do XXI Congresso do Partido Comunista em princípios de 1959, as palavras chave dos discursos de Krushev “abaixo o imperialismo”, “viva o nacionalismo e o domínio do espaço”, passam a acompanhar os cânticos dos personagens escada do líder.

Quando não eram retratados como agitadores da desordem, manipuladores da opinião pública, ou mentirosos contumazes, os líderes soviéticos (primeiro Stalin, depois Krushev), eram sempre associados às desordens diplomáticas que moldaram as primeiras décadas da Guerra Fria. Na charge imediatamente abaixo vê-se um exemplo dessa tática levado a cabo pelo jornal A Marcha. Via de regra, os soviéticos foram sempre apresentados como os responsáveis pelos conflitos deflagrados no período, dentro ou fora de seus domínios. Palco de novas disputas, graças às suas riquezas minerais, o continente africano passa a figurar como um campo de disputa não apenas ideológica, como econômica. Exemplo é o desenho selecionado que ilustra o poder da ideologia nas ações soviéticas ao redor do mundo.

Como nos lembra (Gonçalves, 2015, p.45) a discussão sobre o colonialismo africano como elemento anticomunista era a temática daquele momento. Todas os grandes debates estavam em torno dessa questão. Em entrevista ao *Diário Ilustrado*, Plínio Salgado analisa a existência do projeto soviético para ter o controle do nordeste brasileiro a partir da África: “Eu penso que a Rússia está interessada em possuir bases militares em África para atingir a América do Sul. [...] Tendo a Rússia o nordeste brasileiro como campo de ação, como já acentuei, ser-lhe-ia na verdade fácil, com bases em África, atingir aquele ponto.” Eis uma clara posição no sentido de intensificar o elemento anticomunista brasileiro e transferir a luta a favor de Portugal. Ainda segundo Gonçalves (2003) no contexto da Guerra Fria e com o início dos confrontos coloniais, tentava-se criar um elemento que aproximasse Portugal e Brasil, corroborando os interesses portugueses de ter no Brasil uma base sólida no apoio do projeto colonial. Dessa forma, as preocupações com Portugal foram intensificadas, principalmente devido à conjuntura internacional. A luta anticolonial congoleza foi vencida, em junho de 1960, quando a independência deu origem a um conflito sobre a exploração dos minérios no novo país, com os europeus estimulando um movimento secessionista em Katanga para manter o acesso aos metais. Na época, em plena Guerra Fria, temia-se que a então União Soviética viesse a explorar a mina de Shinkolobwe. O conflito acabou levando ao assassinato do primeiro primeiro-ministro do Congo independente, Patrice Lumumba, em janeiro de 1961, numa trama da qual participaram os serviços secretos do Reino Unido e de outras potências ocidentais.



Figura 107- A Marcha, 23 de março de 1961, nº 392

Em mesma medida A Marcha acompanhava de perto outros conflitos ao redor do planeta. A contenda entre argelinos e franceses para conquistar a independência do país foi acompanhada de perto pelos jornais nacionais. O jornal possuía uma cobertura de política internacional seletiva, cobrindo basicamente os assuntos que interessasse à agenda anticomunista do jornal. Com o slogan “*Um só herói: o povo*”: os argelinos que lutaram pela libertação de seu país, a Argélia, passam a ser acompanhados diariamente pelos jornalistas internacionais. Em novembro de 1954 acontece uma série de atentados terroristas de autoria da Frente de Libertação Nacional, considerados como o início das hostilidades entre a França e a Argélia. A resposta francesa foi enviar cerca de centenas de milhares de soldados para a Argélia. Concomitantemente às notícias de violência, a sociedade francesa se vê consternada com as notícias do uso de tortura por parte do Exército francês diante da FLN e protestam contra a guerra. Ao visitar a Argélia, em 1958, De Gaulle percebeu que não havia muito que fazer e concede a autodeterminação do povo argelino. Neste mesmo ano, é fundada provisoriamente a república da Argélia. Em 1961, este grupo e alguns generais franceses tentam um golpe na Argélia contra a França. A ação fracassa, mas revela a necessidade de encontrar uma solução rápida para a contenda. Sem apoio da população na França e sem conseguir uma vitória no campo de batalha, De Gaulle foi autorizado por um referendo popular a negociar a paz com o governo provisório republicano da Argélia. A guerra terminaria apenas em março de 1962, mas as marcas permaneceriam nos argelinos por décadas. Nesta caricatura de De Gaulle, a imagem é superlativa. Enquanto os insurretos fogem portando foices e martelos, argelinos morrem enforcados abaixo do nariz do general francês. O coração da Guerra Fria pulsava conforme os átrios das superpotências bombeavam o combustível que alimentava os antagonismos em todas as áreas das relações internacionais. Os personagens caricaturados ao longo dos quinze anos dos

PARTE 3
KRUSCHEV E CASTRO: REFLEXOS DA MESMA IMAGEM?

jornais estudados ganharam protagonismo devido à sua proeminência no centro das decisões políticas globais, mas foram sendo substituídos conforme suas cores iam desbotando. Tornaram-se o protagonista da vez, depois o esquecido da vez, mês a mês ao longo de os cento e oitenta meses em que esses jornais circularam.

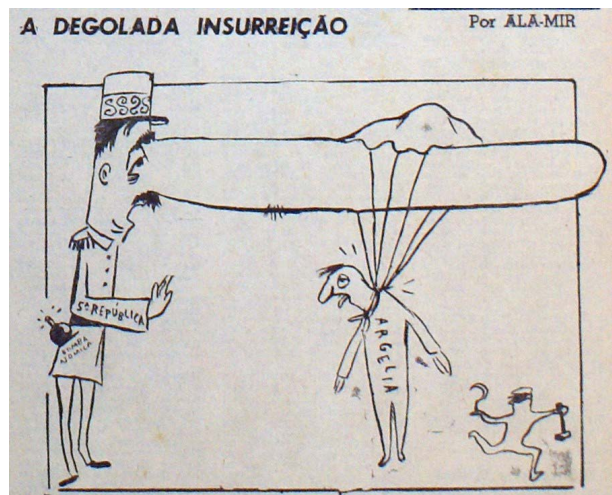


Figura 107- A Marcha, 23 de março de 1961, nº 392

Fidel, o fiel



Figura 109- A Marcha 16 de março de 1961, nº 391

Fidel Castro foi um dos personagens mais retratados nas caricaturas de A Marcha. A figura do comandante cubano foi sistematicamente ridicularizada pelos desenhos dos jornais perrepistas. Rechaçado por sua fidelidade à Moscou, o *Quisling* comunista do Caribe, codinome utilizado por A Marcha, ao longo de vários meses entre 1959 e 1961 foi sistematicamente apresentado como um personagem carismático e contraditório, embora noticiasse as façanhas castristas regadas com muita crítica e descrença, o que fazia com que os episódios fossem sempre contados com pitadas de descrédito, minimizando as ações políticas dos envolvidos na revolução cubana. *Quisling* é um termo originário da Noruega, mas trazido pelos ingleses para designar uma pessoa que colabora com um inimigo em força de ocupação, ou mais popularmente, sinônimo de traidor. A palavra se origina do sobrenome do líder norueguês Vidkun Quisling, que chefiou um regime colaboracionista nazista doméstico durante a Segunda Guerra Mundial. Em analogia, o equivalente à “quinta coluna” da década de 1940, *Quisling* passou a ser nos anos 1950/60 uma pecha evitada por quaisquer políticos da época.

Simultaneamente aos adjetivos, neologismos e fraseologias próprias do integralismo, por vezes, tão demolidoras quanto se mostrava possível, foi estabelecido pela linha editorial do jornal a apresentação de uma série de desenhos que simulavam casos cotidianos, supostamente vividos no dia-a-dia da ilha revolucionária. Cenas da vida habitual, experiências que perante as lentes integralistas se mostravam como denúncia dos desdobramentos da situação pós revolução. Mostrava-se como os idosos eram tratados, como os casais se enamoravam, como as empresas funcionavam, como as comidas eram feitas, como os filmes e a música eram consumidas, como

os filhos viam os pais, como os pais percebiam os filhos, como crianças brincavam motivadas pela novidade da revolução, enfim como se dava a sociabilidade nas ruelas e largas avenidas da ilha caribenha. Uma Cuba mirim é idealizada como emulação da vida política cotidiana. O jornal de ontem vira matéria prima para os aviõezinhos e os chapéus de guarda, enquanto vassouras simulam armas em cena.

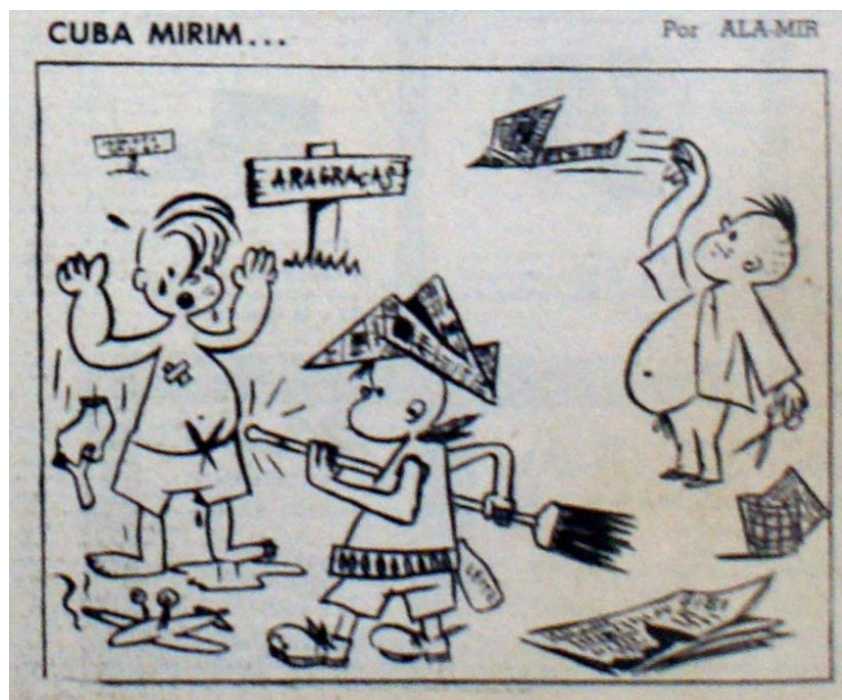


Figura 110- A Marcha, 23 de dezembro de 1959. Cuba mirim, Cuba Libre!

Se por um lado, a vida cotidiana servia de matéria prima para os desenhistas de A Marcha, o resultado da exacerbação dicotômica entre *capitalismo* e *comunismo* acabou se constituindo no mote mais explicitado das caricaturas publicadas nos jornais integralistas na virada da década de 1950 para 1960. A relação entre Cuba e os Estados Unidos se agravava a partir de 1961 com a invasão da Baía dos Porcos. La Batalla de Girón, conhecida popularmente como invasão da Baía dos Porcos foi uma tentativa frustrada de invadir a costa sudoeste de Cuba empreendida em abril de 1961 por um grupo paramilitar de exilados cubanos anticastristas (a chamada *Brigada de Asalto 2506*). O grupo fora treinado e dirigido pela CIA, com apoio das Forças Armadas dos Estados Unidos. O objetivo da operação era derrubar o governo socialista de Fidel Castro, mas arriscada ação terminou em fracasso. As forças armadas cubanas, derrotaram os combatentes do exílio em três dias e a maior parte dos agressores se rendeu. No desenho a seguir a psicologia da invencibilidade cubana é posta em discussão, quando se imagina como as crianças cubanas viram o desdobramento da revolução.



Figura 111- A Marcha, 4 de maio de 1961, nº 397

O fracasso da operação levou Cuba a buscar apoio militar da União Soviética, o que se deu em agosto/setembro de 1961. Meses depois, em princípios de 1962 seria decretado o embargo econômico norte-americano a Cuba. Essas eram as questões dominantes na conjuntura internacional, com grande polarização e confronto entre os países capitalistas e comunistas, situação que perdurou por todo o governo João Goulart e que exacerbou internamente as posições ideológicas em conflito. Toda essa circunstância pôde ser percebida na publicação de uma série de caricaturas que ilustrava o partido tomado pelo integralismo no período da Guerra Fria, posicionando-se como denunciante da “comunização” do país. Utilizando o regime cubano como modelo a ser combatido, detratando os movimentos operários, e o comunismo, o integralismo dos desenhos de ALA-MIR focam principalmente na tensão existente entre os lados antípodas. As alusões ao paredão de fuzilamento e à retaliação via morte aos trabalhadores cubanos são apenas uma das várias leituras enviesadas que o integralismo construiu em suas páginas de jornal.

A clássica receita do drinque nascido nos finais do século 19 e popularizado no alvorecer do século 20, leva apenas quatro ingredientes. Um dos coquetéis mais populares do mundo, o Cuba Libre, pede uma dose de rum, duas doses de Coca-Cola e uma pitada generosa de história. A bebida remonta a um episódio crucial da história de Cuba, a Guerra Hispano-Americana de 1898, na qual soldados americanos ajudaram Cuba a lutar pela independência da Espanha. Como os cubanos contam a história, na festiva sequência da rendição espanhola, um oficial americano misturou um pouco do famoso rum da ilha com refrigerante de cola e fez um brinde, dizendo “Por Cuba Libre”. Embora para os puristas, essa história seja mais lenda que história,

uma vez que o refrigerante de cola só chega à ilha após 1900, a historieta serve para dar certo glamour ao drinque que seria revigorado, em tempos de revolução. Com os clichês sugerindo confusão e falta de rigor militar (comércio com a Rússia, mais mortes, abaixo a gilete), o desenho subverte a lógica do coquetel, que é substituído por um copo de sangue, aludindo às vítimas das execuções dos paredões de Havana. Embora os desenhos que ridicularizavam os líderes comunistas tenham sido a tônica do jornal nesses quinze anos de caricaturas, a vida da política doméstica também se confirmou como um manancial riquíssimo a ser explorado. Afinal de contas, não era só de anticomunismo que os integralistas dos anos 1940, 50 e 60 viviam. Havia também um olhar especial para com seus antagonistas domésticos, exacerbadamente atacados em períodos de excepcional relevância como o da sucessão presidencial. Como será visto a seguir, não era só dos líderes comunistas estrangeiros que se alimentava a verve integralista. A lista de detratores crescia internamente, conforme se ampliava a percepção da perda de terreno dos integralistas do pós-guerra.



Figura 112- A Marcha, 6 de março de 1959, nº 294. Cuba Libre: Coca-Cola, rum e sangue...

Sucessão presidencial

– Parte 2. De Vargas a Quadros: um clichê supervalorizado

A sucessão de Juscelino Kubitschek na presidência da República foi outro dos motes mais utilizados na série de caricaturas publicada ao longo de 1959, nos últimos movimentos do mandato de JK. A indecisão do eleitor, as histriônicas características dos candidatos, as predileções e os antagonismos foram afluídos conforme se aproximavam os estertores do mandato do presidente mineiro. Diversas caricaturas, desenhos livres e charges foram publicados, dos quais destacamos os seis a seguir.



Figura 113- A Marcha, 6 de fevereiro de 1959- O carnaval da política. Carnaval da sucessão... Jânio segurando o estandarte do PTB (Como o deus Janus de outrora, este também possui duas caras, mentira nas duas)... Eduardo Gomes, o trabalhista udenista tem que dar a decisão: novo Hamlet está na lista; ser ou não ser eis a questão... Morte: desfolhando mal me queres está o catete sonhado. Com foice e corvo à espreita de quem entrar... Saracoteia a baiana com os quitutes que ela fez, mas ninguém mais engana, ninguém quer ser mais freguês. Ademar – na batalha contra os votos sobrou-lhe um saco de votos. Plínio: vou falar por último... Juscelino pegando o avião de volta...



Figura 114- A Marcha, 17 de abril de 1959- A Matemática da sucessão. Oswaldo Aranha: Não sou problema, sou solução. Jânio Quadros: Não sou solução, sou problema. Juracy Magalhães: sou problema para Jânio e charada para o Lacerda. Teixeira Lott: *To be or not to be: that's the question*. Amaral Peixoto: Serei problema ou serei solução? Dutra: não quero ser solução de problemas; Carvalho Pinto: serei solução ou serei problema? Plínio Salgado: a coisa só pode se resolver pelo cálculo integral

Concurso de miss, arena, tourada, matemática da sucessão, carnaval da política, barbada, leilão da casa nova. Tal como já retratado em Idade Nova, nos princípios da década de 1940 e 1950, recorte fundamental para se compreender o papel que os integralistas se auto atribuíram nesse cenário será novamente os desenhos relativos à sucessão presidencial de finais dos anos 1950: terreno fértil não apenas para ridicularizar seus antagonistas políticos, mas, sobretudo, para incutir na cabeça de seus militantes a cartilha de valores conservadores tão protegida pelos integralistas. A sucessão à presidência foi coberta por uma variação de caricaturas, charges e ilustrações satíricas que anunciavam a disputa pela cadeira do executivo. Sem cair no canto mavioso da sereia de querer explicar a piada ou replicar o que se está vendo, a legenda do desenho ao lado, poderia bem ser: "assistindo à tourada de camarote". No dia do trabalhador de 1959, A Marcha publica um desenho no qual, Plínio Salgado assiste impassivo ao lado de JK seus adversários se digladiarem no centro da arena. Ademar de Barros, Jânio Quadros, Lott, Oswaldo Aranha, Juracy Magalhães buscam domar a sucessão.

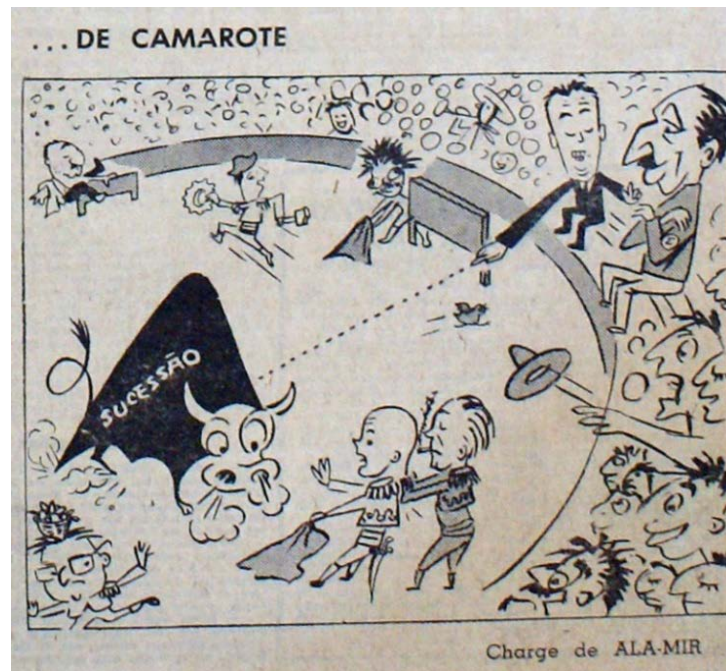


Figura 115- A Marcha, 1º de maio de 1959

A sucessão da presidência foi sistematicamente ridicularizada como sendo um concurso de misses bizarras. No desenho apresentado mais abaixo, o povo descalço e maltrapilho representado por um popular em plena dúvida, escolhe entre Dutra em “estado de sossego” com sotaque carioca característico; Lott em eterno “estado de dúvida”, Jânio em “estado de coma” e Ademar, retratado como grávido (estado interessante). A disputa das narrativas imagéticas pintadas pelas tintas do integralismo do pós-guerra reproduzia a técnica do traço acentuado no grotesco. “Barbudo não, barbada sim...” Até em episódios que aparentemente nada teriam a ver com a contraposição comunista, os trocadilhos usados pelos desenhistas do jornal perrepista não deixavam dúvidas. A clara alusão à aposta certa que seria a vitória do sucessor de JK inspirou a comparação do desenhista integralista, que mesmo sem suscitar diretamente a contraposição aos episódios ocorridos em Cuba, na Baía dos Porcos, estabelece o jogo de palavras: Barbudo (Che Guevara) não, barbada sim!

PARTE 3
SUCESSÃO PRESIDENCIAL – PARTE 2. DE VARGAS A QUADROS



Figura 116- A Marcha, 10 de fevereiro de 1961.

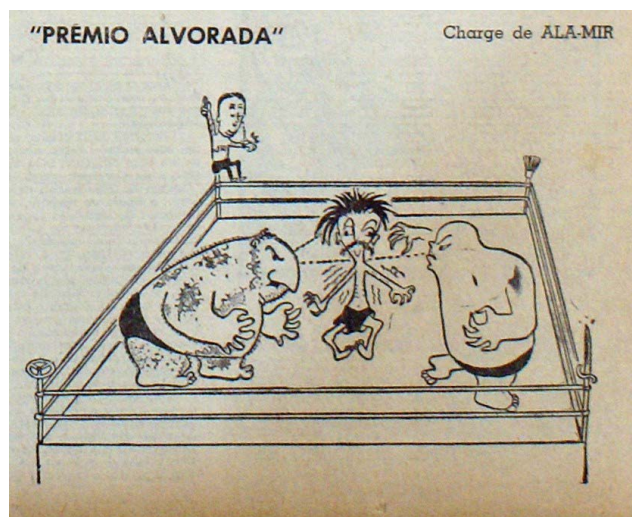


Figura 117- A Marcha. Prêmio Alvorada. 29 de julho de 1960, nº 363. Fuzilado pelos olhares de Ademar de Barros e Juracy Magalhães, Jânio Quadros tenta ser uma terceira via frente a contagem regressiva de JK

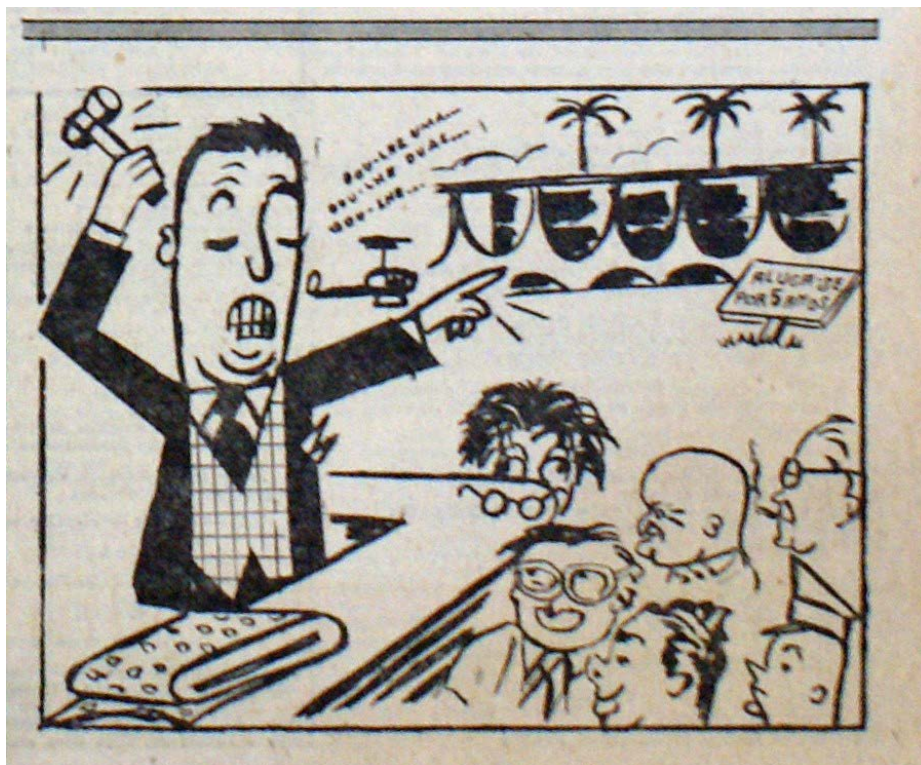


Figura 118- A Marcha, 8 de maio de 1959. O leilão da casa nova. Aluga-se por 5 anos



Figura 119- A Marcha, 26 de junho de 1959, nº 310

ESTADO DA GUANABARA – A BELACAP DO BRASIL!

INTEGRALISTAS CARIOCAS DESPEDIRAM-
SE DA BANCADA DE PLÍNIO SALGADO —
J A N T A R COMEMORATIVO — OS DIS-
CURSOS PRONUNCIADOS — ENALTECI-
MENTO A NOVEL UNIDADE DA FEDERA-
ÇÃO E ENTUSIASMO PELA INTERIORIZA-
ÇÃO DA CAPITAL

BOSSA NOVA

Por ALA-M'R



Figura 120- A Marcha. BelaCap é do Brasil. 22 de abril de 1960, nº 350



Figura 121- A Marcha. 10 de junho de 1960. Os amores da Bela- Cap. nº 358

O desenho é mesmo profético. Uma das últimas caricaturas desenhadas por Ala-Mir, fotografa o que viria a ser a primeira metade da próxima década. Como em um livreto de resumo da ópera, os personagens dessa dramaturgia aparecem reunidos numa ode ao futuro. A Nova Capital é o futuro. Mas, quem é o único que não está presente? O personagem que preferiu olhar para o passado, mesmo quando esse passado já não representava mais a força que fez do integralismo, uma peça chave do tabuleiro político por sucessivas três décadas. Plínio Salgado, o ausente da foto, esperaria por outra chance de se projetar nacionalmente. Em verdade, os integralistas esperam até o presente momento, quando ao que nos parece, uma conjuntura inimaginável possibilitou que a memória deste grupo fosse reavivada. Apareceu primeiro como farsa, depois como tragédia e em seguida como uma crônica de um passado que não quer passar. Por outro lado, os personagens presentes teriam na década vindoura papéis diversos na construção de uma democracia assaltada. A alusão a um militar à espreita seria uma espécie de premonição que comprometeria profundamente a racionalidade ao longo da próxima década. Nem Juscelino Kubitschek, nem Carlos Lacerda, muito menos os novos amores da BelaCap tinham clareza do que se apresentaria no horizonte. Lacerda, por sua vez, soube estar em todas, sem mesmo perder a pose, própria dos demolidores de presidente, um de seus apelidos mais festejados.

O Corvo ou a besta?

AUMENTAR O RIDÍCULO É CRER NO RIDÍCULO

Aumentar o ridículo é crer no ridículo. Esta frase potencializa de maneira especial, o antagonismo criado às margens do protagonismo, entre duas direitas de matizes e matrizes diversas. De um lado, o explícito do simbólico, a imagem; de outro a modulação do discurso, a fala. Os integralistas e Carlos Lacerda se retroalimentaram por mais de duas décadas, rechaçando suas ideias e ridicularizando suas intenções e ações. Carlos Lacerda e Plínio Salgado nunca se bicaram. O Corvo – apelido de Lacerda- e a galinha verde pliniana jamais ciscaram no mesmo terreno. Duas direitas diferentes, mas direitas. Como mostrado em *A Enciclopédia do Integralismo, o dogma do sigma*,

“Salgado se locupletava em discursos ao longo dos anos 1970, afirmando em voz altiva e característico sotaque paulista do interior que a única coisa que unia os lacerdistas udenistas e a sigla verde era sua inclinação à ditadura de 1964. Assim, diversos jornais de circulação nacional nos anos 1950 e 60, e com ressonâncias até os anos 1970, focalizavam ambos os personagens como centro de uma disputa para assegurar a matriz direitista na política nacional. Em um cenário que buscava apresentar alguns exemplos de antagonismos que o integralismo enfrentava ao longo de sua trajetória, a figura de Lacerda foi talvez, a mais aguda de todas. Carlos Lacerda foi, na realidade, alvo de denúncias, tal como fora Salgado. Em reportagem do jornal Última Hora, Samuel Wainer ataca a ambos com jocoso discurso, instituindo para sempre o que ele chamou de: “a relação labiríntica e paranóica entre a desenvoltura catártica da galinha verde e a histriônica megalomania do Corvo” (Última Hora, 1957).” (CHRISTOFOLETTI, 2021, p. 345).

Lacerda passou a década de 1950, censurando, acusando e incriminando as ações de Plínio Salgado. Na campanha presidencial de 1950, por exemplo, o líder udenista foi contrário à aliança entre o PRP e seu partido. Com a efetivação da aliança, Lacerda rompeu temporariamente com a UDN, passando a apoiar a candidatura de Cristiano Machado do PSD. O PRP atribuiu a postura de contrariedade de Carlos Lacerda “ao seu rubro passado como membro da ANL e do Partido Comunista”.¹¹ As frágeis alianças políticas estabelecidas entre o PRP e a UDN, potencializaram o antagonismo entre o integralismo e os expoentes da União Democrática Nacional. Carlos Lacerda, eterno adversário do Integralismo, passou os anos 1950 respondendo às acusações integralistas com frases de impacto subjacentes, tais como esta: “Aquilo do que foi

11 SALGADO, P. Idade Nova. Diversos artigos. Set/1951.

PARTE 3
O CORVO OU A BESTA? AUMENTAR O RIDÍCULO É CRER NO RIDÍCULO

falado pelo líder das galinhas verdes, foi tão somente uma fraseologia megalomaniaca inofensiva, uma licença poética! Nada daquilo de fato nos chega!”.

O jornal de Samuel Wainer (*ÚLTIMA HORA/SP*, 8/10/1957, p. 4) enfatizou o tom denunciativo da rixa de ambos em matéria publicada pela sucursal paulistana, na qual reforçou a disputa entre a UDN e o líder Integralista, reafirmando “o caráter aguerrido da base udenista e a contraposição carismática do chefe verde”. Reafirmando o texto da matriz carioca o diário destacou:

Para nós a festa está lançada! Tambores, archotes e o Sigma: a festa está lançada! Ditadura e boas intenções: numa das únicas vezes que o Senhor Plínio Salgado desviou do discurso de rememoração do integralismo abordando outro assunto, iniciou um ataque frontal à UDN afirmando que ‘justamente aqueles que disseram ser o preço da liberdade a eterna vigilância, entenderam mais tarde que a solução para o Brasil era um governo de forças’. Salgado disse acreditar nas boas intenções dos que pedem a ditadura, fazendo um adendo quanto a participação da UDN... que critica veementemente. Arrematou: Talvez eles tivessem boas intenções!!!’ (*ÚLTIMA HORA/SP*, 8/10/1957, p. 5).

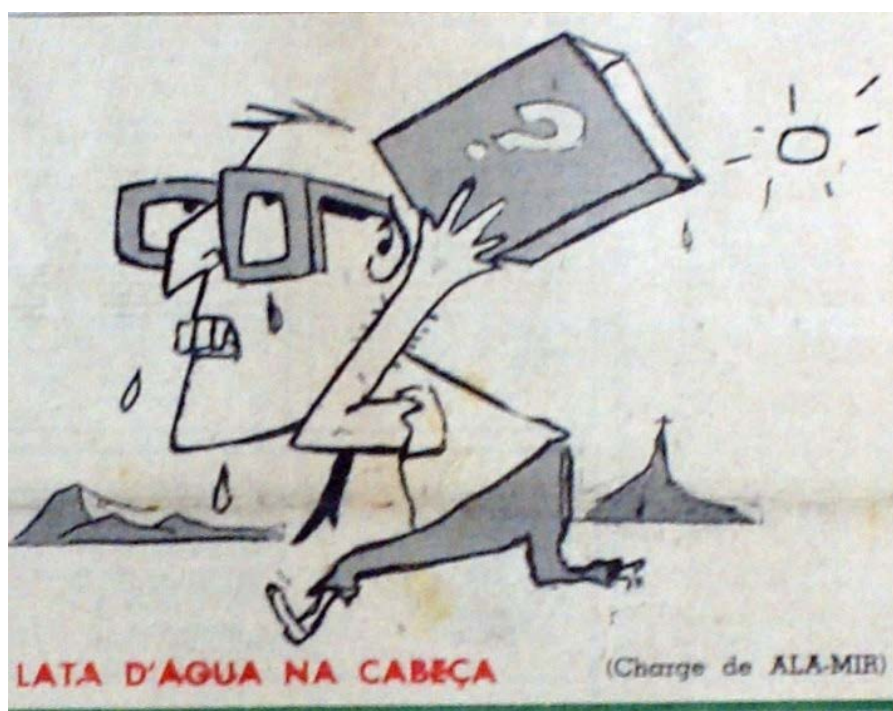


Figura 122- A Marcha, 9 de março de 1961, n° 390



Figura 123- A Marcha, 21 de agosto de 1959, nº 318. Atrás de Jânio.



Figura 124- Lacerda persegue o fantasma de Jânio, enquanto Salgado e Ademar e Barros se congratulam, sob o olhar sarcástico de Juraci Magalhães. A Marcha, 4 de dezembro de 1959, nº 333



Figura 125- A Marcha, 5 de abril de 1957, nº 199

Como o jornal de Wainer não era simpático nem ao integralismo nem ao seu chefe, a ênfase dada à notícia embutiu em seu conteúdo uma mensagem sub-reptícia, “uma flecha no olho udenista” – como afirmou Wainer em suas memórias (WAINER, 1980, p. 156). Aliando a crítica doutrinária contra o integralismo com o explícito ressentimento udenista, as matérias da *Última Hora* visaram, antes de tudo, o líder da UDN. Carlos Lacerda foi, na realidade, o alvo da notícia, uma vez que, ao vincular a base udenista aos integralistas, estaria a *ÚLTIMA HORA* atrelando a “paranóica desenvoltura de Salgado à histriônica megalomania do Corvo” (*ÚLTIMA HORA/SP*, 8/10/1957, p. 8) como ficou conhecido Carlos Lacerda nos corredores dos jornais cariocas dos anos 1950. Tanto para Samuel Wainer quanto para Assis Chateaubriand, a “falsa ditadura” pouco interessava. Vincular Lacerda e a base udenista a uma coalização pró-ditadura era bem mais proveitoso. Portanto, menos efeitos surtiram os ataques de Salgado visando Lacerda. Nesse contexto, Carlos Lacerda, como detrator *número um* da política do PRP, em finais dos anos 1950, Jânio Quadros e João Goulart (referenciados nos últimos volumes da *Enciclopédia do Integralismo*, respectivamente, como “Corvo decrépito”; “pessedista desastroso” e o “manobrista vermelho”) serão políticos a serem citados pelos tipos integralistas como respeitáveis antagonistas.

Não bastasse a oscilante contraposição de um Assis Chateaubriand, Roberto Marinho ou Samuel Wainer, a atuação majoritária da UDN no jogo partidário da época possibilitou o destaque de outro opositor do integralismo: Carlos Lacerda, que ficou conhecido não apenas por ser um opositor voraz do integralismo, mas por sua ácida fraseologia. “Ele não pode ser candidato, se candidato não pode ser eleito, se eleito não pode ser empossado, se empossado não pode governar.” Esta passagem evidenciada por Lacerda e endereçada ao então candidato à presidência Getúlio Vargas, uma década antes, resume o estilo agressivo e direto que fez desta figura a

personificação do que até hoje se chama de direita. Carlos Lacerda, além de ser o nome mais combativo e a figura exponencial da antiga UDN, também foi o personagem dramático que melhor encarnou o pacote direitista naqueles tumultuados anos 1950 e 1960, fosse pela veia moralista e conservadora, fosse pela mistura de um nacionalismo radical e um liberalismo heterodoxo. Sobre ele Salgado diria: “um dos maiores cancros que a sociedade brasileira já produziu” (IDADE NOVA, 1951;1953; A MARCHA, p. 1959).

Em desenho que ridiculizava os modos invasivos com que Lacerda, tratava seus interlocutores (o “entrão da vez”, como diria Salgado, o udenista é retratado como um papagaio que precisa ser calado. Enquanto o presidente Humberto Castello Branco conversa com primeiro ministro francês, Charles de Gaulle, em visita ao Brasil, em outubro de 1964 (ano e meio após imputarem-lhe erroneamente a frase “o Brasil não é um país sério!”¹²) o Corvo, é retratado com um papagaio a ser amordaçado, dada sua verborragia virulenta.

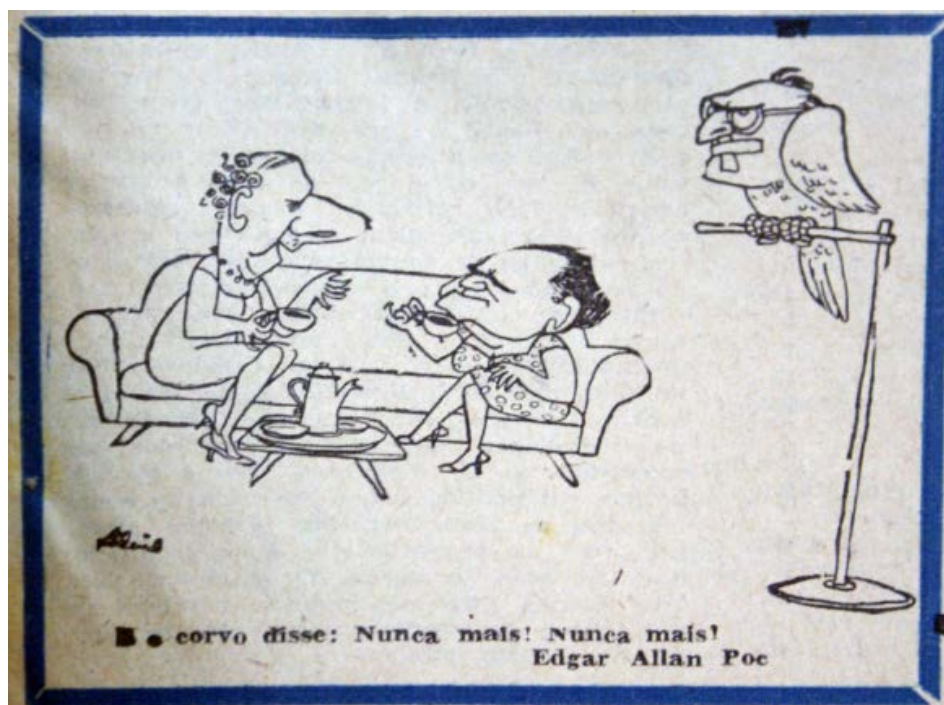


Figura 126- A Marcha, outubro de 1964, n° 468. E o corvo disse: Nunca mais!

- 12 De acordo com o livro de Paulo Gravina, *Que Brasil é esse? – O que eles disseram sobre o Brasil*, que reúne as mais famosas frases de estrangeiros sobre o país ao longo da história, em “1979, o diplomata brasileiro Carlos Alves de Souza publicou um livro em que se assumia como autor da frase. Ele era, na época do incidente que ficou conhecido como Guerra da Lagosta, embaixador do Brasil na França, cargo que ocupou entre 1956 e 1964. Ele teria dito que o Brasil não era um país sério em uma conversa informal com o jornalista brasileiro Luís Edgar de Andrade, correspondente na França do *Jornal do Brasil*. Conforme o embaixador brasileiro informa em seu livro “Um embaixador em tempos de crise”: “É evidente que, sendo hóspede do General De Gaulle, homem difícil, porém muito bem educado, ele, pela sua formação e temperamento, não pronunciaria frase como esta. Ver: GRAVINA, Paulo Otávio Barreiros. *Que Brasil é esse? – O que eles disseram sobre o Brasil*. São Paulo. Ed. Livros Ilimitados, 2017.

PARTE 3
O CORVO OU A BESTA? AUMENTAR O RIDÍCULO É CRER NO RIDÍCULO



Figura 127- A Marcha. Enchentes no Nordeste. A culpe é de Juscelino, diz Lacerda. 1º de abril de 1960, nº 347

Retratado nos desenhos dos jornais integralistas sempre como uma figura à espreita, denunciador de ilegalidades, Lacerda por vezes era a voz que anunciava posições que o próprio integralismo se furtava de denunciar. Como nas enchentes de princípios da década de 1960, que deixaram o Nordeste alagado por semanas. Com o epíteto: fofocas da oposição, A Marcha dá certo protagonismo ao seu rival, culpando a responsabilidade dos problemas oriundos das enchentes ao, então, presidente Juscelino Kubitschek, segundo os integralistas, o verdadeiro responsável pela má gestão da situação de alagamento do Nordeste. “Cuidou tanto de uma coisa só, a nova capital, que se esqueceu de olhar para as bordas do prato”, teria dito o próprio Lacerda.



Figura 128- A Marcha, UDN, casa da mãe Joana, outubro de 1959, nº 324

Ao mesmo tempo que Lacerda é ridicularizado e seus atributos físicos e de grande orador são os principais alvos das caricaturas integralistas, a verve felina de seus discursos acabam voltam-se contra sua própria postura política, uma vez que sempre é apresentado como um político de pouca brandura ou comedimento emocional, sempre com arroubos de braveza, lutando ou brigando fisicamente com seus próceres da UDN, via de regra também retratada como uma sigla de loucos, exagerados e pusilânimes. O desenho a seguir explicita a gramatura que o jornal buscou imprimir à figura de Lacerda, muitas vezes, como o epicentro dos desentendimentos e dos embates gerados no seio da sigla, que ao invés de UDN- União Democrática Nacional, foi várias vezes denominada como a “União dos Dementes Nativos”, habitantes da popularmente conhecida casa da mãe Joana. A história é deveras conhecida, mas não custa resgata-la para este propósito. O folclorista Câmara Cascudo, que na sua juventude chegou a flertar deliberadamente com o integralismo, nos ensina que a expressão “casa da mãe Joana” se deve a Joana I de Nápoles, que viveu na Idade Média entre 1326 e 1382 e foi rainha de Nápoles e condessa de Provença. Em 1347, aos 21 anos, Joana regulamentou os bordéis da cidade onde vivia refugiada. Transposta para Portugal, a expressão “paço da mãe joana” tornou-se sinônimo de prostíbulo. Trazida para o Brasil, o termo “paço” foi substituído por “casa”. Desse modo, surgiu a expressão, a qual serviu, por extensão, para indicar o lugar ou situação em que cada um faz o que quer; onde imperam a desordem e a desorganização, imperando, portanto, indisciplina e desrespeito. Desrespeito, aliás, marcava as narrativas eivadas de um antagonismo apenas semelhante ao desferido aos comunistas. Mas, ao longo das décadas de 1950 e 1960, outros personagens passaram a experimentar o jocoso mundo da visão integralista. Jânio Quadros será um dos alvos preferidos, tal como veremos a seguir

Se, por um lado o Rio de Janeiro capitaneava os holofotes dos jornais do período, dado que era a capital da república, um episódio inusitado acabou por girar o foco para a capital paulista. Jornais de todo o Brasil, inclusive os integralistas noticiaram a façanha. Em São Paulo, o sucesso eleitoral do rinoceronte fêmea “carioca”, chamada Cacareco, que estava emprestada ao zoológico paulista desde o mês de março de 1958 fez a festa dos caricaturistas dos jornais de todos os matizes. Os integralistas não ficaram de fora. Lançada por iniciativa do jornalista Itaboraí Martins, sua candidatura foi abraçada pela população que fez até um jingle de “campanha”: “Cansados de tanto sofrer / E de levar peteleco / Vamos agora responder / Votando no Cacareco” (G1, 04 de outubro de 2019). Um voto de protesto que marcou o período e foi capaz de catalisar a insatisfação e revolta do eleitorado que a “elegeu” vereadora pelo partido “passa fome” (Tribuna da Imprensa, 6 de outubro de 1959). De acordo com (OLIVEIRA, 2021, p. 42) cientes dessa insatisfação as diretas de plantão (UDN e PRP) por meio de seus órgãos de imprensa “logo fizeram uso da rinoceronte para estimular o voto em seus candidatos e acusar o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) juntamente ao governo

pela promoção de causas antinacionais, bem como os responsabilizou pela crise que atravessava o país (TRIBUNA DA IMPRENSA, 05 de outubro de 1959)”.

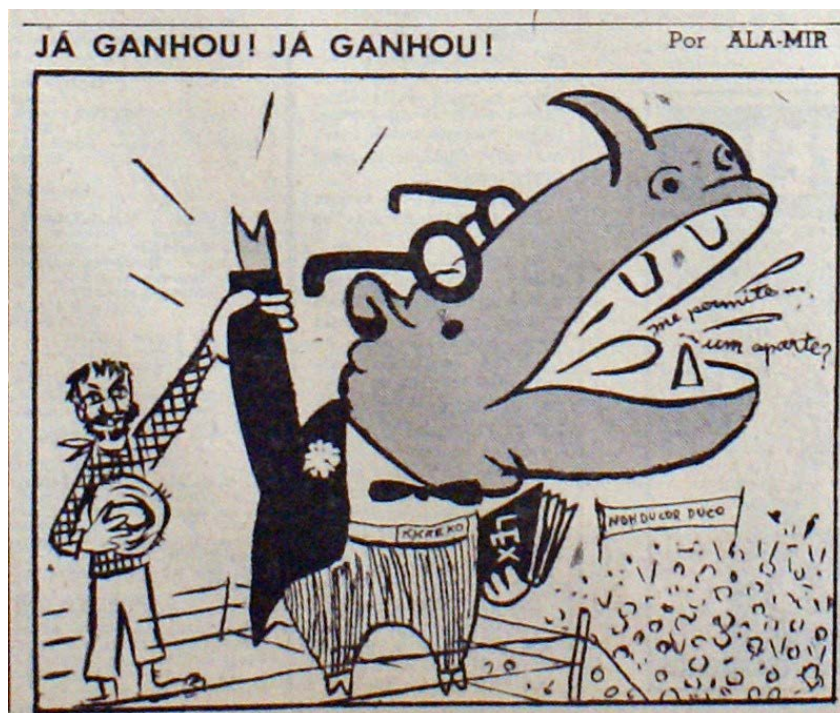


Figura 129- A Marcha, Cacareco já ganhou, me permites um aparte? 16 de outubro de 1959, nº 326

Versões não faltaram sobre as causas do sucesso eleitoral de cacareco, “malícia de um povo que estava cansado de ser subdesenvolvido” (O GLOBO, 14 de outubro de 1959), ou mesmo uma expressão de “desrespeito ao sistema democrático” (ÚLTIMA HORA, 13 de outubro de 1959). O fato correu o mundo, sendo amplamente noticiado por meios de imprensa internacionais, e Jânio Quadros, que já havia começado a retomar suas atividades, se pronunciou afirmando que o caso demonstrava um “sinal dos tempos, o repúdio do povo aos políticos e a política uma afirmação de descrença” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 09 de outubro de 1959). A descrença popular encarnada em Cacareco pesava sobre a classe política, responsabilizada pelo aumento da inflação e escassez de gêneros alimentícios (OLIVEIRA, 2021, p. 43).

Jânio Quadros, figura tão controvertida quanto criticada ganhou os holofotes que iluminaram um político com uma nova roupagem: desgrenhado, com verve poderosa e comparado a um meteoro na política, Quadros será um dos personagens mais visados pelas caricaturas de A Marcha. Ridicularizado como um bufão, contradito em cada uma de suas ações, o político paulista será alvo constante dos dardos integralistas. Veremos a seguir como seus quase sete meses de mandato foram retratados, contagem progressiva que não chegou ao número dez.

Jânio Quadros e a ridicularização do bufão histriônico

As críticas de Salgado à candidatura de Quadros à presidência da República, se intensificaram conforme o mandato de Quadros consolidava suas primeiras ações. Figura contraditória que concentrava em si o dom da dubiedade, Quadros sempre foi visto por entusiastas de sua candidatura, como um homem altruísta sem qualquer compromisso pessoal movido apenas por fé e esperança. Detentor da aptidão e confiabilidade necessárias para reivindicar o clamor de toda a nação e tomar para si “o grande fardo de liderá-la diante de um período sombrio da história” (palavras próprias), ao qual os feixes de luz irradiados pela “experiência” eram absorvidos por um enorme véu de escuridão, expressor de uma credibilidade “inquestionável”, o político, resguardava sua ligação junto às classes populares ao escolher a vassoura como símbolo, um instrumento cotidiano de limpeza e renovação, e erguer como bandeira a moralidade junto ao compromisso de lutar destemidamente pelos oprimidos contra inimigos interiores e exteriores que ameaçavam a soberania e a ordem nacional. Não tinha tempo para cuidar da aparência, mas o que lhe faltava em apelo estético era compensado por sua notória inteligência e capacidade de arguição, embebido de carisma, fez de suas palavras armas poderosas e mediante seus discursos era capaz de recrutar uma massa de apoiadores, em torno de um ideal capaz de promover soluções aos graves problemas que ameaçavam a sobrevivência e ultrajavam a dignidade de um povo abandonado. Essa era a avaliação de seus próceres e simpatizantes, alguns demasiadamente acríticos.



Figura 130- A Marcha, 15 de março de 1957, nº 196.

Por outro lado, para muitos de seus opositores, sua ficha corrida é outra. O opositor. Representante do “entreguismo”, aliado a mesma corja “reacionária” e “golpista” da política nacional que a anos rodeava o país como hienas espreitam sua presa, esperando o momento certo para atacá-lo e dilacerar suas entranhas. As analogias animais eram carregadas de significados imediatos. Seus detratores, inclusive os integralistas denunciavam que sua campanha havia sido financiada e por consequência compromissada com os grandes monopólios e trustes estrangeiros, em favor das forças imperialistas por meio de uma política guiada por interesses antinacionais. Um manipulador sem qualquer caráter que ludibriava o povo através de jogadas demagógicas sem qualquer apelo racional se aproveitando de seus sentimentos e desespero por meio de um pseudomoralismo enquanto às escuras confraternizava com banqueiros e latifundiários, um político corrupto que usava a honestidade como máscara. Enfim, para essa visão anti Quadros, o político

não passava de um louco descabelado e desequilibrado sem qualquer mérito que teve sua imagem construída em conluio com a grande imprensa. Caso eleito sua falta de perícia e comedimento irromperia uma guerra civil e levaria o país irremediavelmente ao caos. Esse “era” Jânio da Silva Quadros, o candidato, e depois o presidente, segundo algumas das qualificações que o próprio, seus aliados, opositores ou até mesmo setores da imprensa buscaram difundir a respeito de sua imagem ao decorrer da campanha eleitoral de 1960, e depois, ao longo dos conturbados sete meses de sua gestão, classificado como um alvo fácil na disputa de caracterizações antagônicas.



Figura 131- A Marcha, 13 de abril de 1961, nº 394

Em *Assim falava Jânio Quadros: os discursos do candidato à presidência (1959-1960)*, dissertação de mestrado de Breno Eiterer de Oliveira, defendida em 2021, a figura do “falastrão histriônico”, apelido dado a Quadros pelos integralistas é mostrado como um político de verve poderosa. Propõe, por meios de uma leitura ancorada nos discursos de Jânio Quadros, enquanto candidato a presidência da república entre os anos de 1959 e 1960, avaliar as premissas, estratégias e imposição do político no interior do debate eleitoral daquele período, observando a incidência do meio de expressão analisado em relação as perspectivas adotadas por seus interlocutores e detratores, como também em função de fatores contextuais que abrangeram a organização das campanhas. Mediante a contextualização de seus discursos em referência a linguagem, aos acontecimentos e noções intermediadas pela atuação de interlocutores, Eiterer de Oliveira realiza uma releitura sobre a construção de imagens públicas, manipulação de conceitos, redação de narrativas e contestação de prerrogativas adversárias empreendidas pelo candidato em campanha.

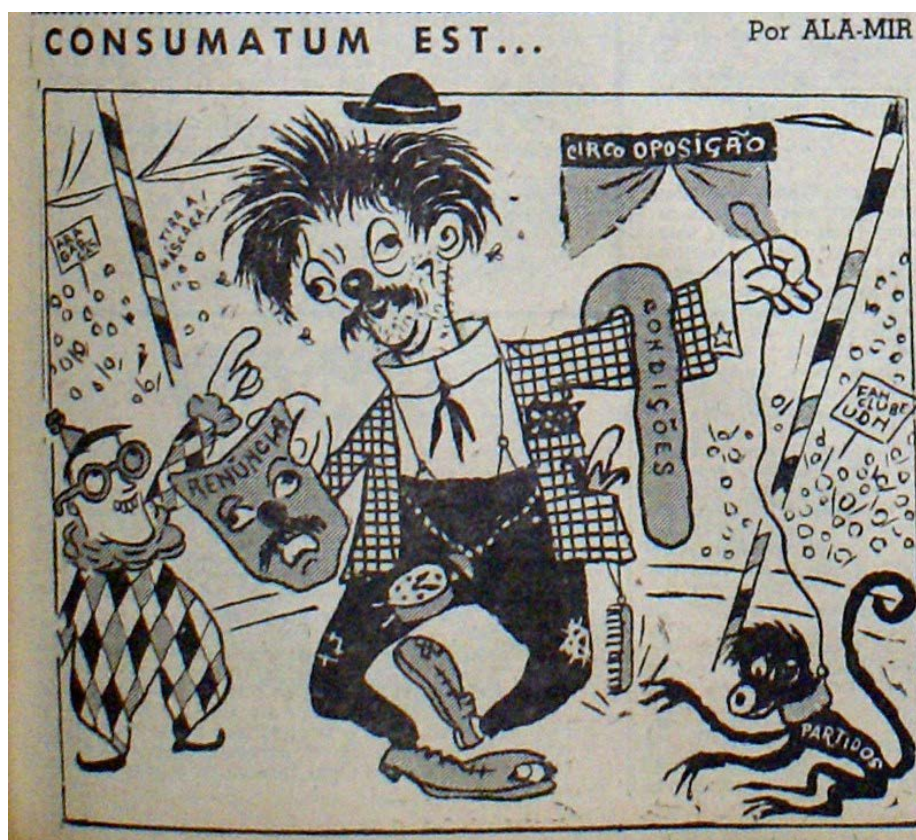


Figura 132- A Marcha, A palhaçada da renúncia, 11 de dezembro de 1959, nº 334. Está consumado! O palhaço Lacerda zomba do bufão da renúncia, que brinca com os partidos como se fossem macacos em um picadeiro cujo close se dá nos pés trocados e sapato direito furado

Popularmente classificado pelos jornais de circulação nacional pela adoção de um vocabulário excêntrico, a desqualificação de sua imagem histórica ganha força na medida em que um conjunto de significados negativos a sua persona é visibilizada e qualificada pelo “erro” de uma escolha “infeliz” do eleitorado, o “desequilíbrio” de ações políticas permeadas pela contradição e a “loucura” manifestada por um indivíduo cujas atitudes não inspiravam confiança. Quadros através de menções populares contemporâneas se constitui como “aquele político excêntrico e desvairado que se tornou presidente”, caracterização que se furta não só de sua aparência desalinhada como evoca uma memória histórica que frequentemente recorda de maneira jocosa sobre a condecoração do ministro cubano Ernesto Che Guevara, seus planos de invasão as Guianas e as medidas tidas como “estapafúrdias”, sem qualquer pertinência ao contexto de tribulações que sofria país, como a proibição da rinha de galos e do lança-perfume. Todas essas qualificações nada lisonjeiras culminam com a “esdrúxula” renúncia ao cargo, mote que seria avaliado por A Marcha como um “desfecho prenunciado”. Os sentidos compreendidos pelos conceitos de “outsider” e “antipolítico” foram a chave para uma primeira abordagem realizada a partir das caricaturas e desenhos jocosos produzidos sobre Quadros. Pautado por uma visão presentista, anacrônica e

pretensiosa sem qualquer reparo ou adensamento Jânio Quadros é retratado como, “talvez o progenitor da propaganda ao combate a corrupção no meio político brasileiro” (OLIVEIRA, 2021, p. 5). No entanto, sempre é bom lembrar, cabe ao leitor do universo político cuidar para que não incorra naquilo que Quentim Skinner chamaria de “mitologia da prolepse” (SKINNER, 1969, p. 22), ou seja, um denunciismo precoce ou antecipado, sem os devidos cuidados da dialética interpretativa.



Figura 133- A Marcha. O espantalho, 22 de janeiro de 1960, nº 338

O personagem criado por Quadros, do político desleixado, desregrado, de cabelos embaraçados e desalinhados foi uma mina de ouro para os desenhistas de A Marcha. Em diversas ocasiões, Jânio Quadros foi caricaturado com características que supervalorizavam sua persona como uma personalidade quase folclórica: bufão; espantalho; palhaço; dançarino desvairado; motorista aloprado; alguém indeciso entre o que segura nas mãos: se um pente ou uma foice; dislético orador; aderente ao comunismo; par de dança dos símbolos comunistas. Em várias ocasiões a figura de Quadros personificou a antipatia integralista pela ala menos moderada da UDN, representante de uma direita que disputava espaço com os camisas verdes, ainda que à paisana. A representação da política como um espantalho que afugenta e assusta os investimentos estrangeiros e as bases da democracia interna foi uma das linhas seguidas por essas narrativas. Energia, petróleo, justiça social, democracia são retratadas como pombos que fogem do espantalho.

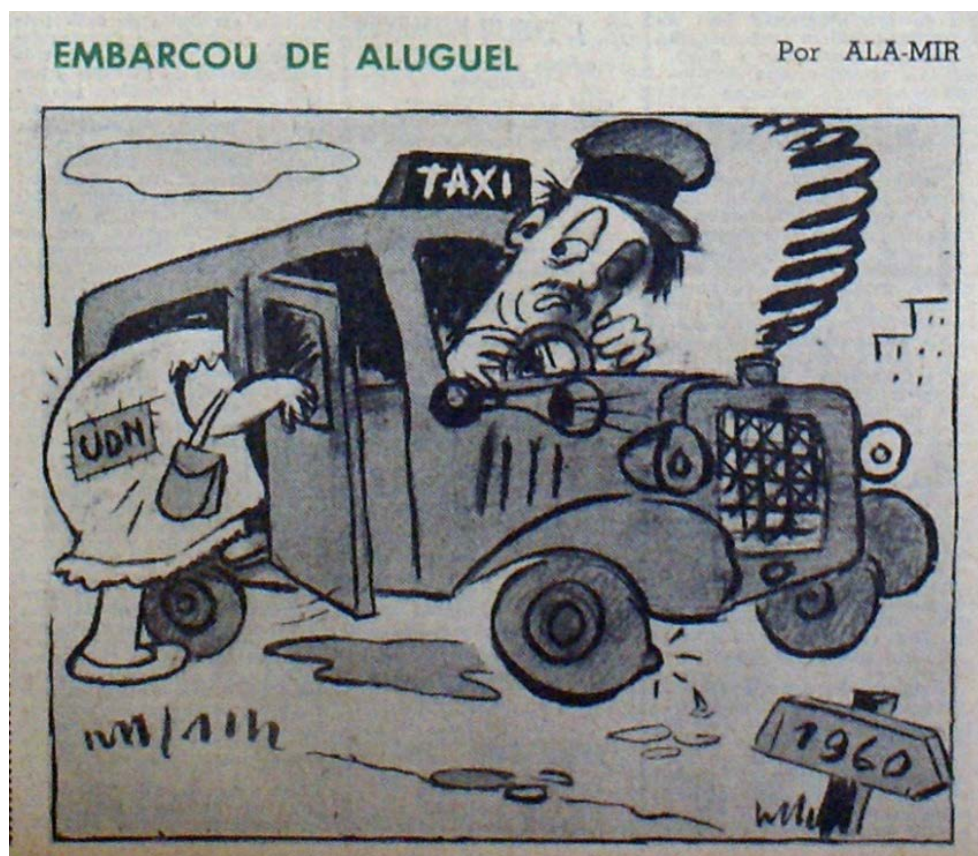


Figura 134- A Marcha, Rumo a 1960 UDN pega carona no taxi de Jânio, 13 de novembro de 1959, nº 330



Figura 135- A Marcha, 7 de agosto de 1959, nº 316



Figura 136- A Marcha. A dança dos 7 véus. 15 de abril de 1960. Leandro Maynard Maciel foi, em 1959, apresentado como vice-presidente da República na chapa de Jânio Quadros à convenção nacional da UDN, derrotando o deputado Fernando Ferrari. Porém, em abril do ano seguinte, renunciou à candidatura, sendo substituído por Milton Campos.
«Verbete biográfico Leandro Maynard Maciel». CPDOC- FGV • Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil



Figura 137- A Marcha, 22 de março de 1957, nº 197



Figura 138- A Marcha, 8 de abril de 1960, nº 348

Para além da obsessão dos desenhos integralistas pela cabeleira desgrenhada do *dono da vassoura*, as caricaturas integralistas insistiram na metáfora da dança como um mote a ser explorado. Para os integralistas, a sonoplastia perfeita para esses clichês era uma polca russa, trilha sonora apropriada quando Quadros trocou passos com Prestes (com o pé direito descalço) e Castro. “O par perfeito” estampava a manchete de A Marcha, reproduzindo as notícias veiculadas nos jornais de grande circulação, naquele abril de 1960. Candidato a presidente, o então deputado por São Paulo Jânio Quadros chegou em Havana, Cuba, em 29 de março de 1960. Foi recebido com honras de chefe de estado por Fidel Castro, alçado à autoridade máxima depois da revolução do ano anterior que derrubara o ditador Fulgêncio Batista. Durante os sete dias em que permaneceu no país, Jânio ainda conheceu Che Guevara e o irmão de Fidel, Raul Castro. Os desenhos esboçados à época insistiam na analogia da dança perfeita, assinalando o quanto inconstante e perigoso poderia ser eleger um presidente com tendências claramente comunistas. Em plena Guerra Fria visitar um estado comandado por revolucionários de clara tendência antiamericana poderia significar uma contagem regressiva para uma morte política lenta e dolorosa: candidato do pequeno PDC (Partido Democrata Cristão), que tendia a se alinhar a UDN no espectro à direita da política nacional, Jânio desagradou muitos dos seus apoiadores e também os militares, que há tempos insistiam em uma suposta “ameaça vermelha” a pairar sobre o Brasil. Sua popularidade, contudo, continuou intocada, e populares o acompanharam até o

aeroporto na ida e o receberam na volta. Jânio, de certa forma angariou simpatias e antipatias diversas, da mesma forma que sua persona era sistematicamente comparada a personificação da inconstância, apenas porque em sua visita à Cuba teceu elogios discretos à liderança de Fidel. Depois de eleito, Jânio ainda concederia a medalha da Ordem do Cruzeiro do Sul ao revolucionário argentino radicado em Cuba, Che Guevara. Durante seu curto governo, seguiu a proposta de estabelecer relações com as nações do bloco socialista, visando especialmente o comércio, recebendo lideranças chinesas e soviéticas durante seu mandato.

Como um mal sucedido antiácido efervescente, todo o investimento da cobertura levada a cabo por A Marcha na busca por apresentar sua versão sobre o presidente, acabou causando ainda mais mal estar, potencializando um refluxo que terminou em alívio. Em mesma medida, os políticos retratados nos jornais integralistas imortalizados pelas caricaturas desses artistas do nanquim (tanto em Idade Nova quanto em A Marcha) foram os cicerones que nos guiaram por essas páginas quase esquecidas de nossa história recente. Após dar vida a dezenas de personagens nacionais e internacionais, em diversas situações da ação militante, os desenhistas dos jornais integralistas no período da Guerra Fria cumpriram seu dever de ofício, narrando experiências que nem mesmo a palavra dava conta de expressar. O presente, que já foi o futuro lá nos idos de 1940/50/60, é o momento perfeito para olharmos para o passado e acertarmos os ponteiros e as contas com todos que ousarem repeti-lo. Só assim, não perderemos a consciência histórica nem o *time* do riso.

A Marcha em 30 capas



Figura 139- A Marcha. 15 de novembro de 1957. Capa. nº 231

"TUDO VALE A PENA, QUANDO A ALMA NÃO É PEQUENA"

FERNANDO PESSOA — "Mensagem"

"Burguesismo e comunismo constituem perfeita unidade filosófica e idêntico veneno no que respeita ao enfraquecimento alarmante das energias brasileiras."

(DO EDITORIAL DE HOJE)

A Marcha

★ SEMANÁRIO DE CULTURA E AÇÃO ★

ANO 1 Rio de Janeiro, sexta-feira, 20 de fevereiro de 1953 N.º 1

O Acôrdio Brasil-E. Unidos e a hipocrisia comunista

O que são os tratados de assistência mútua da Rússia com os países satélites — O nacionalismo de matéria plástica inventado por Moscou



O domínio do capitalismo soviético

O brilhante semanário paulista "A Raça" publicou há dias um editorial sobre "Os comunistas e o acordo Brasil-Estados Unidos", desenvolvendo o tema com uma lógica irrefutável e trazendo indicações de documentos que a nossa curiosidade foi procurar nas suas fontes originárias. Ao examinar esses documentos, que se referem aos tratados de assistência mútua assinados entre a Rússia e os países das chamadas "democracias populares", assim como os termos dos acordos comerciais entre Moscou e os governos "quinsings" desses países, o homem de bom senso não pode deixar de se sentir asombrado diante do cinismo com que os jornais comunistas e os cripto-comunistas do Brasil vestem a túnica das Vestais, incitando o povo brasileiro contra a política de defesa do nosso hemisfério, ameaçado pelo dragão vermelho que jurou escravizar o mundo.

Antes, porém de entrarmos em tão relevante assunto, façamos um retrospecto sobre a preparação da atual campanha que visa inutilizar a capacidade de defesa dos povos do Novo Mundo.

A CONFERÊNCIA DE MONTEVIDEU
A campanha contra a unidade de esforços das Américas no ob-

(Continua na 3.ª pag.)

Posição e Responsabilidade da Classe Média

IMPORTANTE DISCURSO DO DEPUTADO RAIMUNDO PADILHA NA CÂMARA FEDERAL

O SR. RAIMUNDO PADILHA — Sr. Presidente, ainda estou sentindo fumegante esta tribuna, depois do forno crematório que foi tão habilmente instalado pelo nobre representante da Bahia. Sinto ainda o calor, a irradiação da sua palavra tão inteligentemente conduzida, não para se definir, mas para provocar, com grande solécia, a definição alheia.

Consequentemente, sejam as minhas palavras iniciadas de congratulações ao orador que me precedeu, não só pela esplêndida manifestação do seu talento político, como pela sua extraordinária precúrcia em determinados setores do esoterismo político nacional, em que é magno par o eminente Chefe da Nação.

O Sr. Nelson Carneiro — Obrigado a V. Excia. pelas referências.

O SR. RAIMUNDO PADILHA

finição de ordem política, provocada pelo requerimento do ilustre Deputado pelo Ceará, Sr. Armando Falcão.

Somos aqui chamados a opinar acerca da convocação do Sr. Ministro da Justiça, baseada em várias circunstâncias que, por sua vez, decorreram da manifestação oratória do Sr. Presidente da República em dias recentes.

Vários aspectos já foram desta tribuna focalizados, entre os quais aqueles que se contém no portentoso discurso aqui pronunciado pelo líder da minoria, o Deputado Afonso Arinos.

Tivemos, naquele discurso, mais uma vez, a expressão de uma grande cultura a serviço de um grande patriotismo. O Deputado Afonso Arinos, entretanto, já havia firmado alguns dos seus pontos de vista, relativamente ao problema político nacional e ao papel que incumbe a U. D. N. nesta conjuntura, em face do



Chefe da Nação. O discurso, no entanto, de 9 de outubro, do Sr. Afonso Arinos — nome que pronuncio com o maior respeito, mestre que o considero da minha geração, homem da mais alta dignidade pessoal e política — não me havia totalmente convencido da verdadeira posição da U. D. N., em relação ao apelo a que há pouco me referi. Como sabem todos os Srs. Deputados,

Para onde vamos

Dizer para onde vamos corresponde a dizer de onde viemos. A nossa finalidade decorre da nossa própria origem. Por isso, anunciando aos leitores o objetivo da nossa marcha, não haverá quem não compreenda a razão dela.

Vamos para a luta. Que luta? Aquela que pretende restaurar os valores morais da nossa Pátria, hoje postergados por um materialismo grosseiro que fez da nossa gente um povo de egoístas acomodaticios e de fatalistas entregues a uma passividade degradante.

Batalharemos nestas colunas contra o espírito burguês que exerce sobre as massas populares o cínico magisterio da sensualidade epicurista, pelo método pedagógico das exhibições de luxo e das ostentações de grandeza, afrontando um país empobrecido a tal ponto que quase nada mais tem com que alimentar o seu comércio exportador.

Sustentando as justas reivindicações dos que sofrem, dos que se estão asfixiando num oceano de

epressões financeiras, não cometeremos a infantilidade de acreditar na existência do capitalismo, onde os índices das riquezas apenas esboçam o quadro de uma economia incipiente; mas daremos batalha à mentalidade de a p i t a - lista, que essa existe no Brasil, como consequência da própria concepção de vida oriunda do materialismo.

Essa mentalidade em nada difere da mentalidade comunista. Ambas se inspiram na mesma filosofia sem Deus e ambas trabalham pela destruição das Forças Vivas do Espírito, que velam pela sobrevivência das nacionalidades. Enquadramos, portanto, o burguesismo e o comunismo na mesma classificação, como agentes de morte da Pátria.

Se é verdade que em todo comunista existe um capitalista sem dinheiro, também é verdade que em todo burguês há um comunista com dinheiro. Porque ambos só se preocupam com os bens materiais; am-

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

O Carnaval Descambou Para a Imoralidade

Ameaçado o reinado de Momo pela decadência de costumes

Não há como negar que o carnaval brasileiro, outrora uma festa espiritualizada mas de respeito, descambou para a imoralidade. Tornando de um caráter litúrgico que teve originalmente, o carnaval atravessou o correr dos séculos, procurando se adaptar às condições ambientais dos povos que o aceitavam e festejavam. Sofrendo as mais variadas e diversas influências, notadamente as que foram sendo incorporadas pelos herdeiros da civilização e cultura romana, assumiu ele em cada país um feitiço peculiar e característico, transmutando-se em veículo coletivo de sentimentos individuais.

No Brasil, impulsionado pela maneira de ser da nossa gente, contaminado pelos nossos gostos imbecíes e até certo ponto bisinhos, impregnado daquele feitiço especial que só os brasileiros sabem ter, o carnaval dominou absoluto durante muitas décadas, mantendo-se dentro dos limites impostos pela sociedade e pelo bom senso, que em nada o prejudicavam, mas antes pelo contrário contribuíam para elevá-lo, fazendo dele uma festa representativa de toda a nação. motivo de orgulho perante o estrangeiro e fonte de atração de turismo. De uns cinco anos para cá, porém, lenta e progressivamente, à princípio, depois com maior rapidez e finalmente de modo avassalador, o carnaval foi se desvirtuando,

libre emprestava graça e originalidade, regredindo aos tempos primitivos nos quais imperavam as bacanais desenfreadas, o des pudor, a gula e o desejo da libidinagem absoluta. Enveredando pelo terreno da falta de respeito à própria essência do ser humano, vai o carnaval readquirindo o significado etimológico do termo, transformando-se na festa da carne e perdendo aquela expressão de folia, sinônimo de alegria sadia e esufiante.

Da mesma forma por que recentemente condenamos os excessos das brincadeiras de mau gosto, praticadas durante o entrudo — fase elementar do império da festa, na qual a graça pretendia se fazer valer pelo ridículo das situações provocadas pelos baldes d'agua suja despejados, de inopino, sobre as cabeças dos menos avisados, ou pelo espargir do conteúdo das cálices "haranjinhas", modalidade de pulverizações abastecidas até mesmo com urina, no rosto de moças da nossa sociedade — os antigos haveriam de proferir este retrócesso no tempo e no espaço, sobretudo lamentável pelo fato de não existir.

(CONCLUI NA 1.ª PAGINA)

PREÇO DESTA
EXEMPLAR
Cr\$ 1.50

Figura 140- A Marcha. 20 de fevereiro de 1953. A hipocrisia comunista. Capa. nº 1



Figura 141- A Marcha.12 de março de 1954. Capa em alusão ao Congresso dos CCCJ. Capa. nº 55



Figura 142- A Marcha, 03 de junho de 1955. O pioneiro do municipalismo, Plínio Salgado. Capa. nº 117

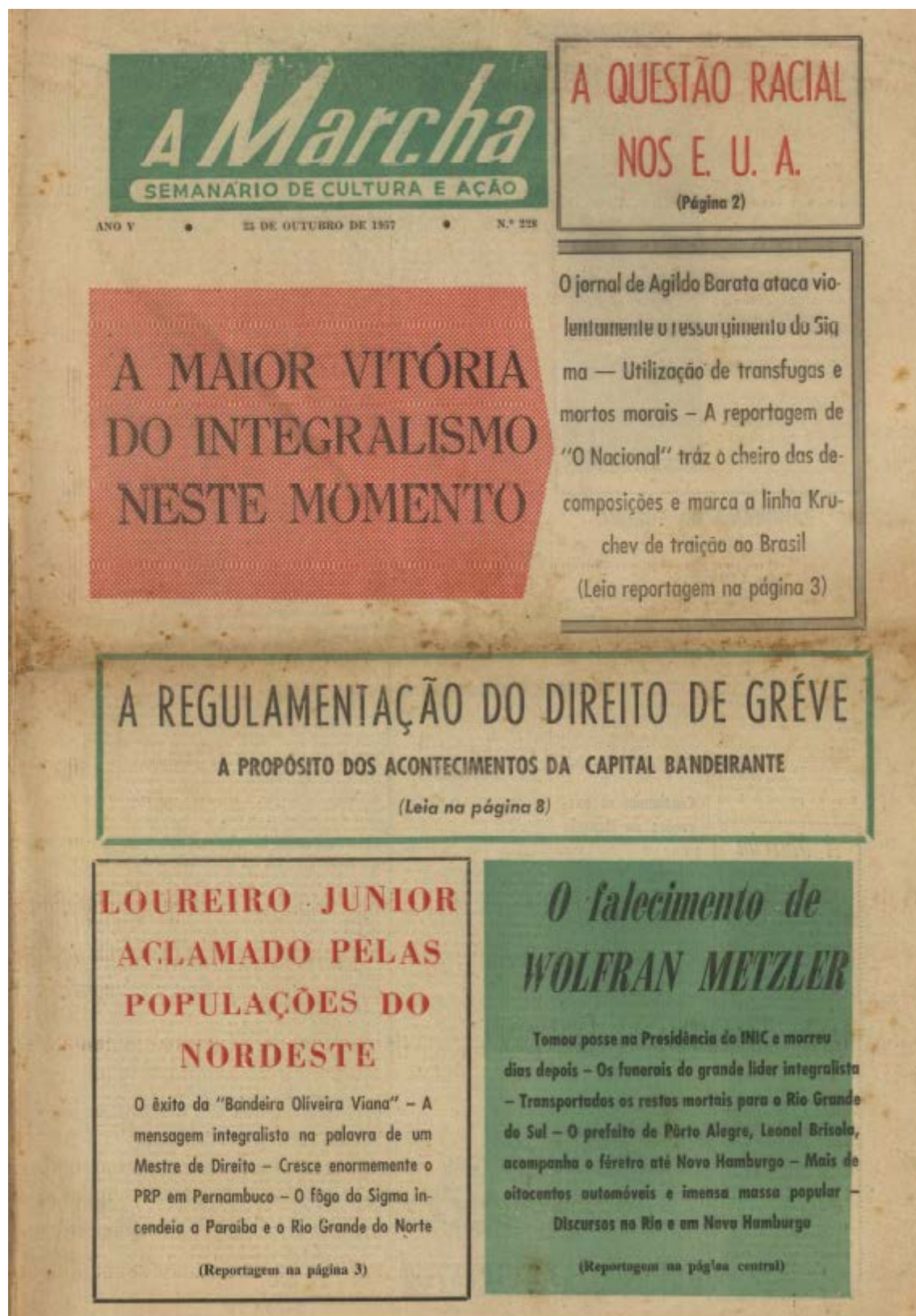


Figura 143- A Marcha. 23 de outubro de 1957. Capa. nº 228

Lavradores Capixabas Revoltados Contra Taxação Sobre o Café (Leia na 4.ª Página)



No Momento Das Vacilações e Perplexidades, a Terceira Força Ergue-se Como um Fator Eleitoral Decisivo

ANO VII • Rio de Janeiro, 4 de Setembro de 1959 • N.º 320

A Marcha
SEMANARIO DE CULTURA E AÇÃO

PRELIMINAR: FLORENTINO BARRETO
VICE-PRESIDENTE: LUIZ CARLOS
SUPERINTENDENTE: J. C. VESSELA CORREIA
REDAÇÃO: WALTER RODRIGUES

SITUAÇÃO ATUAL:
• DIVISÃO NA OPOSIÇÃO
• FRIEZA NA MAIORIA
• UNIDADE NA TERCEIRA FORÇA

AO QUE tudo indica, os marchos e contramarchos da situação presidencial, que até o presente momento não permitiram a consolidação de um nome sequer para disputar as eleições de 1960, acabaram obrigando a Terceira Força — que até então viveu à margem da vida política — a lançar todo o peso de seus contingentes no prato da balança eleitoral.

Com efeito, quem lançou um olhar para o panorama da situação política brasileira, de imediato, se fôr em matéria de definição para a vitória.

As forças que apoiaram, em 1955, a candidatura do atual Presidente da República, acabaram, agora, lançando o nome do Marechal Teixeira Lott. Mas tal lançamento, longe de constituir uma decisão inabalável, deixou transparecer a todos não ter sido feita em termos definitivos, havendo, portanto, margem para a reconsideração do problema, momentaneamente em cima do qual o nome do Marechal Lott foi apenas indicado pelo Diretório Nacional do PSD, cabendo a decisão final ao órgão supremo que é a Convenção Nacional. Esta ainda não se reuniu e ainda não há data marcada para tal finalidade.

mas do que natural, se se apresenta mais um plebiscito presidencial, dar ao povo a oportunidade de votar em um elemento, seja, um homem de partido, integrado dentro da sociedade, e que padecesse uma vez eleito, por um equívoco ou farsa, de desconfiança pelos delinquentes da "terceira força".

Porém, para o único homem capaz de empregar grandes setores subversivos e conservadores dentro da sociedade brasileira, na atualidade, o governador Ismael Jurek Malhães.

Assim, certamente, que os setores da U.D.N. favorecem ao ex-residente das Campanhas Eleitorais, mas não há política alguma a candidatura Jurek. Tem para si que, no partido, a questão do candidato a presidência está fechada. Não há mais possibilidade de reconsideração do problema.

Ora, essa divisão nos quadros subversivos de fato favorece a candidatura Jurek, mas evidentemente prejudica o deputado pernambuco. Além do mais, deve ser levada em consideração a questão da oposição ao nome do sr. João Quadros. Como se vê, o PSD do Estado do Rio é favorável ao marechal Lott. Em muitos Estados brasileiros não marchos em harmonia com a U.D.N. Quanto ao P.S.B., se em São Paulo dispõe a oposição ao sr. João Quadros, não se pode, da mesma forma, no Distrito Federal, onde os socialistas se mostram francamente favoráveis ao Marechal Lott. Desde que se vier, ainda, a candidatura do deputado Tondoro Cavalcanti, que não vem sendo levada a sério, mas que, se for mantida, poderá tirar um quinhentos mil votos de Jurek, e é sabido que eleições presidenciais se decidem por diferenças inferiores a meio milhão de votos. O deputado Tondoro não falar ao menos e pode prejudicar a U.D.N. Em 1955 a diferença entre os sr. Jurek e o sr. Plínio Salgado, obteve 700.000 votos.

Não havendo, ao que parece, qualquer decisão firme em matéria de candidatura até a presente data, e não havendo ainda o fim das negociações de definição da campanha, é mais do que natural que os chefes políticos que integram a chamada Terceira Força, entendendo que com essa luta a lenda, com essas marchas e contramarchos, com essa análise de circunstâncias que tem se observado na política nacional, se tornem o elemento decisivo para qualquer solução eleitoral. Podemos, sem exagero, prever o seguinte:

(Conclui na pág. 6)

A Fórmula PSD-PTB

Até o momento, o PSD-PTB tem sido a fórmula mais aceita e aceita com entusiasmo por todos os setores da oposição. O PSD, com sua tradição de luta pela democracia, e o PTB, com sua força de massa, representam a única combinação capaz de derrotar a maioria conservadora e a U.D.N. Esta fórmula é a única que oferece ao povo brasileiro a possibilidade de uma mudança real de direção política.

Em 1955, a fórmula PSD-PTB foi a que levou ao poder o Marechal Lott. Agora, com a situação política atual, a fórmula PSD-PTB é a única que oferece ao povo brasileiro a possibilidade de uma mudança real de direção política.

Em 1955, a fórmula PSD-PTB foi a que levou ao poder o Marechal Lott. Agora, com a situação política atual, a fórmula PSD-PTB é a única que oferece ao povo brasileiro a possibilidade de uma mudança real de direção política.



Lott: quando o Marechal decidisse o PSD "estaria", permanecendo no não sua candidatura?



Lacerda: a sede do poder está prestes a levar o partido, do novo, a inverter o pó da derrota.

BRIZOLA ACUSA O PDC GAÚCHO

(LEIA NA PAGINA 3)

PÓRTO ALEGRE: PTB E PRP MANTÊM A COLIGAÇÃO

(NOTICARIO NA PAGINA 4)

Brasília Não é um Capricho, Mas um Imperativo

Pronunciamento de "Atlântico", revista americana, sobre a obra do presidente Kubitschek (LEIA NA ÚLTIMA PAGINA)

Mais Uma Farsa Comunista, a Visita de Kruchchev Aos Estados Unidos?



A História se repete, quando o Homem não intervém para dar-lhe outros rumos — Após cortesia com seus opositores, Hitler invade a Polónia, exatamente há 20 anos atrás — O Ocidente continua sem se definir cristão ante o materialismo comunista!

(LEIA NA ÚLTIMA PAGINA)

PREÇO
Cr\$ 5,00

Código de Ética Imperativo Para a Imprensa
Favorável ao desenvolvimento da Imprensa Liberais à elaboração de um documento que norteie, sob o ponto de vista ético, a atividade da imprensa — Tal documento já existe, foi elaborado no tempo da A.I.B. — O que é o "Código de Ética Jornalística" de Plínio Salgado (Leia na página 3)

"JETON" DIVIDE OS DEPUTADOS FLUMINENSES

Agitados debates acerca do projeto do padre Pedron — Deputados querem ganhar sem frequentar as sessões — Parlamentar Batista diz que a coleta da sociedade não serve para si — (LEIA NA 3.ª PAGINA)

O Problema do Cheque Relacionado Com a Moeda e o Crédito

Muito importante discurso do Deputado Abel Rafael Pinto (LEIA A INTEGRA NA ÚLTIMA PAGINA)

3.ª FORÇA DANÇA FREVO!

(Por ALA-MIR)



NA ERA DAS REFORMAS, PLÍNIO SALGADO, DA TRIBUNA DA CÂMARA, PROPÕE A REFORMA DO PRÓPRIO CONGRESSO NACIONAL

Ao lado da representação política, deve existir, também, a representação direta para os que trabalham e produzem
(Íntegra do discurso do Chefe Integralista na última página)

Contra as Relações Comerciais Brasil-URSS o Presidente da Comissão de Economia da Câmara dos Deputados



Oportuna declaração do deputado Daniel Feres a respeito do assunto

(LEIA NA PÁGINA 3)

Deputado Daniel Feres, presidente da Comissão de Economia da Câmara

FALECEU AOS 77 ANOS UM HEROI DA TRAVESSIA NO "JAHU" (Leia na 3.ª Pág.)

Cisão Nas Forças Oposicionistas

Deliberando sobre para mais tarde a decisão sobre a nomeação do candidato a vice-presidência, em sua chapa, não obstante manter conversações com os deputados Carlos Laus e Abílio Alves que duraram cerca de duas horas, imediatamente após a chegada dos parlamentares brasileiros a Londres, o sr. Jânio Quadros reconhece serem remotas as possibilidades que tem de conseguir o apoio integral da UDN para o seu nome nas eleições de 1960.

Com efeito, do a ele mais se destaca a reação de setores salientados no ex-governador de São Paulo. Já agora não é somente a seção da Bahia, do Partido da Brigadista Euzébio Gomes, que manifesta abertamente suas preferências pela candidatura do governador Jânio Quadros para o cargo de presidente da república, mas também para apoiar o pleito que se aproxima. Ceará, Pernambuco, e Espírito Santo também se mostram interessados em apoiar o pleito que foi praticamente imposto pelo deputado Carlos Laus, apesar de não simpatizar muito com o líder da oposição.

Se tal estado de coisas acontece na UDN a culpa cabe exclusivamente ao seu atual presidente que, na ocasião de examinar o problema da sucessão nas fileiras oposicionistas, deixou de levar em conta o grupo que enfrenta o sr. Jânio Quadros. A única solução para o partido manter nos urnas.

De fato, o sr. Magalhães Pinto, político mestre e oportunista, talvez não momento que esteja bastante calado, ponderando e vendo panorâmica da situação política nacional. A Comissão Nacional que o elega presidente da UDN teria agido com referência ao problema da sucessão presidencial, mas não no sentido do novo dirigente salientado, junto aos líderes, diretores regionais e representantes de bancadas nas Casas do Congresso, qual o candidato que mais poderia se beneficiar da situação.

O sr. Jânio Quadros, porém, entende que o governo — ao qual inicia sua administração no executivo burocrático — não deve sacrificar a por um ideal norteador, ou seja, o próprio Governo da República.

Ao que tudo indica, deverá surgir a candidatura do sr. Jânio Quadros. Isso não significa um mal para o equilíbrio do problema sucessório, pois, mesmo regime de governo como o atual, baseado no pluripartidarismo, não seria de estranhar que cada Partido tivesse o seu candidato próprio. Significa, apenas, que os Partidos políticos no Brasil são fracos e tendem a se enfraquecer cada vez mais. Se a UDN possui formulações salicônicas para o momento, não deve perder a oportunidade de mostrar ao povo que seus homens estão aptos a encará-lo. O dilema em tudo isso, é que um dos chamados grandes Partidos "químicos", sem certezas, um de seus valores para depois lançar a candidatura de eleitorado, ou deixar que outros o façam.

O processo necessário em nosso país, além de enfraquecer os Partidos políticos e os desorientar perante a opinião pública, desenvolve-se de maneira bastante vagarosa, com um prejuízo de tempo demais precioso. Isso não faz cada vez mais que, acertado análise ou não, os grupos que prevaleçam, como ainda agora sob o nome de Plínio Salgado (desta vez na tribuna da Câmara Federal), a criação de uma Câmara Econômica que solucionasse os nossos problemas do Brasil, e fim de que a inerteza dos debates de natureza eminentemente política, travados no Congresso, e em razão dele, não prejudiquem o desenvolvimento de nossa Pátria. Colaborem, decididamente, para a concretização dessa grande ideia pelo amor do Brasil!



ANO VII • Rio, de Janeiro, 21 de Agosto de 1959 • N.º 318

A Marcha

SEMANÁRIO DE CULTURA E AÇÃO

PREZIDENTE: PLÍNIO SALGADO VICE-PREZIDENTE: JOÃO CAMARGO SUPERINTENDENTE: E. C. TEIXEIRA CUNHA REDATORES: VALTER PONDÉRI

ELEIÇÕES EM RECIFE:

FORTALECEU-SE O PRP NO PLEITO DA CAPITAL PERNAMBUCANA

Até o momento de encerrarmos os trabalhos desta edição, faltavam 89 urnas para serem apuradas nas eleições municipais de Recife. Os resultados que nos chegaram da capital pernambucana colocavam as legendas na seguinte classificação:

	5	vereadores
PST	4	"
PRP	4	"
UDN	4	"
PL	3	"
PSP	3	"
PTB	2	"
PSB	1	"
PRT	1	"
PR	1	"
PSD	1	"

Como se vê, e já era de esperar, o partido que obriga os comunistas na capital de Pernambuco a passar a frente do PRP e da UDN, desafiado, porém, o partido de Plínio Salgado com possibilidade de, nas urnas restantes, atingir os 5 vereadores que eram anunciados em nossa edição anterior como prováveis eleitos. De qualquer forma, as eleições de Recife mostraram que no progressista Estado nordestino os integralistas acham-se fortes e poderosos, na Câmara Municipal, dar maior combate aos comunistas e aos acomodados que não desejam o desenvolvimento de nossa Pátria. Em nossa próxima edição publicaremos o final da apuração com comentário a respeito.

NO COMUNISMO É ASSIM: PRIVILEGIADOS — GOZOS SEM PAR; HUMILDES E DESAMPARADOS — TRABALHO FORÇADO

O herói da "Marcha", Daniel Feres, ao fazer uma exposição sobre a situação da capital pernambucana, fez uma crítica ao comunismo. Ele afirmou que o comunismo é uma doutrina que promete a felicidade para todos, mas que na prática é apenas uma forma de exploração. Ele citou o exemplo da URSS, onde os trabalhadores são explorados pelos burocratas. Ele também mencionou a situação da China, onde os camponeses são explorados pelos ricos. Ele concluiu dizendo que o comunismo é uma doutrina que não traz felicidade para ninguém.

De fato, o que nos afirma Recife, não é o fato de ser um partido. Mas é o fato de ser um partido que representa os interesses dos trabalhadores. Os operários e humildes não têm outro caminho a seguir senão o trabalho forçado. Portanto, o partido que representa os interesses dos trabalhadores é o partido que representa o trabalho forçado. Este é o partido que representa o trabalho forçado. Este é o partido que representa o trabalho forçado.

PARA VIGO ME VOY...

For ALA-MIR

PREÇO:
5
CRUZEIROS

O PRP de Belo Horizonte colabora com as autoridades instalando postos de vacinação contra a varíola





Figura 146- A Marcha. 7 de agosto de 1959. Capa. n° 316



Figura 150- A Marcha. 28 de junho de 1959. Capa. nº 310



Plínio Salgado, na Câmara Dos Deputados:

“NÓS, DO OCIDENTE, EM NOVE DIAS, QUE COMBATEMOS? PARA...”

“Impossível efetivar-se uma política econômico-financeira nas Américas se, antes de mais nada, não firmarmos alguns princípios que sirvam de ordenamento ao pensamento executor de uma política prática” — Em momentoso discurso, o líder integralista conclama os brasileiros de todos os Partidos para uma união em torno de uma afirmação de brasilidade, cristandade e dignidade, para uma modificação da política internacional

(ÍNTegra DO DISCURSO NA PÁGINA 3)

A Marcha

SEMANÁRIO DE CULTURA E AÇÃO

ANO VII • Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1959 • N.º 309

CONSELHEIRO PLÍNIO SALGADO VICE-PRESIDENTE JUIZ DE PAZ JOSÉ GONÇALVES DE OLIVEIRA EDITORA GILBERTO ASSINTE JORGE WALTER PEREIRA

Fernando Ferrari, Vitima do Regime Que Tão Ardorosamente Defende em Sua Vida Política

O caso do vice-presidência: razões do PTB e razões do exilado da bandeira — Como se resolvem problemas na atual conjuntura política brasileira

Não concordando em discutir de propósito de candidatura a vice-presidência da República, no meio de 1960, o deputado Fernando Ferrari acaba de ser eleito, por uma comissão, a liderança da bancada do PTB na Câmara Federal.

O fato teve grande repercussão em todo o país. Nas últimas duas semanas, tanto o candidato como o partido, o PTB, foram alvo de ataques e críticas. E o mais curioso é que, de um lado, os ataques vêm dos adversários e de outro, dos correligionários. Tudo perfeitamente normal e consequente numa época como a nossa, de completa inversão dos valores e das ideias.

Mas a momentânea questão, se analisada com um pouco mais de profundidade, deixará transparecer claramente que, tanto o deputado, como o partido agiram de maneira correta, com as normas de conduta vigentes num regime que almeja o bem para a sobrevivência, não importando se antes ou depois.

Com efeito, o PTB, hoje em dia, é um dos chamados grandes partidos. Nas eleições de 1955 conquistou a vice-presidência da República. No meio que se aproxima pretende conquistar a su-



prema magistratura do país. Seu candidato natural seria o sr. João Goulart, um dos líderes partidários de maior popularidade do Brasil. Acontece, entretanto, que a popularidade é um dos elementos positivos para o sucesso de uma campanha eleitoral. E, pensando de igual popularidade, ou maior talvez, há igualmente o sr. e a candidatura à presidência da República, como os sr. Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek. Portanto, não basta a popularidade para vencer as eleições no Brasil; a não ser em casos especiais, como os que constituem exceção à regra. Assim é que, além da popularidade, os candidatos necessitam de apoio de outros partidos e grupos parlamentares. Surpreendentemente, as alianças partidárias, mesmo as alianças, formam o núcleo de apoio de outros partidos e grupos parlamentares. E como esse partido, apesar de sua força, não pode vencer sozinho o pleito, ele é obrigado a deixar para o aliado a indicação do companheiro de chapa.

Ora, foi exatamente o que aconteceu com o P. T. B. Em princípio, esse partido deseja, nas eleições de 1960, a cabeça de chapa para si. Mas como as circunstâncias políticas podem mostrar-se desfavoráveis, ao lhe

NÃO SE QUER OUVIR O POVO NA FEITURA DO ESTADO DA GUANABARA

MANOBRAS INTERVENCIONISTAS E EMPREGUISTAS

Entrevista do Professor COTRIM NETO



Dentro de 10 meses, exatamente, no dia 21 de abril de 1960, o Rio de Janeiro se transformará no 21.º Estado da Federação Brasileira.

Esse fato terá, sem dúvida, a maior significação para a vida do cidadão que, se agora apresenta 80% das despesas de sua administração carregadas com o funcionalismo, terá, ainda, de pagar a Justiça, a Polícia, o Corpo de Bombeiros, a Iluminação Pública, que atualmente se acham na responsabilidade do Governo Federal, e custam mais de 5 bilhões de cruzados.

Mas o fato de passar um território federal, como é o Distrito Federal de nossos dias, a condição de Estado-membro da Federação, não apresenta problemas em si mesmo. Os Estados Unidos nasceram, há pouco mais de 130 anos, com 13 Estados e hoje têm 50, pois há menos de 1 ano criaram mais 2 (Alaska e Hawái), e nunca houve traumatismo constitucional, nem se cogitou — por isso — de reformar ou emendar sua Constituição: fize-se a lei, acrescentou-se mais uma estrela no pavilhão do país, e se elegeram os representantes da nova unidade para dar a forma jurídica de vida autônoma. O mesmo, há poucos anos, na Argentina, quando se elevou o território de La Pampa a “provincia”, que na visão republicana significa Estado federado.

Mas no Brasil é diferente, pois não se quer entregar ao povo, mediante uma eleição insulana, a deliberação sobre os destinos de seu novo Estado: a Prefeitura do Distrito Federal é um ninho acobichador para os privilegiados da política, com empregos de quase 1000 mil cruzados mensais, e tudo se fará, nas altas esferas políticas, para se reter, e reter a fonte de empregos, embora isso custe o suor do contribuinte carioca, que já paga 20 bilhões por ano, e o suor do contribuinte de todo o Brasil, até dos Estados mais pobres, que pagam serviços locais do Rio através das despesas com a Justiça, a Polícia etc., no valor anual de mais de 5 bilhões!

O que está ocorrendo hoje, no Congresso Nacional, dá-nos a ideia de que se está organizando a estrutura jurídica de um novo Estado para acomodar os interesses dos grupos políticos dominantes, e não como deveria acontecer, exatamente o oposto, condicionar a atuação desses grupos aos interesses da coletividade.

A propósito dessa matéria, agora na Pauta do Senado, o Dr. Cotrim Neto, com sua longa experiência de vereador no Rio, durante 10 anos, aliada à sua posição de professor de Direito e autor de consagrados trabalhos jurídicos, concedeu-nos a entrevista que passamos a apresentar.

Vamos Tirar da Bandeira e Pôr em Prática o “Ordem e Progresso”?

Antiga sugestão integralista vai agora ser posta em prática, através de oportuno Projeto de Lei do Deputado Mendes de Moraes — Vai sair da nossa bandeira a rançosa frase positivista

(LEIA NA 2.ª PÁGINA)

CONTRO-SE UMA BAREL

Está em curso, no Congresso, um projeto de emenda constitucional que objetiva instalar no vago montão do Estado da Guanabara, a Constituição nº 2, de julho de 1956, a qual lhes limitaria o mandato ao dia 31 de janeiro de 1961.

Ocorre, entretanto, que, para alguns juristas, entre os quais Levi Carneiro, essa Emenda nº 2 é, por sua vez, inconstitucional, eis que aprovada no curso de 3 sessões legislativas, e não 2, como se impõe pelo artigo 217 da Constituição. E essa tese prejudicará a obra que sustenta a validade da Lei nº 3273, “Lei Estadual Calado”, que, de um lado, é contrária ao artigo 45, § 4.º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Como se vê, deturpamos uma autêntica batalha de problemas jurídicos, que poderia dar muito trabalho ao Supremo Tribunal Federal, logo após a inauguração de sua nova sede em Brasília. E isto porque, se os atuais fatos que nos envolvem, constituem, os inúmeros candidatos a essa função, que já se habilitam tanto nos eleitorais caríacos, não estarão pedindo...?

E’ doloroso, entretanto, reconhecer que, fidei se outro o interesse do Governo Federal por (Consultar na 4.ª pági.)

300 MILHÕES PARA SABOTAR

Charge de ALA-MIR



FMI Interessado em Manter o Brasil Subdesenvolvido?

(Leia na Página 2)

Figura 151- A Marcha. 19 de junho de 1959. Capa. nº 309

179



Figura 153- A Marcha. 08 de maio de 1959. Capa. nº 303



Figura 154- A Marcha. 1.º de maio de 1959. Capa. ano VII



Figura 155- A Marcha. 9 de outubro de 1959. Capa. nº 325



Figura 156- A Marcha. 16 de abril de 1959. Capa. nº 300

ANO VII — Rio de Janeiro

Orientação de PLÍNIO SALGADO

10 de Abril de 1959 — N.º 299

**A
NOVA
ESCRavidÃO**



1. (FME) — Máxima de "sumusresurreximus", como Estes Infelizes componentes entendidos por não concordarem com a direção política do regime, constituem a mão-de-obra escassa necessária para os projetos de "trabalho intensivo".

EM GUARATINGUETÁ, DIAS 17, 18, 19 E 20 DO CORRENTE:

REUNIÕES DE INTELECTUAIS INTEGRALISTAS
PARA FIXAREM A POSIÇÃO DA BANCADA DO
P. R. P. NO CONGRESSO NACIONAL

(Leia, na página três, artigo de PLÍNIO SALGADO)

CONSIDERAÇÕES SOBRE A REVISÃO CONSTITUCIONAL

Fortalecimento do município e fixação do homem à gleba — O
agro de rapina — Os esforços do INIC — Esquartejamento do
solo nacional — Dever dos legisladores — Latifúndio e minifúndio
— Conclamando a mocidade brasileira — Fala o deputado
federal Arno Arnt em entrevista exclusiva para A MARCHA

(LEIA NA PÁGINA TRÊS)

Em Nova York: Biografia
De Juscelino Kubitschek
Escrita em Inglês



Seu autor e distribuidor sr. Francisco Medaglia, é diretor do Escritório Comercial do Brasil — Paralelo com as origens de Abraham

(LEIA NA
PAGINA 2)

VEREADORES CARIOCAS FAZEM ESCOLA NA RÚSSIA

O Vice-Presidente da Câmara Municipal de Ramenskole envolvido em grossa "marmelada" — Também o Secretário Regional do Partido Comunista e funcionários soviéticos põem em prática no "paraíso socialista" a filosofia capitalista da "Gaiola de Ouro"

[illegible]

Munro, o ex-chef, adjun-
do aviador, civil de União, N.
viático. As "Dutch" era
vendidas a preços que osci-
lam entre 200.000 e 250.000.

Artista que entre os com-
preendidos das "Danças" men-
ta o ganhador apenas com
100 a 1.000 rublos por mês. F-
uno, a revista portuguesa com
o "mamulada" apor, ab-
soluta de Justa. Mãe dur-
ta tempo.

A ação do vice-presidente a
Câmara Municipal de R-
monia, nos faz lembrar
mais recente reprograma da O-
mnia, os Veredictos, do
basilicando cidade do R-
de Janta, cujo dirigente
entre alguns fatos e lous-
protesta de pouca edifi, a
terminaram a apelação

"representantes do povo"; e isso precisamente na ocasião em que uma série de problemas angustiantes afligem esse mesmo povo por dois espólios.

Dei, e conciliado, bastante cara e que chegamos: Karl Marx tinha toda razão quando disse que o comunismo é a última etapa da exploração.

A exploração do homem pelo homem, a ganância e a corrupção não deixaram continuar com a mesma intensidade sob a batida da foice do martelo...

O BRASIL ENTRARÁ EM GUERRA

Preparadas as Forças Armadas
brasileiras para a defesa do Con-
tinente — Declarações do Ministro
da Guerra, Marechal Henrique Lott,
perante a Junta de Defesa
Interamericana



Deputado Federal - Arara
Arara

AMEAÇADO O FUTURO ESTADO DA GUANABARA DE SER CRIADO SOB O REGIME DA INTERVENÇÃO FEDERAL



Dr. Carlos Neto, Presidente do Diretório Regional do PBF
de Guarabara

Nenhuma medida concreta do Ministro da Justiça quanto à situação do Rio após a mudança da Capital — Cobrança apenas de impostos federais — Oportunas declarações do ex-vereador Cotrim Neto

(Texto na página três)

VOTO AO ANALFABETO



Charge de ALA-MIR

FORA DA
DEMOCRACIA
ORGÂNICA
NÃO TEM
RAZÃO DE SER
O VOTO
AO
ANALFABETO

(Leia, na
página 3, em
"A Nota
da Semana")



Figura 159- A Marcha. 20 de fevereiro de 1959. Capa. nº 293



Figura 160- A Marcha. 1957. O carnaval na política. Capa. nº 291



Figura 161- A Marcha. 4 de maio de 1961. Capa. n.º397

INIC REPELE ACUSAÇÕES LEVINAS

DO TRINHA MARXISTA VISA EXTERMINIO DO OCIDENTE

Ameaça a Civilização Cristã — Moscou Controla Onda Materialista — Desmoralização e Aniquilamento Dos Bons Costumes — Ministro da Marinha Portuguesa Adverte Sobre o Perigo Vermelho

LIBERDADE (De Corresponden-
tes) — O ministro da Marinha
de Portugal, almirante Gualter
de Menezes, afirmou, durante
a semana passada, que a
baptista, oferecida aos ali-
dos dos países ocidentais
dos países do eixo, não é
nem mais, nem menos, do
que um país que sofre de
uma crise social.

“Com efeito, o presidente
— referindo-se a Afonso de
Albuquerque — é um homem
de caráter, mas não é um
homem de visão, e não é
um homem de ação, e não
é um homem de espírito.”

MUNDO REVOLTO

Deputado de Portugal, o ministro da Marinha, almirante Gualter de Menezes, afirmou, durante a semana passada, que a baptista, oferecida aos aliados dos países ocidentais, não é nem mais, nem menos, do que um país que sofre de uma crise social.

“Com efeito, o presidente
— referindo-se a Afonso de
Albuquerque — é um homem
de caráter, mas não é um
homem de visão, e não é
um homem de ação, e não
é um homem de espírito.”

CONFUSÃO DO MOMENTO

Declarando a confusão do
momento, o ministro da Marinha, almirante Gualter de Menezes, afirmou, durante a semana passada, que a baptista, oferecida aos aliados dos países ocidentais, não é nem mais, nem menos, do que um país que sofre de uma crise social.

“Com efeito, o presidente
— referindo-se a Afonso de
Albuquerque — é um homem
de caráter, mas não é um
homem de visão, e não é
um homem de ação, e não
é um homem de espírito.”

A Educação Reúne Governo e Igreja

“Compreendo muito bem a importância da educação para o futuro do país”, afirmou o ministro da Educação, Dr. João de Deus, durante a semana passada, ao visitar a Escola de Educação de Lisboa.



VAI, QUE É MOLE...

charge de ALA-MIR

MASSACRE

A perseguição da Igreja Católica, que prossegue no Congo, Angola e Guiné, é uma das causas da crise social que se vive nesses países. A Igreja Católica é considerada uma das principais forças da reação social nesses países.



Alguns membros da comissão organizadora da Marcha da Unidade e da Liberdade, em Lisboa, no mês passado. À esquerda, o presidente da comissão, Dr. João de Deus, e o ministro da Educação, Dr. João de Deus.

A Marcha

SEMANÁRIO DE CULTURA E AÇÃO

ANO VIII • Rio de Janeiro, 23 de Março de 1961 • N.º 292

O Laos Poderá Causar Guerra

O secretário de Estado do Governo norte-americano, Dean Rusk, afirmou, durante a semana passada, que o Laos poderá causar uma guerra, devido à sua situação geográfica e política.

Assine A MARCHA

E' mais prático — E' mais cômodo

Formulário de assinatura para a revista A Marcha, com campos para nome, endereço e cidade.

Arquivo

Talvez a 21 de Abril Encontro JQ-Frondizi

Segundo informações oriundas do Palácio Presidencial de Buenos Aires, o encontro entre o presidente da Argentina e o presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, poderá ocorrer no dia 21 de Abril.

OS PRACINHAS JÁ RETORNARAM

Pelo mar, os marinheiros da Marinha do Brasil, que foram enviados para o Laos, já retornaram ao Brasil.

O comandante do Arquipélago de São Paulo, Dr. João de Deus, afirmou, durante a semana passada, que o Arquipélago de São Paulo é uma das principais áreas de interesse do Brasil.

AVISO

Como habitualmente acontece, a A MARCHA não circulará na semana Santa.

Simplificação do Pagamento De Servidores Públicos

BRASILIA, 30 (De correspondente) — Determinou o presidente da República a simplificação do pagamento dos servidores públicos, visando a redução dos custos.

IMPORTANTE

A direção de A MARCHA comunica aos leitores que a revista não circulará na semana Santa.

Figura 162- A Marcha, 23 de março de 1961. Capa. nº 392

RÚSSIA NA ÁFRICA TRARÁ GUERRA NUCLEAR

O BRASIL NÃO SERÁ CATÉLITE COMUNISTA

O Deputado Integralista Arno Anst Adverte Sobre os Perigos da Infiltração Vermelha no Continente — Vibrante e Patriótico Pronunciamento do Parlamentar Goês na Câmara Federal — Exemplo Negativo de Cuba e o Apoio Nelsons de Fidel Castro — Nosso País Não Quer Bolche de "Che" Guevara

COMUNISMO E TÁTICAS DE ATUAR
São declarações feitas pelo deputado Arno Anst, em pronunciamento que teve lugar no plenário da Câmara Federal, em 9 de março de 1961, em sessão extraordinária convocada para discutir o projeto de lei que cria o Conselho Nacional de Integração e Defesa da Pátria.

Arno Anst, deputado integralista, afirmou que o Brasil não pode permitir a infiltração comunista no continente, citando como exemplo negativo Cuba e o apoio incondicional de Fidel Castro. Ele afirmou que o Brasil não quer Bolche de "Che" Guevara.

Arno Anst afirmou que o Brasil não pode permitir a infiltração comunista no continente, citando como exemplo negativo Cuba e o apoio incondicional de Fidel Castro. Ele afirmou que o Brasil não quer Bolche de "Che" Guevara.

A Marcha

SEMANÁRIO DE CULTURA E AÇÃO

ANO VIII • Rio de Janeiro, 9 de Março de 1961 • N.º 390

NA PAGINA 3:
Carta Aberta a Brasileiros
(DE ANTONIO DECA DE QUEIROZ)

Integralistas na Superintendência da Campanha Nacional da Merenda Escolar

BRASILIA (do nosso correspondente) — O presidente da República, Dr. João Quadros, em ato assinado, dispensou o ten. cel. Valter Jucquin dos Santos das funções de superintendente da Campanha Nacional da Merenda Escolar, subordinada ao Ministério da Educação e Cultura.

Na mesma data, o presidente da República nomeou o dr. Antônio Toledo Pinó para ocupar aquela função.

Katá, pois, de parabéns o Dr. Pinó, por tão felizmente assumir a tarefa de superintendente da Campanha Nacional da Merenda Escolar, subordinada ao Ministério da Educação e Cultura.

Na mesma data, o presidente da República nomeou o dr. Antônio Toledo Pinó para ocupar aquela função.

Representando os Estados Unidos em GENEVA, Adlai Stevenson, em 1955, afirmou que a Rússia não poderia ser considerada uma potência nuclear, pois não possuía armas nucleares. Stevenson afirmou que a Rússia não poderia ser considerada uma potência nuclear, pois não possuía armas nucleares.

Stevenson afirmou que a Rússia não poderia ser considerada uma potência nuclear, pois não possuía armas nucleares.

"Saldanha" Vai Ser Navio Oceanográfico

Após ter passado no mês de fevereiro no Rio de Janeiro, o navio "Saldanha" vai ser transformado em navio oceanográfico. O navio "Saldanha" vai ser transformado em navio oceanográfico.

O navio "Saldanha" vai ser transformado em navio oceanográfico.

CONVENÇÃO NACIONAL DO PRP

ADIADA PARA 8 E 9 DE ABRIL

Pelo fato de terem sido eleitos recentemente vários deputados do PRP, a convenção nacional do partido foi adiada para 8 e 9 de abril.

A convenção nacional do PRP foi adiada para 8 e 9 de abril.

AGENDA DOS TRABALHOS DA XIX CONVENÇÃO NACIONAL EXTERMINADORA

— Abertura aos trabalhos de 20h45 e 20h48 —
— Local da reunião: Rio de Janeiro, 17, 45 andar, no edifício do Rio de Janeiro — Edifício da Assembleia Nacional

20h45 (Sábado) — Início da convenção

21h30 (Sábado) — Início da convenção

22h30 (Sábado) — Início da convenção

23h30 (Sábado) — Início da convenção

24h30 (Sábado) — Início da convenção

25h30 (Sábado) — Início da convenção

26h30 (Sábado) — Início da convenção

27h30 (Sábado) — Início da convenção

28h30 (Sábado) — Início da convenção

29h30 (Sábado) — Início da convenção

30h30 (Sábado) — Início da convenção

31h30 (Sábado) — Início da convenção

1h30 (Domingo) — Início da convenção

2h30 (Domingo) — Início da convenção

3h30 (Domingo) — Início da convenção

4h30 (Domingo) — Início da convenção

5h30 (Domingo) — Início da convenção

6h30 (Domingo) — Início da convenção

7h30 (Domingo) — Início da convenção

8h30 (Domingo) — Início da convenção

9h30 (Domingo) — Início da convenção

10h30 (Domingo) — Início da convenção

11h30 (Domingo) — Início da convenção

12h30 (Domingo) — Início da convenção

13h30 (Domingo) — Início da convenção

14h30 (Domingo) — Início da convenção

15h30 (Domingo) — Início da convenção

16h30 (Domingo) — Início da convenção

17h30 (Domingo) — Início da convenção

18h30 (Domingo) — Início da convenção

19h30 (Domingo) — Início da convenção

20h30 (Domingo) — Início da convenção

21h30 (Domingo) — Início da convenção

22h30 (Domingo) — Início da convenção

23h30 (Domingo) — Início da convenção

24h30 (Domingo) — Início da convenção

25h30 (Domingo) — Início da convenção

26h30 (Domingo) — Início da convenção

27h30 (Domingo) — Início da convenção

28h30 (Domingo) — Início da convenção

29h30 (Domingo) — Início da convenção

30h30 (Domingo) — Início da convenção

31h30 (Domingo) — Início da convenção

"LIZ"

Do momento de sua formação, a vida de Liz Taylor, a mais bela mulher do mundo, é um exemplo de sucesso e beleza.

Liz Taylor, a mais bela mulher do mundo, é um exemplo de sucesso e beleza.

Marcadas as Datas Das Reuniões de Governadores

BRASILIA (do correspondente) — O Presidente João Quadros aprovou o programa de trabalho dos governadores para o ano de 1961.

O Presidente João Quadros aprovou o programa de trabalho dos governadores para o ano de 1961.

Figura 163- A Marcha. 9 de março de 1961. Capa. nº 390

SALVAI O BRASIL Com o Sinal da Cruz

Arquivo
D. Silvério
Histórico

Brasileiros: Está no hora de mudar! — O destino da Pátria depende do voto de cada cidadão — Plínio Salgado é o número 3 da cédula única — A 3 de outubro marcharemos para a vitória!

A Marcha da Semana:

A CONFRARIA

Gladstone Chaves de Melo, José Gomes Brito (lembra-se daquele guarda da Paris?) Adauto Lúcio Cardoso (jacobino branco), Gustavo Corção (inesquecível ator da imortal peça comunista, correponde a um anseio dos povos), Jânio Caspary Quadros, Rogério Botte Ferreira (O socialismo é uma doença), A "secretária" Enéida Oshira, Frankenstein, Berta (Biografia de Tito no Brasil), Raimundo Quaximada Magalhães Junior (aprendeu a ser discreto na agência policial Argus), Mário Queiroz Martins (Maria vai com as outras), Xavier Sincura de Araújo, Domingos Marx Velasco, (Nacionalista da 1ª Internacional), "Nino", Odor Nuno (desenho pra frente, péssimo pra trás), Nestor Resque, da "democrática", Duarte, Matti (estréia da Imprensa Popular), Alomar, Balseiro (outro da Linha Auxiliar).

MENTIRA CARIOCA

O "Diário de Notícias", veiculando calúnias e mentiras da mais baixa teor, por certo perderá grande parte dos seus leitores. A título de informação, medite o sr. João Portela Dantas: Wanderley Junior, secretário do seu jornal, é um velho conhecido da polícia política (Fração da Imprensa). Anda muito a Linha Auxiliar do P. C. Assim noticiam o espetáculo conhecido da Esplanada do Castelo: "Compareceram quinhentas pessoas".

1914

O DIP da candidatura socialista não gostou da Argus. Resolveu contratar a Standard para a "última ofensiva". Injustiça. Até que os Sherlockes da Argus são eficientes. Contratando as enciclopédias e tratados de história, foram descobrir uma organização "nascida" em 1914.

PONTO FACULTATIVO

O governador José Américo de Almeida, ilustre figura das letras nacionais, em homenagem à candidatura Plínio Salgado, decretou ponto facultativo para que os funcionários estaduais pudessem assistir ao comício do candidato do povo, realizado em João Pessoa.

PRIMEIRA DAMA

na cidade de Recife, Pernambuco, a primeira dama do Estado, esposa do gen. Cordeiro de Faria, é conhecida na sociedade como fervorosa adepta da candidatura Plínio.

GOLPE

O jornalista Carlos Lacerda, em artigo, declarou: "Troca o apoio à candidatura Juarez, que considera derrotado, pelo apoio de Juarez ao golpe posterior ao pleito".

MINISTERIO

O deputado Capanema confirmou ao deputado Compagnoni o convite que Getúlio fez a Plínio para ser ministro da Educação. Capanema argumentou: "Fui o primeiro a saber do convite e fui o primeiro a saber que Plínio não aceitará, porque a condição era a renúncia aos seus princípios".

HOLLANDA

De cada um de vocês, eleitores brasileiros, depende o destino da Pátria. Vencendo a calúnia, a mentira, a aliança do capital nacional com as internacionais vermelhas, vencendo os inimigos do

Brasil na gloriosa arrancada pela vitória da dignidade, votem de acordo com a consciência, colocando a cruz no nome do candidato mais culto, e mais capaz, o grande li-

(Conclu. na 14ª pag.)



Ano III • Rio, 23 de Setembro de 1955 • N.º 133

Vitalino, Oráculo da "Grande Imprensa"...

Pitonas, sibilas, cartomantes, quiromantes e videntes de toda espécie enriquecem o patrimônio de ingenuidade e credulidade das pessoas menos instruídas, prevendo coisas agradáveis, adivinhando felicidade e anteveendo benesses. Isto vem de tempos imemoriais e, para provar que tinha razão o filósofo ao dizer que por mais adiantados que se julguem, os homens ainda são escravos dos séculos de ignorância que nos precederam — não são menos crédulos, de um modo geral, os de hoje que os de amanhã.

Não se tenha dúvida, portanto, de que os oráculos feitos a respeito de Plínio Salgado, não são menos credíveis.

(Conclu. na 15ª pag.)

PARA PRESIDENTE DA REPÚBLICA

☐ — JUAZ TAVORA

☐ — ADHEMAR DE BARROS

☒ — PLÍNIO SALGADO

☐ — JUSCELINO KUBITSCHEK

PARA VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

☐ — JOÃO GOULART (JANGO)

☐ — MILTON CAMPOS

☐ — DANTON COELHO

RESPOSTA A JUAREZ!

Esmagadora demonstração da força eleitoral de Plínio Salgado no interior do País — O Prefeito de D. Silvério, Minas, faz elogio do candidato nacionalista — "O homem de nossa terra não se contenta apenas com a solução dos problemas materiais, ele está à procura também da alma da Pátria" — diz o ilustre missivista

O jornal católico do Rio — "A Cruz" — um dos órgãos mais autorizados e

conceituados da Igreja, transcreveu em sua edição de 28-8-1955, impressionan-

te carta do Prefeito de D. Silvério (Minas Gerais) ao general Távora. O mesmo

documento, cuja importância deve ser assinalada nesta hora em que os juarezistas oferecem ao País as mais salientes demonstrações de desespero, através de calúnia e difamação contra Plínio Salgado, vai aqui reproduzido para que os brasileiros se certifiquem da verdade.

"D. Silvério, 1 de julho de 1955. Exmo. Sr. Gen. Juarez Távora — Cordiais saudações.

Recebi, com honrosa surpresa, uma carta-circular de Vossa Excia. que condiz inteiramente com o muni-

(Conclu. na 2ª página)

MAIS DE 1 MILHÃO DE BRASILEIROS CONTRIBUÍRAM PARA A CAMPANHA!

O deputado Compagnoni afirma que os recursos da candidatura do grande líder nacionalista provêm do povo — As provas dessa afirmativa estão à disposição dos interessados (Texto na página 4)

Apoteose na Esplanada do Castelo!

Milhares e milhares de pessoas assistiram o Comício-Monstro do candidato popular à Presidência da República — Os oradores — Fala Plínio Salgado — A passeata e o seu aspecto cívico — Momentos inesquecíveis para a multidão que ouviu e aplaudiu o grande líder dos povos — Certeza na vitória final.

Figura 164- A Marcha. 23 de setembro de 1955. Capa. nº 133



Figura 165- A Marcha, 12 de agosto de 1960. Capa, nº 365



Figura 166- A Marcha, 8 de abril de 1960. Capa, n.º 348



Figura 167- A Marcha. 13 de julho de 1961. Capa. n.º 407

Considerações Finais

O ÚLTIMO RISO DE QUEM RI POR ÚLTIMO

Ride, ridentes!
 Derride, derridentes!
 Risonhai aos risos, rimente risandai!
 Derride sorrimente!
 Risos sobrerisidos- risadas de sorridentes risores!
 Hílare esrir, risos de sobreridores riseiros!
 Sorrisonhos, risonhos,
 Sorride, ridiculai, risando, risantes,
 Hilariando, riando,
 Ride, ridentes!
 Derride, derridentes!

Quando o poeta concretista Horoldo de Campos traduziu em 1950 o poema de Velimir Khébnikov, *Encantação pelo riso*, escrito em 1910, mais uma vez, o dístico latino “Ride, ridentes!” tomou vida e o gênero se fez ainda mais pleno. Esse poema foi cronologicamente o primeiro vanguardista na poesia russa e uma figura central no movimento futurista nacional, embora sua influência tenha ultrapassado essas fronteiras. A ideia principal do poema, além de brincar com as aliterações foi jogar com três formas de um radical do russo que passa a ideia de “riso”, “graça”, e que se encontram nestas palavras: (*smekh* – riso), (*smeiatsia* – rir) e (*smeshno* – engraçado). Assim, esses três radicais (*smey-*, *smekh-*, *smesh-*) se combinam com uma infinidade de prefixos e sufixos que dão os mais finos matizes de significado. Esses radicais e afixos promovem uma riqueza sonora que passa a ideia do riso, da zombaria, do fuxico, do sussurro.

A caricatura é um gênero ficcional de pleno direito, diria o crítico de arte e professor, J. Teixeira Coelho Neto. Sobre isso concordamos plenamente... Depreende-se dessa definição a ideia de que os desenhos humorísticos em geral, e a caricatura em especial, agiram como como gatilho ou trampolim para os propósitos anticomunistas do integralismo, além de propiciar a experiência da adesão por meio do cômico, possibilitou que uma dada narrativa imagético-textual pudesse ser contada. Neste sentido, a mesma zombaria, fuxico e sussurro produziram ecos nos jornais integralistas. Os jornais *Idade Nova* e *A Marcha* acompanharam praticamente toda a trajetória do PRP. Quando da fundação do primeiro, o partido ainda iniciava sua estruturação nacional e lutava para se consolidar. O encerramento das atividades do segundo, por sua vez, acompanhou a extinção do próprio PRP, já no contexto ditatorial. Ambos foram

eficientes e privilegiados instrumentos de difusão doutrinária e de propagação política. A utilização do ferramentário caricatural foi um dos grandes exemplos de estratégias empregadas pelo movimento para externar sua percepção da política vigente. Talvez, o mais relevante, uma vez que doutrinava e se comunicava com seu público sem a necessidade da cognição intelectualizada que os textos doutrinários exigiam. Por isso, tornou-se a mais eficaz tática de cooptação militante, nestas quase duas décadas de produção, difusão e execução política.

O conjunto de indivíduos abordados neste livro resultou basicamente da mistura de dois grupos de atores: os conservadores e os reacionários (MOTTA, 2006, p. 47). Os integralistas vinculados à retomada de sua ação política pós 1945, se destacaram por oscilarem entre o reacionarismo e o conservadorismo. Como reacionários, possuíam como característica maior uma predisposição à intransigência, a incapacidade de aceitar mudanças de qualquer natureza. Como conservadores, ameaçados por tais mudanças, tiveram dificuldades em flexibilizar muitas de suas propostas, justamente por elas não corresponderem às demandas vigentes. Neste sentido, esses integralistas foram apenas um dos grupos que atuaram em prol da manutenção de valores que acreditavam fundamentais para seu projeto de poder e Nação. Por isso, a tradução desses atores políticos em traços marcadamente acentuados (*caricaturare*) ajudou a perceber que a esfera de atuação política não era somente a manifestação da palavra escrita. Os conservadorismos e reacionarismos se acentuam ainda mais nos traços debochados da detração de antagonistas e na delirante acentuação dos supostos predicados do chefe integralista: prova da miopia falastrona dos desenhistas vinculados ao movimento.

A ideia de que a caricatura política conseguiu preservar a sua eficácia corrosiva, a sua carga de ironia violenta, por meio de uma linguagem direta e de uma imagética satírica encontraram nas caricaturas dos jornais integralistas do período pós-guerra, vasto campo de análises. Nos estertores deste período (1950/1960) em que tal linguagem se expandiu severamente, graças às variedades da comunicação visual e da utilização sem censura das mesmas, uma premissa não resistiu: a partir da metade da década de 1960, as liberdades do traço e da palavra mudariam de tom, forma e perspectiva. E o integralismo das caricaturas, caricaturando sua própria manifestação terminou por engrossar a fila dos pequenos e médio escalões de um governo nada caricatural. Mas, este é o corolário nada risível de outra história.

Cabe mencionar que infelizmente, a despeito de toda diligência para se encontrar a identidade dos cartunistas integralistas de *Idade Nova* e *A Marcha*, o anonimato continuou resguardando as penas de Cândido Rio, Z. Carlos e Carlos Buritti, bem como de Ala-Mir. Não foi possível descobrir quem eram os donos dos traços que imortalizaram personagens nas páginas daqueles jornais. Nenhum de nossos depoentes souberam

precisar a identidade dos desenhistas. Biografias desses artistas do nanquim ajudariam a completar lacunas de parte dessas histórias.

Em tempos de revisitação do *modus operandi* integralista, cujo motor principal ainda é a ideia genérica do anticomunismo, o governo desastroso do presidente Jair Messias Bolsonaro, além de reeditar o slogan integralista: “Deus, Pátria e Família”, insistiu nesses quase quatro anos de mandato o discurso de uma guerra cultural anticomunista. Se genealogicamente, AIB, PRP, Arena, Prona e bolsonarismo guardam relações de proximidade ideológica diretas com o que havia de mais anacrônico, conservador e reacionário na política nacional, (embora a direita bolsonarista seja inepta e desinteligente, o que a integralista jamais foi) ideologicamente, o integralismo permanece vivo nas ações de grupos menos visibilizados da esfera conservadora da política brasileira. O exemplo do integralismo, a forma como viam o mundo e eram vistos marcaram as décadas de 1940, 1950 e 1960 e com traços cada vez mais carregados serviram de matriz para novas direitas que se conheceriam nas décadas subsequentes. O mesmo traço que serviu para ridicularizar os antagonistas do integralismo, trabalhou para evidenciar sua autovalorização.

Por este motivo, as regras da contrapropaganda aludidas por Jean-Marie Domenach acabaram alimentando o *modus vivendi* da direita no Brasil que viu, na sinalização dos temas caros ao antagonismo; no desmonte da propaganda adversária; no ataque aos pontos fracos do opositor; na exploração exaustiva deste mote, terreno confortável para sua ação. A tergiversação do ataque frontal à propaganda adversária; a valorização da contradição da propaganda do outro e, sobretudo, a ridicularização do mesmo, atribuindo-lhe zombarias dignas de histórias cômicas, ajudaram o integralismo a predominar seu “clima de força”. Tais elementos de contrapropaganda serviram de chave para uma análise mais acurada das dezenas de caricaturas selecionadas na confecção deste livro, que não se esgota em si. Novas abordagens dimensionarão de forma ainda mais dilatada a compreensão dessa estrutura ainda presente e em plena operação. Se nos livros já escritos sobre o integralismo houvesse espaço para novas inserções, a análise das caricaturas de seus jornais teria lugar garantido, dada a conexão imanente de tais fontes com a mensagem que pretende emitir: filhas pródigas do século 20, que exigem do historiador do século 21, atenção redobrada, as caricaturas, tais como os atuais memes necessitam, igualmente, de um arcabouço complexo para sua compreensão. Embora este livro não cubra fatos históricos corolários dos analisados aqui, como a crise dos mísseis de 1962, e a aproximação cada vez mais consolidada entre a URSS e Cuba, o que se percebe é que a cobertura continuou parecida, embora os desenhos, charges e caricaturas fossem se escasseando conforme a linha editorial de A Marcha foi se modificando ao longo da década de 1960. Em 1965, para efeito de comparação, quase não havia mais caricaturas publicadas no jornal, efeito das mudanças na linha editorial que buscava se aproximar cada vez mais da diagramação

dos jornais de grande circulação, numa tentativa frustrada de amealhar mais leitores e assinantes. A Marcha da metade da década de 1960 era um jornal moribundo, sem graça e sem riso. Entraria em declínio e seu ocaso se deu em 1965, quando suas páginas passaram a se parecer com as dos jornais liberais, muito mais do que com aquele A Marcha ideológico dos anos 1950. E em uma mensagem aos que criam na sua cosmogonia (pessimistas de todos os matizes e motivos), terminou a década de 1960 menos relevante que a memória de seus antagonistas.

De qualquer modo, se, de fato, os aforismos “é com o riso que se corrigem os costumes” e uma “imagem vale mais que mil palavras” falam por si, as caricaturas integralistas no período da Guerra Fria foram ferramentas fundamentais para que o olhar integralista frente ao mundo em que estava inserido, encontrasse adesão e ressonância em sua militância, diluída como sal em água, ao longo das últimas décadas do século passado. O fato de em pleno 2023 ainda lembrarmos desses episódios, demonstra que os integralistas deixaram marcas importantes na psique política de nosso país. O bolsonarismo mimetizado é apenas um dos exemplos dessas marcas. Como já dito em nossa introdução: prestemos atenção nos traços deixados, pois o burlesco e o grotesco costumam ser tão palatáveis quanto perigosos.

A Marcha

SEMANÁRIO DE CULTURA E AÇÃO

ANO VIII • Rio de Janeiro, 16 de Março de 1961 • N.º 391



**CARA DE PALHAÇO, ROUPA DE PALHAÇO,
PINTA DE PALHAÇO...**

(Charge de ALA-MIR)

Figura 169- A Marcha, 16 de março de 1961. Capa. nº 391

O DISCO DA SEMANA

Por ALA-MIR



Figura 170- A Marcha. 24 de julho de 1959. Capa. n° 314. Disco da semana. Ademar, Jânio, Lott ou Salgado?

Referências

AMADO, Jorge. *Subterrâneos da Liberdade: agonia da noite*. 2 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

ARAÚJO, Sean Matheus de. *Literatura de Jorge Amado na Era Vargas*. Trabalho de Conclusão de Curso. História UFJF. Orientação: Rodrigo Christofoletti, 2021.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

BERTONHA, João Fabio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*. v. 20, nº 40, São Paulo, 2000.

BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo: 1932-2007*. Jaboticabal: Funep, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGSON, Henri. *O riso – Ensaio sobre o significado do Cômico*. Lisboa, Guimarães, 1993.

BEZERRA, Maria Marciária Martins. Bakhtin: plurilinguismo e romance romanesco em Os Subterrâneos da Liberdade. Revelli: *Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas*, v. 1, p. 32-48, 2009.

BIOGRAPHY. The French Resistance's Secret Weapon? The Mime Marcel Marceau. *History Channel*. 7 mai 2019. Disponível em: <https://www.history.com/news/marcel-marceau-wwii-french-resistance-georges-loinger>. Acesso em: dia mês ano.

BORGES, Valdeci Rezende. *História e Literatura: Algumas Considerações*. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/2010.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. (Biblioteca básica), 1992.

CALIL, Gilberto. *A Nova face do verde: o Integralismo no pós guerra e a criação do PRP*. Dissertação de Mestrado na PUC-RS, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1969.

_____. Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo. Companhia Nacional de São Apulo, 1965.

CAPELATO, M. H. R. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6ª ed., São Paulo: Contexto, p. 183-213 e 447-451, 2007.

_____. Estado o que trouxe de novo?. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6ª ed., São Paulo: Contexto, p. 109-143, 2007.

CARTA POGRAMA DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR – PRP. Edição da Secretaria Nacional de Propaganda, RJ, s./d.

CAVALLARI, Rosa Maria Feiteiro. *Educação e Integralismo*: um estudo sobre as estratégias de organização da AIB (1932-1937). Tese de doutoramento. FEUSP, 1995.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre, RS: Ed.Universidade/UFRGS, 2002.

_____. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado*: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. SP, Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, M & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização popular*. 2ª ed. RJ, Paz e Terra/ CEDEC, 1978.

CHRISTOFOLETTI, R. *Enciclopédia do Integralismo*. O dogma do Sigma. Editora da UFJF. 2021.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. A imagem e a subtração do olhar informativo e estético. *DataGramaZero*, v.7, n.6, dez., 2006.

CREUZBERGER, Stefan. Stalin. Machtpolitiker und Ideologe. Kohlhammer, Stuttgart, (English Version), 2009.

DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. São Paulo. Ridendo Castigat Mores, (e-book), 2002. Disponível em: www.jahr.org. Acesso em: 23 maio 2021.

DUPRÉEL, E. Le problème sociologique du rire. *Revue Philosophique de la France et le l'Étranger*. Paris, 106 (9/10), p. 213/260, sep./oct., 1928.

REFERÊNCIAS

- DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário*. Formação política na década de 30. Ed. UFMG/UFRJ, 1997.
- ECO, Umberto. *Kant e o ornitorrinco*. São Paulo. Record, 1997.
- _____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- _____. *Signo*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 245, 1994.
- _____. *O nome da rosa*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- FILHO, João Roberto Martins. In: *Arquivo em Imagens*, Última Hora, vol. 4, 1989.
- FONSECA, Joaquim. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre. Artes e Ofícios, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- _____. *Microfísica do Poder*. (11ª ed.) Rio de Janeiro, Graal, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GÓES, PAULO. O problema do riso em o nome da rosa, de Umberto Eco. In: *Rev. Filos.*, Aurora, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 213-240, jan./jun. 2009.
- GONÇALVES, Leandro Pereira. Plínio Salgado e a Guerra Fria: uma análise entre Brasil e Portugal no âmbito das Guerras Coloniais. In: *Les droites latino-américaines pendant la guerre froide (1959-1990)*, 79, p. 31-54, 2015.
- GONÇALVES, Williams da Silva. *O realismo da fraternidade: Brasil-Portugal*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2003.
- GOLDSTEIN, I. S. Uma leitura antropológica de Jorge Amado: dinâmicas e representações da identidade nacional. *Diálogos Latino-americanos*, Aarhus, v. 1, p. 109-133, 2002.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores: políticas culturais do Estado Novo*. RJ, FGV, 1996.
- GRAVINA, Paulo Otávio Barreiros. *Que Brasil é esse? – O que eles disseram sobre o Brasil*. São Paulo. Ed. Livros Ilimitados, 2017.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil - uma história*. Edusp, SP, 1981.

- HOBSBAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, Papirus, 1996.
- KOSSOY, B. *História e Fotografia*. 2. ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 1989.
- LEFORT, Claude. *A invenção democrática*. SP, Brasiliense, s/d.
- LENHARO, Alcyr. *A sacralização da política*. Campinas. Papirus, 1986.
- LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio. 4 vols. 1963.
- MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. In: *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.
- _____. *A leitura de imagens na pesquisa social*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Através da imagem. In: *Encontro Nacional de História do Esporte*, 3. Anais. Belo Horizonte, p. 3-10, 1996.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dominante no Brasil. 1920-1945*. RJ, Difel, 1979.
- MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro. Zahar, 2006.
- _____. A “indústria do anticomunismo”. *Anos 90* (UFRGS), Porto Alegre, v. 15, p. 71-91, 2002.
- NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Lisboa, 1979.
- OLIVERA, L. Lippi de. (coord.); GOMES, Angela de Castro; WHATELY, Maria Celina. *Elite intelectual e debate político nos anos 50*. RJ, RGV, 1980.
- PARIS MATCH. *Le integralisme: voilà l’ennemi ou synonyme de pleurer de rire?*. Out. 1957.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura*. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003.
- PROGRAMA DO MANIFESTO DE OUTUBRO DE 32. (Edição comemorativa do 50º aniversário do manifesto). SP, Ed. Vozes, 1982.
- QUEIROZ, Renata Sousa. *História da Caricatura no Brasil: um fardo nobre, cheio de memória e pertencimento*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Luis Filipe. *Geometrias do Imaginário*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000.

RILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. São Paulo, Record. 1990.

ROCHA, E. P. Textos e Contextos: a longo e complexo relacionamento entre História e Literatura. In: *Revista outros tempos: Dossiê História e Literatura*. Revista Birtual, v. 8, p. 39-58, 2011.

SALGADO, Plínio. *Discursos Parlamentares* (Seleção e Introdução de Gumercindo R. Dórea) Brasília, Câmara dos Deputados, 1982.

_____. *A Enciclopédia do Integralismo*. Vol. 1. O Integralismo e a justiça brasileira. Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira, 1957.

_____. "A Unesco e a debilidade do mundo atual (10-04-1961)". In: *Discursos parlamentares*, v. 18, Brasília, Câmara dos Deputados, p. 358-375, 1982b.

_____. "Colonialismo no mundo contemporâneo e o caso do navio *Santa Maria* (06 fev. 1961)", in: *Discursos parlamentares*, v. 18, Brasília, Câmara dos Deputados, p. 327-257, 1982c.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTAELLA, Lucia. Imagem como representação visual e mental. In: *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. *História e Literatura: uma relação possível*. Revista Científica, Curitiba, ano II, v. 2, jan-dez/2007.

SAUVY, Alfred. *Le pouvoir et l'Opinion*. Paris: Payot, 1948.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Halena M.B.; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª edição, p. 143-144, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1 ed., 1983.

SHATFORD, Sara. *Analyzing the subject of a Picture: a theoretical approach*. Catalog and Classification Quarterly. New York, v. 3, n. 3, p. 39-62, 1986.

SILVA, Hélio. *1938 – Terrorismo em campo verde*. RJ, Civilização Brasileira, 1971.

SILVA, M. A. *Caricatura como pensamento - A Carlota de Carla*. O Olho da História, v. 10, p. 2, 2008.

_____. Detrito federal- O vômito e o silenciamento de Lucrécio Barba de Bode. *História & Perspectivas* (UFU), v. 40, p. 179-205, 2009.

_____. *Caricata republica: Zé povo e o Brasil*. São Paulo. Marco Zero/CNPq, 1990.

_____. Riso, pensamento e sociedade. Última hora. Ilustrações. Arquivos em imagens. Número 3, 1999.

SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. (Trad.) Ana Maria Capovilla & Albino Polli Jr. Porto Alegre, L&PM, 1986.

TRINDADE, Héglio. Integralismo: “Teoria e Praxis políticas nos anos 30”. In: FAUSTO, Boris (dir.). *História Geral da civilização Brasileira*, SP, Difel, p.298-335, 1981.

_____. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*, SP, Difel, 1979.

ÚLTIMA HORA. Ilustrações. *Arquivos em imagens*. Número 3, 1999.

VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. SP, Brasiliense, 1979.

VICTOR, Rogerio Lustosa. Os fios da memória integralista: o semanário A Marcha e a reinvenção do passado. In: Gonçalves, Leandro da Silva & Renata Simões. *Entre Tipos e recortes*. Vol. 2. Porto Alegre. Ed PUCRS, 2012.